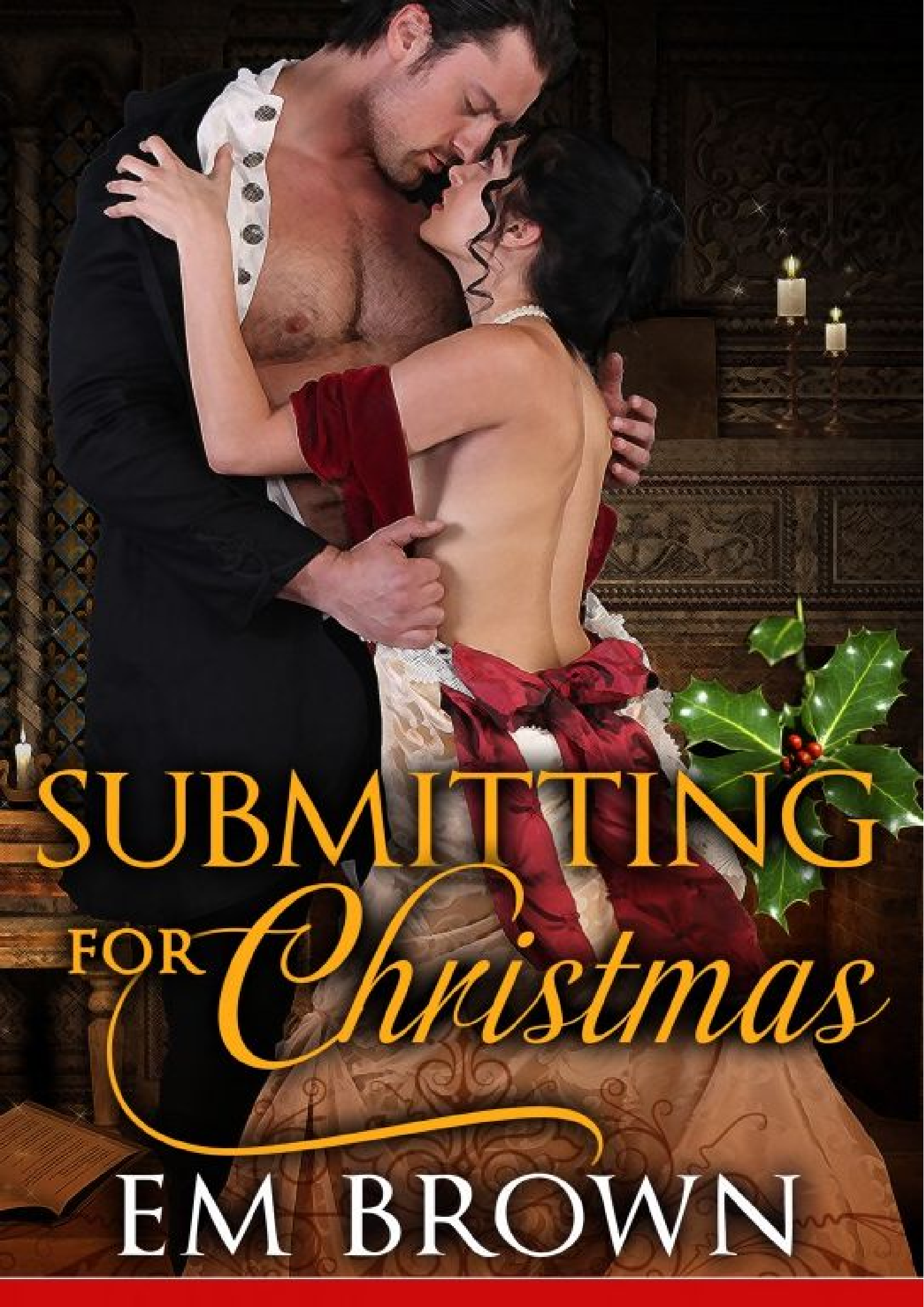
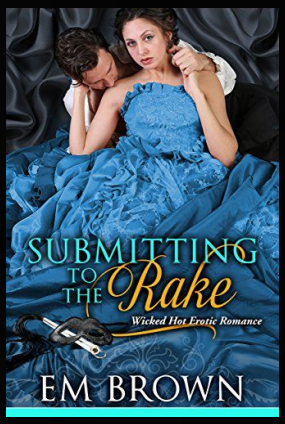
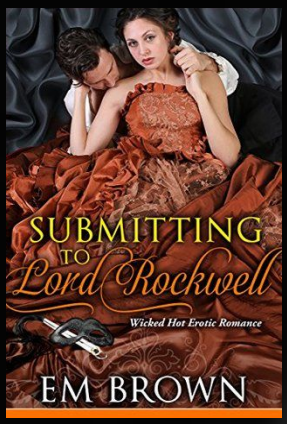
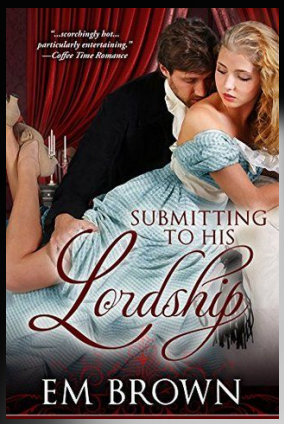

SUBMITTING
FOR Christmas
EM BROWN

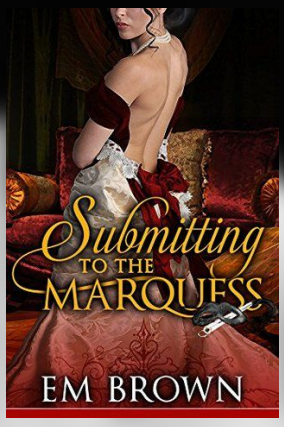

Pegasus Lançamentos
Lendo Romances
LR
Traduções Históricos
Apresentam
SUBMITTING
FOR Christmas
Chateau Debauchery #5
EM BROWN

Chateau Debauchery







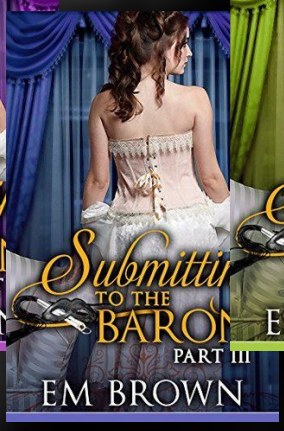


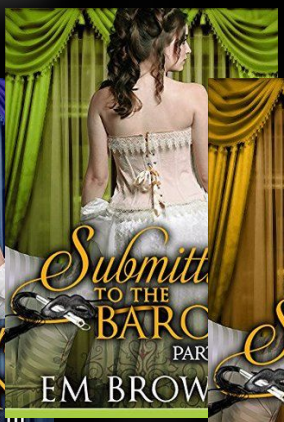
LANÇAMENTO

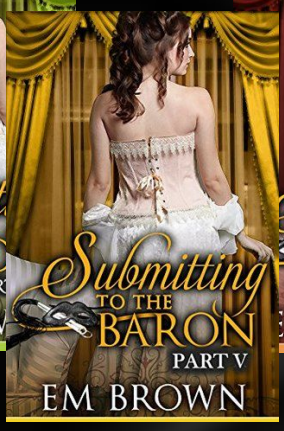


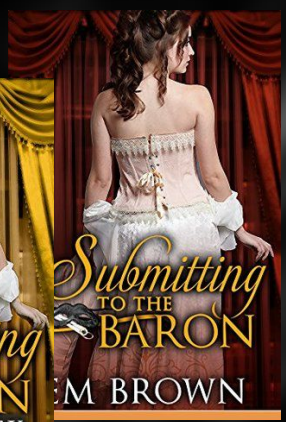














Sinopse

Um romance histórico erótico que termina com a história entre uma "verdadeira" senhorita da Regência com desejos sombrios e o Marquês que faria dela sua esposa.

Mildred Abbott tem dúvidas sobre se casar com o marquês de Alastair, mas ela concorda com um último ato de devassidão perversa com ele.

UM AVISO GENTIL

ESTE ROMANCE CONTÉM ELEMENTOS BDSM, TEMAS DE SUBMISSÃO E DOMINAÇÃO E MUITAS OUTRAS FORMAS DE DEVASSIDÃO PERVERSA.

Para mulheres desagradáveis

AVISO

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pegasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responde individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Por favor, não publique nossos arquivos em redes como blogs e Facebook

Se você viu algum arquivo do PL em algum lugar sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros do PL ajude!!

Quem gosta, respeita nosso grupo!

Não publique diretamente no Face, blogs e afins, não exponha o grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Se não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pegasus Lançamentos

Capítulo Um

Mildred Abbott estremeceu quando sua mãe soltou um gemido de desespero. Ela não desejava causar dor à mãe, mas neste caso, seu alívio superou sua culpa.

— Você deve falar com Haversham novamente — a Sra. Abbott insistiu.

Mas o Sr. Abbott havia se acomodado em sua poltrona favorita diante da lareira e, tendo feito isso, dificilmente se levantaria por algum tempo.

— Ele decidiu partir para a Escócia amanhã.

— Mais um motivo para falar com ele antes que seja tarde demais — disse sua esposa, com a voz alta e estridente de desespero.

O Sr. Abbott balançou a cabeça.

— Não adiantaria. Não é Haversham quem deve mudar de ideia. É Alastair.

Mildred respirou fundo. Seu primo tinha feito isso. Embora ele inicialmente tivesse se recusado a intervir na questão do noivado, no final ele conseguiu o resultado que ela esperava. Ela errou ao aceitar a proposta do Sr. Haversham, e apenas o marquês de Alastair tinha a posição e a influência para alterar o arranjo sem

que muitas consequências caíssem sobre o casal anteriormente noivo.

— Certamente algo pode ser feito — a Sra. Abbott persistiu. — Haversham gostava de nossa Millie. Eu sei disso.

— Aparentemente, não o suficiente para concordar com os acordos de casamento exigidos por Alastair.

A Sra. Abbott torceu as mãos.

— Não sei por que o marquês decidiu se preocupar com este assunto quando ele nunca se preocupou conosco antes. Por que agora?

— Suponho que seja minha culpa por tê-lo abordado com um pedido de dote para Millie.

— No entanto, não é ele que precisa se casar com Haversham!

Millie reprimiu um sorriso com a ideia de seu primo se casar com Haversham. Os dois homens não podiam ser mais diferentes. O último era um dândi obsequioso que tinha conexões modestas, o primeiro era um homem de qualidade arrogante e, muitos o consideravam de coração frio.

O Sr. Abbott pegou seu jornal. — Bem, como é ele quem fornece o dote de Millie, ele tem o direito de interferir.

A Sra. Abbott deu outro gemido. — Agora, quem vai ficar com Millie? Não é como se ela tivesse uma fila de homens querendo cortejá-la!

Mildred não se ofendeu com isso, pois era verdade. Embora ainda houvesse muito que pudesse fazer para melhorar sua aparência, ela sabia que sua beleza era mediana. Ela não tinha tranças suaves, cílios longos nem a figura esguia desejada pela maioria. Ela tinha outras qualidades que serviriam bem a um marido, mas havia uma parte dela que poucos considerariam aceitável.

Sob sua fachada de bom senso e bondade, agitava-se uma natureza escura e lasciva. Ela tinha muita vergonha dessa parte dela até que a tia de Alastair, Lady Katherine, a encontrou de uma forma comprometedora. Na agonia por ter arruinado sua família, Mildred ficou muito surpresa quando Lady Katherine a confortou e, mais tarde, a *encorajou.*

Foi um imenso alívio para Mildred descobrir que ela não estava sozinha em suas tendências perversas, e que estas eram compartilhadas por uma mulher a quem ela respeitava e admirava.

— Agora Millie nunca vai se casar! — A Sra. Abbott lamentou enquanto afundava no sofá.

Mildred sentou-se ao lado da mãe e passou-lhe um lenço para enxugar os olhos. Solteirona não era uma perspectiva que assustasse Mildred, exceto pela dor que seus pais poderiam sentir. Ela era sua única filha, e como eles tinham apenas os meios mais modestos, apesar de sua ligação com André d'Aubigne, marquês de Alastair, sua única esperança de ver sua filha sustentada era através do casamento. Por esse motivo, Mildred aceitou a mão de Haversham.

Mas o arrependimento se instalou minutos após sua aceitação. Naquela noite, ela decidiu que preferia ser uma solteirona se casar com Haversham. Se não fosse possível ter um marido – ela se perguntava se algum dia conseguiria encontrar o homem certo para se casar, ela arranjaria emprego como governanta ou companheira. Ela poderia pedir ajuda a Lady Katherine, que gostava dela. Ela garantiria seu próprio futuro.

— Eu me sinto muito mal — disse a Sra. Abbott.

— Devo ajudá-la a ir para a cama, mamãe? — Perguntou Mildred.

— Não não. Estou muito chateada para me recolher.

— O dote de Millie ainda está em vigor — assegurou Abbott à esposa sem desviar os olhos do jornal. — Alastair até aumentou a quantia para quatro mil libras. Espero que vejamos mais pretendentes do que gostaríamos de entreter.

A Sra. Abbott se levantou de um salto.

— Quatro mil libras! Verdadeiramente? Por que você não falou sobre isso primeiro? Por que, com uma soma tão grande, Millie pode ter alguém muito melhor do que Haversham.

Mildred ficou sentada, perplexa. Ela não havia pedido isso a Alastair e duvidava que seu pai, que ficaria mais do que satisfeito com a metade da quantia, ousasse pedir mais do que o inicialmente concedido.

A Sra. Abbott praticamente dançou pela sala de estar.

— Devo contar isso à senhora Porter! Ela não vai acreditar! Por fim, o casamento de meu irmão com uma d'Aubigne produziu algum benefício para nós. Quase posso perdoá-lo agora por sua falta de consideração. Ele deveria ter provido para o resto de nós, em vez de manter as riquezas da família d'Aubigne para si.

Mildred nada disse, pois Richard, o irmão mais velho da Sra. Abbott, falecera há muitos anos e, portanto, não receberia sua clemência. E Mildred acreditava que seu tio, talvez envergonhado de sua origem humilde, agia para proteger os d'Aubignes de parentes suplicando.

— Richard queria que acreditássemos que Alastair não tinha um osso generoso em seu corpo, mas com quatro mil libras... Bem, suponho que isso compensa sua falta de atenção para conosco todos esses anos. Surpreende-me o quão pouco ele fez por nós. Afinal, Millie é prima dele.

— Por casamento, não por sangue — Mildred lembrou à mãe.

— Oh! A diferença não deve importar. Eu esperava que vocês dois pudessem ter formado um vínculo, já que não são tão diferentes em idade.

Mildred enrubesceu. Sua mãe nunca poderia saber que, por uma noite, um vínculo especial *da natureza mais íntima* havia sido estabelecido entre Mildred e Alastair, mas não do tipo que a Sra. Abbott jamais teria concebido.

Mildred apertou as pernas com mais força ao se lembrar de como o marquês cuidara deliciosamente da carne entre suas coxas *com a língua.* E ela, por sua vez, tomou seu membro em sua boca.

Como tudo tinha sido primorosamente travesso. Como tudo tinha sido incrivelmente arrebatador.

Mildred tentara não se lembrar com muita frequência de sua noite no Château Follet, conhecido como Château Debauchery, quando entregou seu corpo a Alastair. Mas a resistência foi inútil. Foi o acontecimento mais memorável de sua vida. Ela havia repetido cada momento, e cada lembrança produzia um calor dentro dela. No silêncio de seus aposentos, ela se acariciava com as memórias. Ela achou seu próprio toque deficiente em comparação com o dele, mas não ousava sonhar com um bis. Ela ainda se maravilhava por ter conseguido forçá-lo a tomá-la e realizar seus desejos mais profundos e sombrios.

Ela havia decidido apesar da crença de Alastair ao contrário, que a maneira como eles se encaravam e interagiam não mudaria.

— Você acha que nosso relacionamento pode permanecer o mesmo depois do que aconteceu? Alastair a desafiou na manhã após o congresso.

— Por que não?

— Sua ingenuidade é encantadora, na melhor das hipóteses.

— Bem, não estamos sempre na companhia um do outro — ela respondeu. — A noite terá pouco significado para você depois que você tiver um encontro com a senhorita Hollingsworth ou com quem você escolher a seguir. Eu diria que você terá esquecido completamente à noite após sua próxima visita aqui.

Ela se perguntou se ele havia esquecido, então disse a si mesma que é claro que sim. Ela era apenas uma das muitas que ele, um conhecido libertino, levara para a cama e o fizera, sem dúvida, com relutância.

— Eu me pergunto se devemos convidar o Sr. Carleton para jantar? — A Sra. Abbott meditou em voz alta. — Acho que ele poderia ser persuadido a se interessar por Millie, agora que o dote dela é a soma de quatro mil libras.

— O Sr. Carleton! — Mildred estremeceu. O homem era pior do que Haversham.

— Os negócios mercantes da família dele vão muito bem, eu entendo.

— Ele fez lobby *contra* a abolição do comércio de escravos.

— Ele não era o único, minha garota. E não suponha que você possa menosprezar essas perspectivas simplesmente porque tem um dote de quatro mil. Quatro mil! — Ela exclamou sua voz estridente desta vez de alegria. — A Sra. Porter achava que seu sobrinho era bom demais para gente como Millie, mas ela terá que reconsiderar agora que Millie tem *quatro mil libras*!

Mildred franziu a testa. O sobrinho da Sra. Porter, um sujeito corpulento que sofria de gota e que desdenhava os atrevimentos e a necessidade de as mulheres exibirem sua inteligência, dificilmente era uma perspectiva melhor do que Carleton. Isso não funcionaria. Isso não funcionaria de forma alguma. Ela viu uma mesa de jantar cheia de potenciais pretendentes que sua mãe tinha

convidado, horas e horas de conversa educada e sem fim com palermas para os esforços de sua mãe em arranjar casamento.

— Mas eu acho que o Sr. Winslow, o vizinho dela, também pode se interessar por Millie. Ele estava cortejando a senhorita Bennett, mas ouvi dizer que ela gostava de algum dândi.

— Eu pensei que Winslow estava cortejando a Srta. Stephenson — o Sr. Abbott comentou.

— Isso foi *no* ano *passado,* logo depois que dele estar cortejando a senhorita Drury. Ou era da Srta. Laney que ele gostava?

Mildred saltou de pé. — Acho que vou dar um passeio.

— Sozinha? — O Sr. Abbott perguntou, levantando os olhos do jornal, talvez temendo que fosse obrigado a lhe fazer companhia, embora fosse seu costume dar passeios solitários.

— Posso parar para visitar a Sra. Bridges — respondeu Mildred, lamentando a necessidade de mentir. Na verdade, ela pretendia visitar seu primo.

— Não faça uma visita longa, pois o anoitecer estará sobre você antes que você perceba.

— Sim Papai.

Ao sair da sala de estar, ouviu sua mãe dizer.

— Talvez eu tome chá com a Sra. Elliott amanhã. Ela tem um capitão do mar com ela. Ele é um pouco mais velho do que Mildred,

e sua tez me lembra couro gasto, mas isso é de se esperar, quando alguém passa tantos dias sob o sol quanto deve...

Mildred vestiu uma peliça, prendeu rapidamente o chapéu e calçou as luvas ao sair pela porta. À distância até Grosvenor Square, onde Alastair morava, não era curta, mas ela não tinha medo de caminhar.

Ela não podia permitir que Alastair aumentasse seu dote a tal quantia. Era além de generoso, uma característica que ela – ou qualquer outra pessoa – não teria esperado que existisse no Marquês. O que poderia ter causado tal gesto dele? Ela duvidava que seu pai, que ficara bastante nervoso ao pedir um dote em primeiro lugar e provavelmente não o teria feito se não fosse pelo estímulo da esposa, se aventurasse a pedi-lo.

Mas por que Alastair se ofereceu para aumentar seu dote? Para que sua tia não o tivesse persuadido? Mildred supôs que deveria ser assim. Lady Katherine tinha um coração bondoso e gostava de Mildred. Ela teria que agradecer a sua senhoria, mas eles simplesmente não podiam aceitar um dote tão generoso. Mildred estremeceu ao pensar em quem mais a Sra. Abbott reservava para ela.

Mildred acelerou os passos. Embora ela preferisse não fazer mais nenhum pedido ao primo, especialmente quando já exigia muito dele, ela simplesmente tinha que convencer Alastair a rescindir as quatro mil libras.

Capítulo Dois

Mildred varreu o salão de jogos em busca de seu primo. Ela o avistou na mesa de faro, ladeado por duas belezas de cada lado. A bela de cabelos louros à sua direita se inclinava frequentemente em direção a ele, seu ombro roçando o dele a cada minuto. A mulher à sua esquerda tinha lábios largos e rosados e os cílios mais longos que Mildred já vira. Ela os bateu para Alastair por trás de seu leque de cabo de marfim.

As atenções das duas mulheres não surpreenderam Mildred, pois o marquês de Alastair tinha um semblante marcante, senão imponente, emoldurado pelos cachos de ébano de d'Aubigne e todas as qualidades desejadas na forma para seu sexo: peito largo, ombros quadrados e postura que acentuavam sua altura. Embora Mildred não tivesse ficado impressionada a princípio com sua beleza, pois seus olhos não brilhavam com charme e ele não sorria com frequência, desde o encontro no Château Follet, ela passou a considerá-lo atraente de outras maneiras.

— Por favor, diga a Lorde Alastair que sua prima deseja falar com ele — informou Mildred ao lacaio. Ela percebeu que o marquês estava absorto em seu jogo, pois prestava pouca atenção às duas mulheres a seu lado. Mildred não ficaria surpresa se ele decidisse ignorar seu pedido de audiência. Seu mordomo, ao informá-la do paradeiro de sua senhoria, advertiu-a de que ele não gostaria de

ser incomodado. Por esse motivo, Mildred manteve o chapéu e o casaco.

Ela respirou fundo ao observar o lacaio entregar sua mensagem a Alastair. Seu primo ergueu os olhos das cartas, não parecia nem satisfeito nem desgostoso, e Mildred decidiu que não importava se ele a visse. Se ele recusasse, ela sempre poderia escrever uma carta expressando sua gratidão. Na verdade, ela se perguntava sobre a necessidade de vir entregar seus agradecimentos pessoalmente. Ela se perguntou sobre sua própria ansiedade. Teria sido apenas uma desculpa para vê-lo?

O lacaio voltou, e Mildred se preparou para receber a notícia de que o marquês estava indisposto, mas o criado disse: — Se lhe agradar, senhorita, pode aguardar sua senhoria na sala de estar no final do corredor.

Ela soltou a respiração que estava prendendo e respondeu: — Sim, claro.

Ela seguiu o lacaio até a sala. Depois que ele a deixou sozinha, ela caminhou pela sala pequena, mas bem decorada. Ela não tinha paciência para se sentar no sofá no meio da sala. Por que, de repente, ela se sentia nervosa? Era uma bobagem. Ela simplesmente iria agradecê-lo.

Ela só havia sentido esse nervosismo uma outra vez com seu primo. Foi na noite em que ela o abordou no aniversário de sua tia Katherine para pedir sua ajuda para se livrar de seu noivado com Haversham. Ela não o achava frequentemente tão intimidante quanto os outros.

Mas não havia como negar que a natureza de seu relacionamento havia mudado desde aquela noite fatídica no Château Debauchery. Ela não só levantou a saia para ele, como também o fez da maneira mais perversa e devassa.

Para evitar que sua mente voltasse ao passado, ela estudou o relógio barroco de caixa longa no canto, caminhou até a lareira para aquecer as mãos enluvadas no fogo e se viu no espelho acima da lareira. Ela estava feliz por ser atraente o suficiente para Alastair ter capitulado aos seus desejos. Ela imaginou que talvez ele até a desejasse um pouco, o suficiente para ficar excitado, embora ela tivesse ouvido que seu sexo exigia pouco em termos de excitação e poderia ser excitado pela perspectiva de ter um relacionamento com qualquer mulher, mesmo que ela não fosse a mais impressionante.

— O que está errado?

Ela se virou para encarar seu primo. Agora que ele estava mais perto, ele parecia mais imponente. Ela tentou não se lembrar de quão forte e pesado seu corpo parecia contra ela.

— Nada — ela respondeu satisfeita que sua voz carregasse mais preocupação do que era seu costume dele.

— Então por que você está aqui, Millie?

Agora ele parecia descontente.

— Eu vim primeiro para te agradecer — ela disse, recusando-se a se intimidar com o humor dele. — Meu pai disse que Haversham parte para a Escócia amanhã.

— Boa viagem. Posso sugerir que você escolha seu próximo marido com mais cuidado?

— Claro. Prefiro pensar que não vou aceitar mais propostas por algum tempo.

Ele não respondeu, e ela suspeitou que ele desejasse voltar às mesas de jogo, mas não podia sair sem responder a seu outro pedido.

— Eu teria escrito uma carta para expressar meus sinceros agradecimentos, mas não tinha certeza de quando ela chegaria até você e não acho que teria comunicado adequadamente a sinceridade de minha gratidão.

— Não, obrigado.

Saber a melhor forma de agradecimento que ela poderia dar no momento estava permitindo que ele voltasse às suas cartas, e talvez às duas belezas que o aguardavam, Mildred não resistiu a ficar com ele por um minuto.

— Mas você terá, no entanto, pois é a resposta adequada e educada para expressar gratidão onde é devido.

— E quando você soube que eu me importava com o que é adequado e educado?

Ela sorriu.

— *Vou* fazer o que é certo e agradeço. *Você* pode optar por recebê-lo da maneira que desejar.

— Considere-se absolvida de qualquer obrigação adicional. Qual é o seu segundo motivo para vir, e atrevo-me a dizer que espero que não haja um terceiro?

— Não se preocupe. Não pretendo mantê-lo por muito tempo, e você pode voltar aos seus vícios em breve. Eu tenho apenas um pedido simples.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Outro pedido?

Ela corou, percebendo que ela o havia imposto com bastante frequência nos últimos tempos.

— Será o meu último.

— Eu rezo para que não seja um hábito.

Ignorando sua grosseria, ela continuou. — Eu apreciaria muito se você devolvesse meu dote ao valor original de duas mil libras, ou até menos.

Ele olhou para ela.

— Não sei o que meu pai pode ter dito — continuou ela, mas duas mil libras eram mais do que suficientes.

Ele cruzou os braços. — Nunca antes encontrei alguém a quem seja tão difícil doar dinheiro. Você falou do que é adequado e educado. Seria adequado e educado de sua parte aceitar minha doação e ser grato por ela.

— Sou grato por sua generosidade, mas não a usurparia ainda mais.

— Infelizmente, não cabe a você fazer isso. Seu pai aceitou o novo dote em nome de sua família.

— Bem, é claro que ele fez!

— Porque qualquer pessoa de inteligência mediana faria.

Ela respirou fundo, então viu um brilho nos olhos dele que permitiu que ela soltasse o fôlego.

— Alastair, você tem sido mais do que gentil, mas quatro mil libras está além do limite. Eu não mereço tal soma.

— Existem muitas mulheres indignas com dotes muito maiores do que você.

Ela suprimiu uma carranca.

— Mas por que a necessidade de aumentar a quantidade?

— Porque você merece mais do que Haversham.

— Mas quatro mil libras atrairão todos os Tom, Dick e Harry.

— Isso não é problema meu, Millie.

— Mas você... — Ela se forçou a respirar. Como o homem tentou sua civilidade!

— Você é uma garota inteligente. Espero que você aprenda a arte de rejeitar seus pretendentes sem ferir gravemente seus corações – ou orgulho.

— Eu não quero. Lidar com Haversham foi o suficiente para mim.

— Millie, você me fez vários pedidos e não desejo encorajá-la a mais pedidos. Portanto, minha resposta é *não*.

Sua boca ficou aberta antes que ela usasse outra estratégia.

— Se essa for a sua posição, então você terá que sofrer com minha gratidão e muitas, muitas expressões dela – e muitas vezes, profusamente, pois tal nível de generosidade merece elogios e...

Para sua surpresa, ele parou diante dela, e o ar ao redor deles se contraiu de repente.

— Você está me ameaçando? — ele rosnou.

Seu coração palpitava rapidamente. Sua proximidade a deixou sem palavras.

— Se estivéssemos no Château Follet agora... — ele começou.

Ela estremeceu com as possibilidades sem nome. Embora ela tivesse dito a si mesma que muitas taças de vinho contribuíram para o efeito amoroso que seu primo exerceu sobre ela, a verdade era bem diferente, como evidenciado pela sensação de derretimento que ela sentia atualmente.

Vendo que ele a silenciou, ele recuou um passo.

— Terminamos Millie?

Nunca reunir palavras foi tão difícil, mas ela conseguiu uma — sim.

Puxando o xale mais apertado sobre ela, ela foi para as portas.

— Espere.

A ordem a enviou de volta para aquela noite no Château Follett, quando ela seguiu suas instruções com delicioso deleite. Com o coração ainda batendo rápido, ela não ousou olhar para ele, não queria que ele visse o efeito que exercia sobre ela.

— Como você chegou? — ele perguntou.

Ela se virou apenas depois de ter compostura suficiente nas mãos.

— Eu caminhei até aqui a pé.

Ele olhou para a janela. O céu lá fora começava a escurecer.

— Já é tarde. Você deveria usar minha carruagem.

— Obrigado pela oferta, mas não estou assustada com a distância de casa.

— Você veio sozinha?

— Sim mas...

— Então você vai levar minha carruagem.

— Eu gosto de caminhar.

O ar frio ajudaria a amortecer o calor que girava dentro dela.

Ele deu a ela um olhar penetrante, e por um momento, ela pensou que ele poderia terminar o pensamento que ele teve antes e especificar uma punição por sua recusa. Ela estremeceu com tal perspectiva. Ele usaria o chicote com ela? O açoite?

— Não vou precisar da minha carruagem por algum tempo, — ele disse, removendo qualquer último obstáculo para sua

aceitação. — Tempo suficiente para meu cocheiro levá-la para casa e voltar.

— Muito bem — ela declarou. Então, querendo recuperar um pouco de seu orgulho, ela ousou irritá-lo. — Eu aceito sua hospitalidade. Que não se diga que o marquês de Alastair carece de bondade.

Seu semblante escureceu, e ele resmungou: — Considere-se afortunada, Millie, que *não* estamos no Château Follett.

Suas palavras tiraram seu fôlego mais uma vez. Ela queria uma réplica pronta, mas não conseguiu invocá-la. Ela o viu abrir as portas e chamar um lacaio para preparar a carruagem.

— Boa noite, Millie — disse Alastair antes de voltar para a sala de jogos.

Ela ficou feliz por ele não ter ficado para lhe fazer companhia enquanto ela esperava a carruagem. Sua presença a sacudia mais do que ela gostaria. Agora que ele mencionara Château Follett, não havia como evitar se aventurar ali em sua mente.

Capítulo Três

Alastair escolheu a loira, embora pouco importasse qual das duas prostitutas ele selecionava para foder na área atrás do salão de jogos. A Senhorita Woodwin – ou talvez fosse Woodwiss; ele não conseguia se lembrar nem se importava em lembrar – engasgou ao prendê-la contra o prédio com seu corpo.

— Sua senhoria — ela respirou — você é presunçoso.

Apesar da luz fraca de uma lua meio nublada, ele podia ver o brilho de desejo em seus olhos. Ela tinha escovado seu corpo contra o dele a noite toda; escovando seu antebraço enquanto ela pegava uma carta; batendo em seu ombro para informá-lo de sua vez, embora ele soubesse muito bem quando era a sua vez; e esbarrando na perna dele embaixo da mesa sempre que ela se mexia na cadeira.

— Eu sou? — ele voltou, segurando seu queixo e levantando seu olhar para encontrar o dele. — Você prefere que eu vá embora?

Seus lábios se separaram, mas não disseram nenhuma palavra. Ele já sabia a resposta e fizera a pergunta para impedir qualquer protesto que ela se sentisse obrigada a fingir. Seu seio pesou sob ele, e quando o silêncio continuou, ele abaixou a boca para tomar seus lábios. Ele podia provar e cheirar os três copos de porto que ela havia consumido. Um cavalheiro teria hesitado em aproveitar sua vantagem com uma mulher embriagada. Mas ela

sabia exatamente o que fazia, tendo começado seus flertes antes da primeira taça, o porto fornecendo-lhe um pretexto pronto para suas ações posteriores.

E Alastair não era um cavalheiro.

Se não fosse por seu status na sociedade educada e seus dotes na forma e no semblante, nenhuma mulher de razão gostaria de tentá-lo. E, em geral, ele achava o sexo delas bastante carente de julgamento. Ele pensava que sua prima, Millie, cujo tio se casou com sua tia, era uma exceção. Mas ela o surpreendeu ao aceitar a proposta de um sujeito bastante estúpido, do que ela se sentiu arrependida e solicitou *sua* intervenção para desfazer o noivado.

Millie o surpreendeu em mais de uma maneira. Lembrou-se de como ficara surpreso ao sentar-se em uma das pontas da mesa de jantar no Château Follet ao vê-la na outra ponta. Ela deve tê-lo visto entrar na sala de jantar, pois estivera com alguma pressa em se afastar da mesa, encontrando uma criada carregando uma terrina de molho. Ele a seguiu e a encontrou, encharcada de molho, escondida atrás de um sofá na sala de estar.

Ele tinha a intenção de sacrificar seus próprios planos de participar da alegria carnal no Château Follet para mantê-la em segurança longe do covil da libertinagem, mas ela teimosamente recusou. Ele não conseguia acreditar que sua tia, embora tivesse sido ela quem o apresentou ao Château Follet, tivesse facilitado a participação de Mildred. Fora a noite mais confusa, em que a proprietária, Madame Follet, ao encontrá-lo em desacordo com Millie, ousou acusá-lo de hipocrisia. Nunca antes ele tinha ficado tão irritado com o sexo deles. Ele implorou que fossem razoáveis.

— Marguerite, por favor, seja razoável. Você não faz nenhum favor à Srta. Abbott ao permitir que ela fique.

— Andre, ela é minha convidada, não sua. Sua tia...

— Katherine está apaixonada demais por este lugar e precisa de discrição.

Marguerite arqueou as sobrancelhas delgadas.

— Andre, isso é muito diferente de você. E porque somos bons amigos, atrevo-me a dizer que considero a sua posição bastante egoísta.

Ela o surpreendeu. Ela o considerou egoísta quando ele estava disposto a sacrificar seu tão esperado fim de semana no Château para proteger sua prima?

Seu olhar de irritação não intimidou Marguerite. Ela continuou: — Oui. Você participou prontamente dos prazeres aqui, mas negaria a oportunidade a outro?

Ele tentou uma abordagem diferente.

— Peço-lhe, como amigo, que veja a solidez de minhas ações.

— Sua tia é minha amiga também, e eu detesto desapontá-la.

Todos eles tinham perdido a razão, ele decidiu. Todas as três mulheres. Mulheres que até então considerava sensatas – especialmente Millie.

— Eu não pretendo menosprezar você ou o Château, Marguerite — ele disse implacável — mas não vale o risco para a Srta. Abbott.

— Senhor, você presume muito em meu nome — disse Millie.

Marguerite colocou a mão gentilmente em seu braço.

— É muito divertido ver você se preocupando como uma velha, mas garanto que tudo ficará bem.

Sua irritação prendeu todas as palavras. Se ela não fosse a anfitriã, ele teria algumas palavras bem escolhidas para ela.

Marguerite se virou para acompanhar Millie para fora da sala, mas ele as deteve. Dirigindo-se a Millie, ele disse: — Não seja idiota. Estou disposto a acompanhá-la até sua casa, mas posso não ser tão generosamente inclinado mais tarde.

Ela se endireitou.

— Agradeço sua gentil oferta, Alastair, mas não é necessário.

Suas narinas dilataram-se. A garota deveria estar grata por seu gesto altruísta!

— Pare com essa idiotice, Millie. Você não compreende totalmente o que acontece aqui.

— Fui bem informada por sua tia e Madame Follet.

— E o curso mais sensato seria você reconsiderar!

— Porque é o curso mais sensato para mim, mas não para você? — Ela gritou.

— Você está realmente fazendo uma pergunta tão idiota? Achava que você era mais sensata do que isso.

Ela enrubesceu de indignação. — Pretendia chamar a atenção para a sua hipocrisia com a minha pergunta.

— Não é minha hipocrisia, mas da sociedade. As consequências caem muito mais duramente sobre o sexo feminino.

— Mas aqui no Château Follet, os sexos são iguais — declarou Marguerite. — É uma qualidade que você aprecia, mon chéri, e da qual se beneficia.

— Mas como Millie se beneficiará?

— Da mesma maneira que você, mas é claro.

— Isso é diferente.

— Como?

Por que essas mulheres estavam fazendo perguntas tão ridículas? Elas realmente exigiam que ele declarasse o óbvio?

— A ruína certamente a aguarda se for descoberta.

— Isso ainda não aconteceu com um convidado.

— Ela não vai gostar daqui.

Millie respirou fundo.

— Certamente cabe a mim determinar.

— Eu garanto que este não é lugar para você. Minha querida tia não vem aqui há algum tempo e se esquece de que a natureza dos atos aqui a deixaria horrorizada.

— Não fico assustada ou horrorizada com facilidade.

— Millie, não seja idiota.

— Eu me oponho à sua condescendência, senhor!

— É para o seu próprio bem. Você não conhece ninguém aqui. Que homem você espera que acasale com você?

Ele viu os olhos dela se arregalarem e lamentou a dureza de suas palavras, mas era necessário que ele falasse com ela de forma sensata.

Ela parecia pronta para atacá-lo ou chorar.

— Você acha que ninguém vai me desejar?

— Não foi isso que eu disse.

— É isso que você quis dizer!

Ele se irritou porque a acusação dela não era totalmente falsa.

— Os homens aqui – suas expectativas são diferentes.

Seu lábio inferior tremeu.

— Se eu não for selecionada, terei prazer em assistir outros.

A resposta dela o deixou em atordoado em silêncio.

— Andre, eu protesto — Marguerite interveio. — A senhorita Abbott tem o direito de estar aqui tanto quanto você, e ouso dizer, se você não a deixar em paz, terei que pedir que você saia.

Se não fosse por sua promessa de realizar o desejo de aniversário de Katherine, em que ela, temendo por sua solidão, pedia que ele tomasse conta de alguém, ele teria deixado Millie à sua própria sorte, a teria deixado sofrer as consequências de sua tolice.

Ou não? A memória do visconde Devon ainda fazia seu sangue ferver. Ele não poderia, em sã consciência, ter permitido que Millie fosse sua presa. Qualquer inação de sua parte era equivalente a alimentar um falcão com uma lebre indefesa. Millie achou o homem encantador, mas Alastair preferia confiar em um ladrão.

E então ele atenderia ao pedido de Katherine e cuidaria da segurança de Millie, mas ela tinha frustrado suas intenções de trancá-la em seus aposentos durante a noite, longe das garras de Lord Devon.

Alastair achou que poderia convencer Millie a ser razoável. Os prazeres do Château Follet não valiam o risco de sua honra. Mas

ela o tinha surpreendido mais uma vez, revelando que já não possuía sua virtude. Ele ficou pasmo na época, mas, após refletir, achou a revelação um tanto intrigante. Poucas pessoas o surpreendiam.

— Algo o diverte, senhoria? — Perguntou Miss Woodwiss.

Ele começou.

— Acho que foi o primeiro sorriso que você exibiu durante toda a noite — ela comentou, visivelmente satisfeita com a perspectiva de ser a fonte de seu prazer.

Recordando a si mesmo, ele deu um meio grunhido e fechou a boca dela com a dele. Quanto menos ela falasse, melhor. Ele apertou sua ereção contra ela. Pensar no Château Follet dobrou seu ardor. Um arrepio desceu por suas pernas ao recordar uma de suas conversas mais memoráveis depois que ele a possuiu.

— Mas eu esperava ter o seu membro — disse ela.

— Millie, você achou que estávamos envolvidos em algo diferente?

— Na minha boca.

Seus olhos endureceram e ele pressionou os lábios em uma linha firme.

— Não vou degradar você ainda mais.

— Mas há excitação na degradação, não é? Não é extremamente lascivo e perverso tomar essa parte do homem e colocá-la onde a natureza não pretendia?

— Millie, já é tarde.

— Você não gosta do ato?

— Millie, eu não vou permitir que você me intimide nisso.

— Intimidar? Não. Eu apenas desejo seduzi-lo. Recebi algumas instruções sobre isso e não sou novata.

Ele balançou sua cabeça.

— Meu Deus, Millie. Quando eu descobrir esse desgraçado que transformou você...

— Me transformou 'Em quê'? Em você?

Ele estava pronto para espancá-la, embora já a tivesse punido no traseiro.

— Não vou pedir mais nada a você depois disso, ela prometeu.

— Você está pedindo para me tomar em sua boca...

Ela deu a ele um largo sorriso.

— Sim. Por favor. Meu Senhor.

Ele proferiu um juramento sob sua respiração. Antes que ele pudesse responder, ela caiu de joelhos diante dele. Ela olhou para sua virilha com fome.

— Você pode até ficar agradavelmente surpreso — disse ela. — Posso ser tão boa ou melhor do que Miss Hollingsworth poderia ter sido.

Ela estendeu a mão para os botões de sua braguilha, mas ele segurou seu pulso.

— Millie...

Ela fez beicinho.

— Ora. Não é como se estivéssemos cometendo pecado.

— Não cometemos um pecado? — ele exclamou, incrédulo.

— Mais pecado. Já fizemos o pior.

Com a outra mão, ela segurou sua virilha, fazendo-o gemer.

— Não sou dado a doses generosas de consciência, e você desperdiçaria minhas tentativas de bondade.

— Eu nunca pedi a você para ser o que você não é.

Ele gostou disso em Millie. Fora do Château Follet, as mulheres estavam constantemente tentando mudá-lo. Suas irmãs queriam que ele acabasse com sua devassidão. Até Katherine desejava que ele pudesse ser mais atencioso com os outros. E aqueles que o atacavam... ele sabia do que se tratava. Eles esperavam tentá-lo a se casar e nutriam noções românticas de que ele abandonaria seus caminhos libertinos em favor do amor. Millie era sensata demais para essas fantasias tolas.

Ele se perguntou se Miss Woodwin engoliria um pau tão prontamente quanto Millie. Não conhecendo bem a loira, ele não perguntaria. Em vez disso, ele ergueu sua saia e segurou uma coxa nua. Ela suspirou contra sua boca. A sensação da boca de Millie sobre seu pênis foi nada menos que maravilhosa. Ela não tinha prática na arte de chupar um pau, mas a abordou com muito vigor.

Ele moveu a mão entre as coxas de Miss Woodwin e encontrou a umidade de seu desejo. Sua respiração tornou-se curta e superficial enquanto ele a acariciava. Em sua mente, ele viu Millie se movendo para cima e para baixo em seu eixo, engasgando às vezes quando seu pênis atingia o fundo de sua garganta, mas implacavelmente lutando. Ele não tinha dúvidas de que, com mais prática, Millie poderia se tornar bastante perita em chupar um pau.

Com a virilha pronta para explodir, Alastair não pôde esperar mais. Ele desabotoou a braguilha e, levantando a Srta. Woodwiss, enterrou-se dentro dela. Ela deu um grunhido de satisfação. Ele empurrou seus quadris, prendendo-a contra a parede.

Ele esteve perto de gozar na boca de Millie, mas não teve coragem de fazê-lo. Ele optou por carregá-la para a cama e retribuir o prazer que recebeu. Sua boceta tinha um gosto bom, seu corpo respondia deliciosamente a cada lambida e sucção. Depois que ela gozou, ele se embainhou uma segunda vez dentro dela.

Suas bolas ferveram, querendo ser liberadas, mas ele esperou até sentir a Srta. Woodwiss se aproximando de seu clímax.

— Sim, sim, sim — ela murmurou enquanto montava em seu pênis.

Ele balançou os quadris mais rápido, apertando seu domínio sobre ela, pois a Srta. Woodwiss era leve como uma boneca de pano. Ele se lembrou de como Millie, uma aluna rápida, tinha sabido pedir permissão antes de gozar. Ele se lembrou de como ela tinha encontrado seus impulsos, como seus corpos tinham formado um ritmo fácil.

A Srta. Woodwiss gritou quando seu corpo entrou em paroxismo. Quando ela parou de estremecer, ele puxou-se para fora dela e a colocou no chão. Apontando seu pênis para longe dela, ele empurrou seu membro até que sua semente atingiu o chão. Eles se recuperaram em silêncio, ela encostada na parede para recuperar o fôlego e ele se enxugando com o lenço.

— Você estará aqui amanhã à noite? — Miss Woodwin perguntou.

— Eu acho que não — ele respondeu enquanto fechava sua braguilha. Ele não tinha a intenção de satisfazer sua luxúria com ninguém esta noite, mas o surgimento de Millie mudou tudo isso. A memória dela e do Château Follet tinha ficado com ele mais tempo do que ele gostaria de admitir.

Por esta razão, ele dobrou seu dote. Quanto mais cedo ela encontrasse um marido, melhor. Claro que ele gostaria de vê-la bem acomodada, mas também era melhor que ele tivesse acabado com a prima de uma vez por todas.

Capítulo Quatro

Vendo que sua mãe caminhava com o Sr. Carleton ao lado dela, Mildred esgueirou-se para o corredor da casa em Grenville e foi se esconder na sala de música.

— Perdão, não sabia que o quarto estava sendo usado — disse ela ao jovem elegante, que parecia igualmente surpreso com a mulher que entrou correndo no quarto e fechou rapidamente as portas atrás dela. Não querendo voltar e correr o risco de ser encontrada pela mãe, ela olhou em volta da sala, que continha um piano, um cravo, dois violinos e uma harpa. — Você tem inclinação musical?

Ele parecia envergonhado.

— Na verdade, eu não toco nada. Eu estava procurando refúgio – quero dizer, solidão. Você toca?

— Um pouco, mas devo confessar que não vim aqui em busca de um instrumento.

Ele ergueu as sobrancelhas e pareceu um pouco aliviado.

— Não sou muito dada a socializar — explicou ela.

— Nem eu.

— Você é amigo dos Grenvilles?

— Sou amigo do Sr. Harris e estou morando com ele, e ele é amigo íntimo do Sr. Grenville. Sou George Winston.

Ela voltou a fazer uma reverência ao arco dele.

— Mildred Abbott. Minha família e os Grenvilles se conhecem há muito tempo e eu praticamente cresci com a filha deles, Jane.

Eles se olharam por alguns segundos em silêncio antes de ele perguntar: — Você se importaria de tocar?

Ela foi até o piano e se sentou.

— Você pode se arrepender de seu pedido, pois minhas habilidades são limitadas.

Ele foi ficar perto.

— Não posso atirar pedras, porque não toco de jeito nenhum. Qualquer um que dedicou tempo para aprender um instrumento musical merece elogios.

— É muito gentil de sua parte dizer — disse ela enquanto selecionava 'Fantasia e Sonata em Dó menor', de Mozart, mas sou bastante tolerante com as críticas. Sei que não pratiquei tanto quanto meu instrutor gostaria.

Depois que ela terminou a peça, com apenas alguns pequenos erros, ele bateu palmas, dizendo: — Isso foi maravilhoso. Você estava sendo modesta quando disse que tocou apenas um pouco.

— Eu selecionei uma composição bastante fácil.

— Você é muito difícil de elogiar?

Ela poderia ter recebido essa pergunta como impertinente, mas ele falou de maneira tão fácil e gentil, que ela quase se sentiu culpada por não aceitar seu elogio.

— Perdão. Eu não tive a intenção de ser indelicada.

— Sem querer ofender, Srta. Abbott. Se eu tocasse tão bem quanto você, ficaria delirantemente feliz comigo mesmo. Admito que não sou nenhum especialista no piano.

— Suponho que aprecio o fato de minha família ter podido pagar um instrutor de música para mim.

— Imagino que você possua outros talentos nos quais se considera 'um pouco' habilidosa.

— A menos que você pense que sou toda modesta, vou gabar-me de que meu francês é muito bom, mas sou uma dançarina horrível. Meu instrutor de dança estava ainda mais zangado comigo do que meu instrutor de música.

Ele deu uma risadinha.

— Eu arriscaria que você é mais modesta do que não. Espero que se eu fosse testemunhar você na pista de dança, você não seria tão ruim quanto pensa.

— Oh, garanto que sou.

Ele riu de novo, e seus olhos pareciam brilhar quando ele sorria.

— Suponho que teremos a chance de verificar se você está certa em sua avaliação ou se estou certo de que você se subestima.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não danço frequentemente.

Foi uma declaração verdadeira. Ela raramente era convidada para dançar, embora isso tivesse mudado nos últimos meses, graças a Alastair. Ela tentava não pensar em seu primo toda vez que o Sr. Carleton ou o Sr. Porter se aproximavam dela, mas ela não estaria nesta posição se não fosse por Alastair.

— Você não se importa com isso?

— Eu gosto muito da atividade. Eu participaria com mais frequência se fosse mais hábil nisso.

— Suponho que sou mais egoísta por me considerar mediano em minhas habilidades de dança, mas meu prazer com a atividade excede a culpa que posso sentir por infligir minhas habilidades inferiores a um parceiro desavisado.

Foi a vez de Millie rir.

— Imagine se nós dois tivéssemos que ir para a pista de dança. Que destruição poderíamos causar!

Ele se animou e sorriu para ela.

— Que ideia deliciosa! Devemos tentar exatamente isso!

Ela balançou a cabeça.

— Eu não poderia.

— Ah, porque você é uma pessoa melhor do que eu e não imporia aos outros o que você acredita que seria um mau desempenho.

Na verdade, Mildred esperava permanecer encerrada na sala de música até que toda a dança tivesse acabado, mas isso era um pensamento bastante ilusório. Ela não poderia desaparecer por tanto tempo sem levantar as sobrancelhas e parecer rude.

— Você pensa muito bem de mim — ela respondeu. — É porque prefiro observar a elegância dos mais graciosos do que eu.

— Percebi que há pouca chance, então, de que você aceitaria meu pedido para dançar?

Ela o estudou, perguntando-se se ele era sincero em seu desejo de dançar com ela. Ela se sentiu bastante tentada, pois ele tinha maneiras afáveis e o sorriso mais encantador.

— De fato — ela respondeu. — Você parece um bom sujeito, e eu não o submeteria às minhas pobres habilidades de dança.

— Se você subestima suas habilidades de dança tanto quanto você subestima suas habilidades no piano, então eu devo considerá-la uma ótima dançarina.

— Eu não correria o risco se fosse você. Há muitas outras aqui esta noite que certamente seriam melhores do que eu.

— Mesmo que você seja uma péssima dançarina, eu prefiro ter você como parceira porque está muito claro para mim que você é uma mulher de inteligência e sagacidade. E eu preferiria ter uma

parceira com quem eu pudesse conversar bem do que uma mulher com quem eu pudesse dançar bem.

Ela compartilhava dos mesmos sentimentos e não se importaria de estar na companhia do Sr. Winston. Certamente, ela preferiria dançar com ele do que com Carleton ou Porter.

— Muito bem, mas você foi avisado.

— Esplêndido!

— Devo fazer suas habilidades medianas parecerem piores do que são.

— Isso não me preocupa nem um pouco. — Ele olhou para a porta. — Suponho que devo me juntar aos outros. Eu não gostaria que meu anfitrião pensasse que eu o abandonei.

Ela inspirou profundamente. Ela não estava pronta para enfrentar os Carletons e os Porters, mas supôs que deveria seguir o exemplo de Winston. Quando ele apresentou a mão para ajudá-la a se levantar, ela aceitou. Ele segurou a mão dela por mais tempo do que ela esperava.

— Suponho que não seria bom sermos vistos saindo desta sala juntos — disse ele.

— Com certeza.

Ele soltou a mão dela e ela se sentiu um pouco melancólica por sua perda.

— Damas primeiro, então. Vou segui-la e encontrá-la para uma carretilha – ou você prefere a quadrilha?

— A quadrilha, por favor.

— Então será a quadrilha.

Mildred despediu-se com passos leves e felizes. A noite não parecia mais tão triste quanto ela pensava.

Capítulo Cinco

— O que você sabe do Sr. Winston — Jane perguntou a Mildred enquanto elas ficavam encostadas na parede esperando o início da dança. — O cavalheiro que está com o Sr. Harris. Ele parece um sujeito bonito.

Mildred esquadrinhou a sala, mas não o viu.

— Devo dizer que ele é o mais bonito dos solteiros daqui — acrescentou Mary.

— Eu prefiro o Sr. Wiggins, mas o Sr. Winston certamente seria o segundo em minha opinião. Mas não ficaria surpresa se ele se interessasse por Mildred mais do que qualquer outra pessoa.

— Em mim? — Mildred sentiu um brilho interior ao se lembrar de como sua mão pousara na dele.

— Sim! Todos os solteiros parecem ter se interessado por você, agora que tem um dote de quatro mil libras.

Mary deu um suspiro de inveja.

— Que sorte você tem, Millie, por ter um primo tão generoso no Marquês de Alastair.

— Ela tem sorte de ter um primo assim, com dote ou não.

Perplexa, Mary ergueu as sobrancelhas.

— Você não conheceu o marquês, mas entenderia o que quero dizer se conhecesse. — Jane deu um sorriso malicioso.

— Ele é muito bonito, então?

— Oh, ele é mais do que isso.

— Ele não tem a melhor reputação — disse Mildred, sentindo-se um pouco traidora ao falar mal de seu primo, mas falou para se convencer tanto quanto Mary.

— Ele não pode ser totalmente mau se lhe concedeu um dote tão generoso.

— Ele deveria se desesperar ao ouvir você falar tão bem dele — Mildred sorriu. Ela franziu a testa ao ver o Sr. Carleton se aproximar. — Mas eu preferia que ele não fosse tão generoso.

— Por que você não gostaria? Eu acho que você deve ter mais pretendentes agora do que até mesmo Miss Rose.

Sim, e ela não está muito feliz com isso, disse Mary com uma risadinha.

— Senhorita Abbott — falou o Sr. Carleton, um cavalheiro em quem o cinza não era o melhor dos matizes. Ele usava um pouco mais de pomada no cabelo, mas fora isso era decente na aparência. — Posso ter a honra da primeira dança?

Antes que ela pudesse responder, o Sr. Porter chegou e disse: — Pensei em perguntar o mesmo, mas vou me contentar com uma carretilha.

— O que me diz Miss Abbott? Acho que a quadrilha vai começar a tocar a qualquer momento.

Mildred hesitou, querendo dizer que se sentia cansada demais para dançar, mas estava ansiosa para falar com o Sr. Winston. Ela supôs que poderia tolerar uma dança com o Sr. Carlton e o Sr. Porter.

— Lembre-se de que você prometeu quadrilha para mim — disse uma voz atrás dela.

Mildred virou a cabeça e animou-se ao ver o Sr. Winston.

Jane cutucou-a sutilmente nas costelas, como se dissesse: — Eu sabia.

— Isso é verdade — disse Mildred. — Eu reservei a quadrilha para o Sr. Winston.

— Então terei a próxima dança — disse o Sr. Carleton.

— Ou, se me permite ser presunçoso... — interrompeu o Sr. Porter.

Mildred imaginou que, se Alastair pudesse ver o estado de irritação em que ela se encontrava, ele acharia graça em ter feito tanto alarido. Ele não teria um pingo de simpatia.

Do outro lado da sala, ela podia ver sua mãe conversando com a Sra. Harrington enquanto apontava primeiro para o Sr. Carleton, depois para o Sr. Porter. Então, em sua linha de visão veio a Srta. Hannah Rose, vestida com um vestido que poderia ter sido publicado na edição mais recente da *The Lady's Magazine.*

— Aí está você. Queríamos saber para onde você tinha ido — ela se dirigiu ao Sr. Winston, então percebendo Mildred, seu sorriso sumiu, mas ela se recuperou na presença de outras pessoas. — Ora, Mildred, esse vestido fica muito charmoso para você. Acho que é o meu favorito entre todos os seus vestidos. Posso ver por que você escolheu usá-lo na semana passada na festa de Westbrook, e na semana anterior no jantar da Sra. Wilmington. Se eu tivesse esse vestido, ficaria tentada a usá-lo com frequência também, mas então as pessoas podem pensar que é meu *único* vestido.

Mildred apenas sorriu, pois estava acostumada a esse tipo de elogio de Hannah. Miss Rose não era uma jovem bonita, embora tivesse olhos grandes e cílios longos. Três de seus dentes eram tortos, mas ela não costumava sorrir com os lábios abertos. Sua pele era mediana e seus lábios projetavam-se para a frente, mas ela se portava como se fosse uma beleza, e isso convencia muitos outros de que ela era apenas isso.

— Será que você não vai adquirir mais vestidos, agora que tem um dote de quatro mil libras? — Jane perguntou.

Mildred olhou atentamente para a amiga. Ela sabia que Jane falava para irritar Hannah, mas preferia que Jane não alardeasse os fatos de seu dote.

Ao lado dela, o Sr. Winston levantou uma sobrancelha.

Jane ignorou ou não percebeu o olhar da amiga.

— Que sorte você tem, Millie, por ter o *marquês* de Alastair como primo. Ora, você quase tem os contatos da Srta. Rose aqui, que eu entendo que tem um tio-avô que é um *conde*.

Mildred reprimiu um gemido. Como Hannah sempre ostentava as conexões de sua família, Jane sabia muito bem de quem a família Rose era parente.

Os olhos de Hannah se estreitaram antes de admitir: — Não se compara a ser parente de um d'Aubigne.

— Apenas por casamento — disse Mildred. — Meu tio era o segundo marido de Lady Katherine. O sangue d'Aubigne não corre em minhas veias.

— Mesmo que o atual Marquês de Alastair tenha uma reputação que faria qualquer pessoa *decente* corar e hesitar em se gabar de seu nome — ela terminou com um olhar duro e um sorriso de lábios apertados dirigido a Jane.

Jane franziu a testa e visivelmente lutou por uma réplica, visto que estavam em companhia.

— Vamos para a pista de dança? — Mildred perguntou ao Sr. Winston.

— Sim — ele respondeu ansiosamente, talvez tão aliviado quanto ela por estar partindo.

Miss Rose parecia assustada, mas ela não ia ficar sem um parceiro e logo foi assediada por homens que a convidavam para dançar. Enquanto outros seguiam para a pista de dança, Mildred assumiu sua posição de frente para o Sr. Winston.

— Eu peço seu perdão — disse ele.

Ela deu a ele um olhar perplexo.

— Parece que você não está ansiosa por esta dança, e temo ter te persuadido antes.

— Não, não, estou bem. Eu estava apenas pensando em... pensamentos menos agradáveis. Minha mente não estava na dança.

Ele devolveu um sorriso simpático.

— Eu também gostaria de estar de volta à sala de música.

Sua declaração a fez rir.

— Eu deveria me considerar afortunado por ter conseguido a primeira dança — ele continuou, quando a música começou.

— Você é — disse ela brincando — porque, como eu disse, prefiro assistir.

— Eu estava me referindo aos seus muitos pretendentes.

— Oh. Você confunde os homens. Eles não são meus pretendentes.

Eles tiveram sua vez na primeira figura.

— Não? Então é comum que os homens briguem por causa de uma dança com você?

— Eles estão mais interessados no meu dote do que em dançar comigo.

— Para uma jovem com um dote impressionante, você se comporta com uma modéstia surpreendente.

— Todas as senhoras com dotes consideráveis devem ser autoritárias?

— Acho que tenho esse preconceito. Como você é uma d'Aubigne, admito que esperava totalmente pretensão e condescendência.

Eles esperaram o outro casal antes de retomar a conversa.

— Eu não sou uma d'Aubigne. Meu tio se casou com a tia do atual marquês de Alastair.

— Isso faz do marquês seu primo.

— Pelo casamento. Não somos parentes consanguíneos e nossas situações na sociedade são bem diferentes. Você conhece a família d'Aubigne?

— Estive em Oxford com Andre d'Aubigne. Ele era dois anos mais velho do que eu e não creio que tenha reparado em mim, mas admirei-o de longe. Ele era um batedor e tanto no críquete. Você vê muito o Marquês?

— Não. Não há muitas ocasiões para nos encontrarmos.

Foi uma declaração verdadeira na maior parte. O tempo que passaram no Château Follet foi uma anomalia.

— Poucas ocasiões e poucas companhias merecem sua tolerância, mas, me perdoe, não devo falar mal de seu primo. Ele era assim em Oxford e deve ser um homem diferente agora que é um marquês.

— Parece que não. — Ela quase acrescentou que Alastair tolerava os infernos dos jogos melhor do que tolerava sua família.

Eles passaram para outros assuntos depois disso. O Sr. Winston dançou com graça suficiente, apesar de suas afirmações anteriores em contrário, e quando ele segurou a mão dela, ela o sentiu quente e confortável. Ela estava bastante triste por ver a dança chegar ao fim.

— Eu estava certo — declarou o Sr. Winston enquanto a tirava da pista. — Você é uma dançarina muito melhor do que acredita.

— E você também.

— Não só não nos tornamos idiotas, como acho que apresentamos um par decente.

Ela sorriu e teria aceitado uma segunda dança com ele se ele pedisse, mas ele não teve a chance. Ela não ficou surpresa. Um homem bonito e charmoso, sua atenção foi rapidamente atraída por muitas outras, incluindo Miss Rose. Mas Millie imaginava que ele olhava para ela de vez em quando. O prazer da troca deles durou o resto da noite, e mesmo aceitar danças com o Sr. Carleton e o Sr. Porter não era tão insuportável quanto ela teria pensado.

Capítulo Seis

Quando alastair entrou em sua casa e recebeu uma palavra de seu mordomo de que uma – senhora esperava, ele pensou que poderia ser Millie. Poucas mulheres ousariam procurá-lo em sua casa. Mas ele não tinha notícias de Millie há algum tempo e presumiu que ela havia abandonado as esperanças de persuadi-lo a mudar seu dote. Depois do encontro no salão de jogos, ela lhe escreveu duas vezes com argumentos, ameaças, bajulação e súplicas.

Ele respondeu aconselhando-a a desistir ou ele ficaria tentado a dobrar seu dote para *oito* mil libras.

Ele não tinha ouvido falar dela desde então.

Mas a mulher sentada em sua sala de estar não era Millie, infelizmente. Era sua irmã mais velha, Louisa, que tinha grande semelhança com ele. Ela tinha tranças de ébano d'Aubigne, olhos afiados e uma forte estrutura óssea. Ela era mais alta do que a média dos membros do belo sexo, e com sua ridiculamente grande pluma de avestruz em seu gorro, parecia que ela se esticava do chão ao teto.

— Andre — ela cumprimentou em sua entrada, então franziu o nariz. — Você cheira a cavalo.

Tendo acabado de chegar, ele ainda não havia mudado suas roupas e botas de montaria.

— Você perdeu todas as suas maneiras? — ela perguntou com um levantamento crítico da sobrancelha. — Posso ser sua irmã, mas ainda sou uma senhora, e você sabe muito bem que um cavalheiro não receberia uma senhora com cheiro de cavalo.

Sem se preocupar em apontar que *ela* havia escolhido visitá-*lo,* e sem aviso, ele respondeu: — Você prefere que eu reserve um tempo para vestir um guarda-roupa diferente?

Ele não tinha escrúpulos em deixar sua irmã esperando.

Ela cedeu.

— Eu não tenho o dia todo. Esperei quase meia hora.

— Então agradeça aos céus, pois quase decidi cavalgar até Camden. Sua espera então teria durado horas.

— Seu mordomo me garantiu que você estaria em casa antes disso, porque você está esperando o Sr. Kittredge.

— Kittredge não se importa em esperar por mim, desde que ele tenha acesso à minha adega. — Ele foi servir-se de um conhaque do aparador e quase considerou oferecer um copo a Louisa, embora soubesse muito bem que ela detestava as bebidas de seu sexo. Ela o observou em silêncio, sem dúvida esperando que ele perguntasse sobre sua saúde ou, pelo menos, o propósito de sua visita.

— Você planeja passar o Michaelmas[1] com nossa tia? — ela deixou escapar quando estava claro que ele não tinha intenção de fazer qualquer tipo de inquérito.

— Não. — Ele colocou o copo na mesa de escrever e pegou as cartas do dia para revisar.

— Não é porque você tem alguma cantora de ópera aqui na cidade como amante? Certamente você pode ter algo melhor do que uma cantora de ópera.

Louisa não aprovava que ele tivesse uma amante, mas ela havia dito isso muitas vezes a ouvidos surdos e, portanto, criticava suas escolhas em quem ele tropeçava.

— Você veio até aqui para falar comigo sobre uma cantora de ópera? — ele perguntou, abrindo uma das cartas.

Ela se irritou.

— Claro que não! Eu perguntei se você pretendia passar Michaelmas no campo com Katherine.

— E eu te dei minha resposta.

— Isso me dá uma desculpa, mas, ainda assim, acho que não posso recusar. Não tenho sua capacidade de desconsiderar o que é apropriado. Se ela não fosse nossa única tia, eu já teria uma desculpa pronta para responder com minhas desculpas. Eu preferiria aceitar um convite de nosso tio Herbert. Caroline disse

[1] Michaelmas também conhecida como a Festa dos Santos, Miguel, Gabriel e Rafael, a Festa dos Arcanjos, ou a Festa de São Miguel e Todos os Anjos é uma festa cristã observada em alguns calendários litúrgicos ocidentais em 29 de setembro. Em algumas denominações, também há referência a um quarto anjo, geralmente Uriel.

que só consegue tolerar algumas horas com Katherine, quanto mais uma semana inteira.

Caroline era sua outra irmã, por quem Alastair tinha ainda menos consideração. Louisa podia ser crítica e condescendente, mas Caroline acrescentou vaidade a essas qualidades. Ela não poupava despesas com sua carruagem, bugigangas e rendas, mas repreendia sua governanta por gastar um centavo a mais com manteiga.

— Não acho que Katherine se importaria se você aceitasse seu convite ou não — disse ele, esperando encerrar o diálogo.

Louisa bufou.

— Que coisa para dizer! Foi isso que ela retransmitiu para você?

— Katherine é muito sábia e bem-educada para me confidenciar tal coisa, pois ela sabe muito bem que não tenho maneiras de fingir sutilezas onde elas não existem.

Sua irmã apertou os lábios, sem saber o que fazer com sua declaração, mas querendo saber onde Katherine se posicionava em relação à sobrinha.

— Suas palavras implicam que Katherine nos convidou por obrigação e não pelo desejo de ter nossa companhia.

— Eu pretendia sugerir que você não deveria ter reservas em recusar o convite dela — ele respondeu sem tirar os olhos da carta.

Ela fungou.

— Bem, quando soube que ela também havia convidado os Abbotts, tive a certeza de que não queria ir.

Ele fez uma pausa. Millie havia sido convidada para passar Michaelmas em Edenmoor?

— Nunca vou entender por que ela dá tanta atenção a seus parentes pobres.

— Eles também são nossos parentes.

Louisa deu um gemido desesperado.

— Eles são de pouca importância.

— Richard era um bom homem.

— Vou admitir que ele era incomumente decente para um homem com sua origem, mas casar-se com ele não exige que ela consorte com todos os seus irmãos, especialmente os Abbotts. Eu me pergunto se Katherine os tolera.

— Ela gosta da filha — disse ele lentamente.

— Assim como você, suponho, pois entendo que você está dando a ela um dote de *quatro mil libras.*

Aqui estava o verdadeiro motivo pelo qual Louisa tinha vindo para vê-lo, ele pensou consigo mesmo.

— Quatro mil libras! — ela reiterou quando ele não disse nada. — Isso é mais do que a família viu em toda a sua vida, aposto.

— Provavelmente sim.

Ela bufou novamente com a indiferença dele.

— O que deu em você para conceder tal quantia à Srta. Abbott? Você percebe que todos os parentes pobres de Richard farão pedidos a você agora.

— Eles estavam fazendo isso muito antes de eu subscrever um dote para a Srta. Abbott.

— E você sempre foi tão generoso?

— De modo nenhum.

— Então, não consigo ver o sentido de um presente tão extraordinário. Ora, é igual ao dote para minha Emily, e não é como deveria ser.

— Muito pouco na vida é como deveria ser.

— Então você quer ir em frente?

— Por que não? — Ele imediatamente se arrependeu de sua resposta, pois, embora pretendesse que a pergunta fosse retórica, ele havia solicitado uma resposta de Louisa.

— Porque é absurdo! A senhorita Abbott não é o tipo de jovem que deveria ter um dote de quatro mil libras.

— Seria péssimo da minha parte retirá-lo agora.

— Desde quando você se preocupa com a boa educação? — ela gritou.

— Retirá-lo agora seria devastador para a família, e mesmo eu não sou tão cruel.

— Mas todos ou qualquer um entenderia que foi um grave erro de sua parte. Eles não o culpariam por tentar corrigi-lo.

— Então, tenho muito orgulho para admitir que poderia cometer um erro tão grande. — Ele estava começando a ficar mais do que irritado com Louisa. Ele sabia que não poderia fornecer nenhuma resposta, exceto entregar o que ela queria, que a satisfizesse.

— Então reduza a uma quantidade mais razoável. Eu entendo que você inicialmente fixou em duas mil libras. Duas mil libras são perfeitamente suficientes. Por que você viu a necessidade de aumentá-lo é desconcertante.

— Você pode atribuir isso à velhice, ao início da loucura ou à embriaguez, não tenho intenção de me retratar.

Ela torceu as mãos em frustração.

— Então suponho, se você está com um humor tão generoso ultimamente, que eu deveria pedir uma quantia para minha Emily. Um dote de seis ou oito mil libras seria justo.

— Como você observou, um dote de duas mil libras é 'perfeitamente suficiente'.

Ela se irritou.

— Suficiente para Miss Abbott. Mas agora que ela está com quatro mil libras, parece errado que minha Emily, uma d'Aubigne, não tenha um dote compatível com sua posição.

— Se você quiser que sua filha tenha um dote de seis ou oito mil libras, então fale para o seu marido e não para mim. A sua situação permite pagar esse montante.

— Duas mil libras não é uma quantia insignificante para nós, mas é para você. E por que os Abbotts deveriam ser os destinatários de sua generosidade e não sua própria irmã.

Ele pousou as cartas e terminou o conhaque. Se Louisa ficasse muito mais tempo, ele precisaria de uma segunda taça.

— Porque você não precisa do dinheiro.

— Mas você não concedeu a ninguém mais necessitado um presente tão magnânimo.

Louisa falava a verdade, e ele certa vez raciocinou consigo mesmo que havia atendido ao pedido do Sr. Abbott para evitar ter que lidar com o homem mais tarde, mas isso não seria toda a verdade. Ele encontrou o olhar de sua irmã e sorriu.

— Me divertiu.

— Divertiu você?

— Sim, e posso garantir que qualquer resposta que eu forneça às suas perguntas não irá satisfazê-la, e apenas servirá para irritá-la ainda mais. Como tal, sugiro que você encurte esta conversa para não ficar completamente dominada pelo aborrecimento.

Afrontada, ela bufou com a boca aberta. Ele ficou um pouco surpreso por ela não estar, a essa altura, acostumada com sua impertinência.

— Essa é toda a resposta que devo receber? — ela perguntou.

— Sim.

Ela havia exaurido sua paciência e ele não estava com humor para entretê-la mais. Ele tinha um acumulo de correspondência para responder antes de deixar a cidade com Kittredge para caçar no campo.

— Como sua irmã, eu mereço mais!

— Sem dúvida que sim, Louisa, mas como você sempre disse, sou mesquinho e indelicado.

— E você merece esses rótulos!

Ele não piscou. Suas duas irmãs se casaram bem e não precisavam de nada dele. As filhas de Louisa não teriam dificuldade em encontrar maridos de boa posição.

— Você vai se arrepender de suas ações — disse ela — quando for assediado por pedidos de seus parentes e de qualquer pessoa que pense que pode reivindicar uma conexão com você.

— Senhora, sou acediado mais por minhas próprias irmãs do que por conexões distantes.

Com isso, ela ergueu as mãos e girou nos calcanhares. Antes de cruzar a soleira, ela se virou e acenou com o dedo para ele.

— Se você persistir em tal desrespeito cruel por sua própria família, então lavarei minhas mãos com você. Eu vou, Andre! E quando você estiver velho e sozinho, você irá reconsiderar sua

imprudência juvenil e lamentar por ter permitido que tudo isso acontecesse!

Girando, ela saiu furiosa da sala.

Quando ela se foi, Alastair respirou aliviado. Louisa teve a sorte de ele não expressar seus verdadeiros pensamentos sobre sua vaidade e falta de interesse por seus parentes. Este último, no entanto, ele próprio compartilhava com sua irmã. Ele não sabia ao certo por que tolerava Millie. Talvez porque ela não o tentou ou o julgou, para que ele não a provocasse, caso em que ele justificaria sua crítica. Ele se lembrou de como ela havia ficado zangada com ele no Château Follet. Ele tinha sido muito autoritário. No entanto, com que facilidade eles caíram em seus papéis de dominação e submissão.

Seu corpo macio e flexível resistiu bem às atenções dele. Seus lábios cederam deliciosamente sob os dele. Sua boceta deu as boas-vindas a seu pênis com um calor maravilhoso. A área de sua virilha apertou quando ele se lembrou de como sua boceta apertou seu membro enquanto ela se entregava.

No brilho do êxtase, ela parecia linda, embora ele não a tivesse achado impressionante antes. Nas horas da manhã após sua noite de indulgência perversa, ele teve tempo suficiente para observá-la enquanto ela dormia e começou a apreciar a flexibilidade de seu corpo. Ele se lembrou de sua preocupação de que ela pudesse acordar com arrependimentos ou ter desenvolvido uma paixão por ele. Ele havia ficado impressionado com a falta de sentimentalismo dela. Não era o que ele esperava de seu sexo.

— Você não se arrepende? — ele perguntou.

— Estou totalmente satisfeita com o que aconteceu, respondeu Millie.

— Você vai pensar de forma diferente com o tempo.

— Você é presunçoso, senhor.

— Existem poucos que ousariam falar comigo dessa maneira, e menos que o fariam sem despertar minha ira.

Se eles não tivessem retomado suas identidades como Alastair e Millie, ele teria lhe ensinado mais cortesia. Uma surra ou açoite serviria bem.

Ela baixou o olhar por alguns segundos.

— Perdão, mas, realmente, Alastair, você não me conhece bem o suficiente para fazer tal afirmação. Na verdade, estou bastante surpresa que você pareça nutrir mais vergonha do que eu.

O pensamento pareceu diverti-la e ele se irritou.

— Eu só estava preocupado por você. Meu sexo pode dispensar a culpa com muito mais facilidade do que o seu, especialmente em questões da carne.

Ela ficou em silêncio, pensando.

— Eu sou mais devassa se não guardo arrependimento ou vergonha? Eu sou uma... vagabunda?—

Ele gemeu e sentiu outro puxão perturbador em sua virilha. Ele tinha pensado que tais sensações não teriam persistido depois desta noite.

— Millie, não foi isso que eu quis dizer com minhas palavras! Eu aplaudo que você tenha honrado os desejos naturais dentro de você e tenha procurado satisfazê-los sem medo.

— Você tentou me impedir.

— Isso foi antes de eu saber que você já havia abandonado sua virtude!

— Então você não precisa se preocupar comigo, embora eu aprecie sua preocupação. É bastante esperançoso que você não seja tão irremediável quanto a sociedade considera que você seja.

Ele rosnou com o sorriso provocador dela. Mulheres. Se ele tivesse escolha, ele teria escolhido alguém de seu próprio sexo para cumprir o desejo de aniversário de Katherine.

— Meu querido primo — disse Millie. — Serei eternamente grata a você pela noite passada. Meu único medo é que, doravante, você se torne estranho na minha presença.

— Você acha que nosso relacionamento pode permanecer o mesmo depois do que aconteceu?

— Por que não?

— Sua ingenuidade é encantadora, na melhor das hipóteses.

Ao relembrar suas conversas no Château Follet, ele considerou que talvez devesse aceitar o convite de sua tia para passar Michaelmas em Edenmoor, mas lembrou a si mesmo que fazer isso exigiria que ele sofresse com a companhia de suas irmãs e seus maridos. Caçar com Kittredge seria muito mais preferível.

Capítulo Sete

Alastair se acalmou quando ele e Kittredge entraram na sala principal do Dante Club, pois viu, sentado em uma poltrona alta ao lado da lareira, o visconde de Devon. O homem havia encantado com Mildred no Château Follet, e Alastair estremeceu ao pensar no que teria acontecido se ele não estivesse presente para resgatá-la das garras do visconde.

— Esse sujeito deve ser um novo membro — disse Kittredge, seguindo o olhar de Alastair. — Você não parece muito satisfeito em vê-lo.

— Não estou — afirmou Alastair.

— Quem é ele?

— O Visconde Devon, um canalha.

— Isso seria o sujo falando do mal lavado — Kittredge riu.

Mildred havia dito algo semelhante quando ele tentou levantar suas dúvidas sobre o homem.

Como se sentisse que ele era o objeto de sua atenção, Devon olhou para Alastair. Um lampejo de reconhecimento passou por seu semblante antes de voltar para o amigo.

— Vamos começar jogando Brag[2]? — Kittredge perguntou. — Nós podemos pegar a mesa mais longe desse sujeito Devon. O Sr. Thistlewood adquiriu um porto que acredita ser o melhor que o clube já comprou.

Quando eles se sentaram à mesa de jogo e não viram sinais do gerente, Kittredge levantou-se para encontrar o homem. Alastair estava sentado de costas para a lareira, mas ouviu o visconde se aproximar da mesa.

— Nos encontramos novamente — disse Devon. — Alastair, não é?

Alastair devolveu um olhar silencioso.

— Posso? — Devon não esperou por uma resposta antes de puxar uma das cadeiras da mesa. Ele se sentou e viu as cartas. — Qual é a sua diversão?

Para que você parta, Alastair pensou. Em voz alta, ele disse: — Kittredge e eu íamos jogar Brag.

— Ah, eu não sou o melhor nesse jogo, mas vamos jogar algumas rodadas enquanto esperamos a volta do seu amigo? Vou me esforçar ao máximo para lhe dar alguma medida de desafio.

Como não estava interessado em encorajar uma conversa com o homem, Alastair começou a embaralhar as cartas.

— Qual é a aposta?

— Deseja apostar?

[2] Brag é um popular jogo de jogo britânico. Às vezes se diz ser semelhante ao pôquer, mas na verdade é muito mais antigo e o método de apostas é diferente.

— As cartas dificilmente são divertidas se não há nada em jogo.

— Diga sua aposta, então.

Devon se endireitou, talvez não querendo nomear um valor muito baixo por medo de parecer avarento ou covarde, nem muito alto para arriscar perder.

— Cinco guinéus serão suficientes?

— Se isso te agrada.

Sua resposta indiferente pareceu desapontar o visconde. Alastair distribuiu três cartas cada.

— Você voltou ao Château Follet desde a última vez em que nos encontramos? — Devon perguntou enquanto olhava para suas cartas.

— Eu não tenho ido — Alastair respondeu suavemente.

— Nem eu.

— Faça sua aposta.

— Ah, bem, deixe-me adicionar mais cinco guinéus então.

Alastair acertou a aposta.

— Mas eu gostaria de voltar em breve — Devon continuou, franzindo a testa enquanto ponderava se deveria apostar novamente ou desistir. — Não tive oportunidade de perguntar se a Srta. Abbey, sua prima, não é? Se ela gostou de sua estadia no Château Follet?

Alastair apertou a mandíbula.

— Ela é uma criatura encantadora. Que maravilha que vocês vêm da mesma família. Foi uma grande coincidência que vocês dois estivessem lá ao mesmo tempo.

— Você pode dobrar as apostas se quiser ver as cartas.

— Ah, sim, talvez eu deva. Isso daria mais vinte guinéus então.

— Quarenta.

— Quarenta então.

Alastair baixou suas cartas, uma corrida que superou o flush de Devon.

— Eu esqueci a rapidez com que este jogo termina — Devon disse enquanto Alastair entregava a Devon as cartas para embaralhar.

Depois que uma nova aposta foi estabelecida e as cartas distribuídas, Devon perguntou: — A Srta. Abbey voltará para o Follet?

— Não — Alastair respondeu rapidamente.

As sobrancelhas de Devon se ergueram. — Não? Eu rezo para que ela não tenha ficado desapontada com o Follet?

— Sua presença no Château foi uma ocasião rara e ela não retornará.

— Você está em comunicação com ela, então? Ela confidenciou isso a você?

— Você se interessa por Miss Abbey?

— Como você é primo dela, admito que a achei bastante cativante. Diga novamente a razão pela qual ela não vai voltar para Follet?

— Eu não dei uma razão.

— Se ela não planeja voltar, posso apenas arriscar que ela teve uma experiência decepcionante, e isso é uma lástima, pois ninguém deveria deixar o Château Follet insatisfeito.

Alastair sentiu-se tentado a dizer que ela ficara mais do que satisfeita com a experiência, mas manteve a boca fechada, exceto para dizer: — Pode apostar, senhor.

— De onde vem a senhorita Abbey?

— Por que você deseja saber?

Devon moveu sua atenção das cartas para Alastair.

— Parece que você é protetor com ela.

Ela precisa ser protegida de lobos como você, Alastair pensou.

— Como você é um convidado frequente no Château Follet, deve estar ciente de que a discrição é o valor mais honrado.

Devon fez uma aposta de cinco guinéus e disse: — Estou mais do que ciente e, durante minha permanência no Château Follet, nunca divulguei ou deixei escapar qualquer indiscrição.

Alastair colocou mais cinco. Devon pensou antes de fazer o mesmo.

— Eu acho que gostaria do prazer de ver a Srta. Abbey novamente.

— Você?

— Na verdade, pensei que poderia encontrá-la aqui na cidade.

Alastair sentiu seu corpo se retesar.

— Acho seu interesse por ela surpreendente, pois ela dificilmente é a donzela mais cativante.

— Eu não sou tão superficial a ponto de um semblante bonito ser tudo o que importa para mim. Embora a Srta. Abbey possa não ser uma beleza no sentido comum da palavra, posso ver que ela tem outras qualidades adoráveis para recomendá-la.

— Tal como? — Alastair perguntou, conseguindo não cerrar os dentes.

Devon se inclinou.

— Eu suspeito que, como um colega convidado de Madame Follet, você entende quais são essas qualidades.

— Acho que minhas preferências diferem das suas.

— Elas não podem ser muito diferentes, ou não nos encontraríamos no Château Follet.

— Você teve a companhia de Miss Abbey por apenas um pequeno período de tempo, dificilmente o suficiente para formar uma impressão substantiva de suas qualidades.

— *Au contraire* , sou muito bom em fazer uma avaliação em um curto espaço de tempo.

Alastair teria gostado de nada mais do que ter Devon perdendo uma soma considerável o suficiente para forçar sua partida, mas ele tinha uma péssima mão.

— Vou ver suas cartas.

Devon também tinha apenas uma carta alta, mas sua dama de ouros bateu o valete de espadas de Alastair.

— Devemos aumentar a aposta para aumentar a emoção? — Devon perguntou, entregando a Alastair o baralho. — Digamos dez guinéus?

— Como quiser.

Depois de colocar a aposta, Alastair embaralhou e distribuiu as cartas.

— Eu gostaria de ter tido mais tempo com a Srta. Abbey. Eu me pergunto como ela passou o resto da noite no Château Follet.

— Ela chegou ao Château Follet por engano. Eu a vigiei até que pudesse vê-la partir em segurança pela manhã.

— Então ela não teve a chance de participar das ofertas do castelo.

— Como eu disse, ela errou — disse Alastair sem tirar os olhos das cartas, um par de três.

Devon colocou dez guinéus em sua aposta.

— Ela parecia bastante à vontade com as atividades do Château – e ansiosa para participar.

— No entanto, seu tempo no Château Follet acabou.

— Você é o guardião dela?

— Eu não sou...

— Então, como você pode ter certeza?

Alastair investiu dez guinéus.

— Eu acho que seus esforços seriam mais bem gastos atendendo a outras mulheres.

— A senhorita Abbey me intriga.

— Ela não se adequaria às suas preferências.

— Você presume que me conhece, meu senhor?

Havia uma ligeira irritação em seu tom, mas Alastair pouco se importou se poderia ofender o homem.

— Ouvi falar de suas preferências com meu amigo, o Barão Rockwell.

Devon franziu a testa com isso.

— Não pretendo desconsiderar seu amigo, mas Rockwell faz muitas suposições. Ele nem sempre está certo.

— Você nega que gosta de virgens?

Devon colocou vinte guinéus antes de responder com o queixo erguido.

— Eu não. As virgens são deliciosas e considero uma honra apresentá-las aos prazeres da carne. Quando você diz que a Srta. Abbey não combina comigo, você quer dizer que ela não é virgem?

— Eu quero dizer que você vai ficar longe da Srta. Abbey — Alastair fechou a cara.

— Isso soa como uma ameaça, meu senhor.

— Então considere isso uma ameaça. — Alastair baixou suas cartas. — Nosso jogo acabou, senhor.

Devon sorriu maliciosamente enquanto exibia suas cartas, surpreendendo Alastair. Ele tinha apenas um oito para uma carta alta.

— Parece que sou melhor em me gabar do que pensava. Acho que eu não deveria ser subestimado. — Ele coletou seus ganhos. — Eu teria proporcionado a Miss Abbey uma experiência inesquecível no Château Follet. É uma pena que não tive oportunidade de fazê-lo. Mas... talvez outra hora.

— Você me considerará mais presunçoso do que Rockwell, mas duvido que esteja à altura da tarefa de satisfazer as expectativas da Srta. Abbey. — Alastair teve a satisfação de ver as narinas de Devon dilatarem-se. — Cuidado para você não *super*estimar o seu apelo.

— Sua prima me achou atraente o suficiente. Se você não tivesse intervindo, ela teria...

Alastair havia se levantado, levando Devon a se levantar também. Os dois homens se olharam tensos até Kittredge aparecer, segurando uma garrafa de vinho.

— Me perdoe. Eu não pretendia demorar...

— Obrigado pelo jogo — disse Devon sem tirar os olhos de Alastair. — E pelos ganhos.

Com uma reverência, o visconde se despediu.

— O que diabos aconteceu? — Kittredge perguntou a Alastair quando Devon partiu. — Você parece pronto para esmurrar o homem.

Alastair voltou a sentar-se.

— Você demorou muito procurando Thistlewood.

— Encontrei-o na adega. Ele queria a minha opinião sobre algum Madeira. O que diabos aconteceu entre você e este visconde? Ele trapaceou nas cartas?

— Não, embora eu não fosse duvidar dele fazer isso — Alastair respondeu enquanto observava Devon do outro lado da sala.

Kittredge sentou-se e encheu duas taças de vinho.

— Hm. Então não posso imaginar o que ele poderia ter feito para merecer sua ira. Ele criticou sua família? Não, isso não o incomodaria. Ele é seu concorrente para Lady Sophia?

Alastair se voltou para o amigo.

— Ele é um sujeito bonito, com certeza — continuou Kittredge — mas você o supera, e isso não é pouca coisa para a filha de um duque. O livro de apostas da Brooks's coloca você na liderança da bela mão da donzela, embora haja umas tantas apostas de que você não se casará por pelo menos mais cinco anos.

Pegando a taça de vinho de Kittredge, Alastair bebeu sem provar o vinho do porto. Embora ele tivesse prestado mais atenção à mulher, Lady Sophia, do que era seu costume, sua mente no momento se concentrava em Millie. Se Devon sabia que ela era sua prima, ele poderia facilmente discernir que a Srta. Abbey não era outra senão a Srta. Abbott.

— Não é um bom porto? — Kittredge perguntou , enchendo seu próprio copo antes mesmo de terminar. — Eu digo que bebamos tanto quanto podemos e dormimos bem depois do meio-dia antes de partirmos para os campos de caça de Suffolk.

— Os terrenos de Edenmoor são bons para a caça nesta época do ano — Alastair pensou em voz alta.

— Eh?

— Propriedade da minha tia.

— Não tenho certeza se sua tia ficaria satisfeita com minha companhia, pois ela acha que encorajo seus vícios, mas faça o que quiser Alastair. Irei onde quer que se possa tomar um bom copo de vinho.

Capítulo Oito

Não tendo visto Katherine desde a viagem para Bath, Mildred ficou muito feliz ao ver sua senhoria. Katherine segurou a mão dela e apertou-a calorosamente na recepção. Mildred mal podia esperar para ter um momento a sós com a mulher.

— Você é uma visão bem-vinda para esses velhos olhos — disse Katherine, pegando o braço de Mildred enquanto conduzia os Abbotts para dentro de sua casa.

— Você pode descrever seus olhos como velhos, mas eles são mais afiados que os meus — respondeu Mildred. Ela nunca considerou sua senhoria velha, apesar da aparência grisalha em seus cabelos e rugas nos cantos dos olhos e da boca. Sua senhoria ainda possuía uma postura impecável e um porte robusto.

— Lamento que tenha passado tanto tempo desde a última vez que tivemos a companhia uma da outra, mas Harriett me exigiu.

Harriett era filha de Lady Katherine com seu primeiro marido.

— Eu espero que ela esteja com melhor saúde? — Perguntou Mildred.

Elas tiveram um momento de solidão parcial, pois o pai dela, ainda sonolento do cochilo, caminhava lentamente atrás delas. Sua

mãe estaria ao lado delas, mas estava ocupada maravilhando-se com os arredores.

— Sim, mas eu a proibi de fazer a viagem para Edenmoor até que o bebê fique mais velho.

— Você deve estar muito feliz por ter outro neto.

Katherine sorriu.

— Ele é um bebezinho ruidoso, assim como todos os homens d'Aubigne.

A Sra. Abbott veio até elas.

— Que bela entrada você tem, Lady Katherine! Que brilho preenche este espaço! E como todos os seus móveis e decoração são bem escolhidos. Tão leves e edificantes para o clima!

— Devo dar o crédito a Richard por isso. Meu primeiro marido gostava de tons escuros, e como todos os nossos móveis eram feitos de mogno na época, tudo parecia um tanto sombrio. Eu espero que vocês fiquem confortáveis aqui. Vocês chegaram primeiro e tem o controle do lugar.

— E quem mais teremos o maior prazer em esperar?

— Meu filho, Edward, sua esposa e filhos chegarão hoje. Minhas sobrinhas, Louisa e Caroline, virão um dia antes de Michaelmas e ficarão dois dias.

— O que? Teremos o prazer de sua companhia apenas por dois dias? É uma grande distância para viajar para uma permanência tão curta.

— A distância não é nada para os jovens — interveio Mildred, embora a falta de graça da mãe nunca tivesse parecido incomodar Katherine. Mildred ficou secretamente aliviada por Louisa Wilmington e Caroline Brewster não ficarem por toda a semana. Ela conhecera as mulheres com moderação, mas nenhuma das duas conseguia esconder seu desdém por Katherine ter escolhido um segundo marido tão abaixo de sua posição.

— E quando seu sobrinho chega? — A Sra. Abbott perguntou a Katherine.

Mildred enrijeceu.

— Não o espero de forma alguma — respondeu Katherine.

— De fato? Ele não vai passar Michaelmas com sua família?

— Alastair faz o que Alastair deseja.

Ainda insatisfeita, a Sra. Abbott perguntou: — Espero que ele esteja bem?

— Eu não tenho nenhuma razão para acreditar o contrário. Ele não entrou em detalhes em sua carta para mim.

A Sra. Abbott ergueu as sobrancelhas. — Oh?

— Venha, mãe, vamos ver nossos aposentos — disse Mildred.

Enquanto eles avançavam pela casa, a Sra. Abbott teve a grandiosidade da escada, as tapeçarias aconchegantes e envolventes no corredor e as pinturas muito finas nas paredes para distraí-la. Depois de deixar o Sr. e a Sra. Abbott em seus aposentos, Katherine levou Mildred a seu próprio quarto. Com uma janela que

dava para os jardins e seda pastel nas paredes, o quarto era encantador para Mildred.

— Terei o chá pronto em uma hora — disse Katherine — e espero que seja tempo suficiente para você trocar suas roupas de viagem.

Mildred assentiu. — Eu não posso agradecer o suficiente pelo seu convite para passar Michaelmas com sua família. Minha mãe estava além de emocionada, e acho que sua empolgação a oprime...

— Não se preocupe com isso, minha querida. Embora eu entenda por que Richard estava hesitante em me ter associada com sua família, eu disse a ele que isso me incomodava pouco. Posso ser d'Aubigne, mas *você* sabe que não sou o tipo de mulher convencional.

As mulheres compartilharam um sorriso.

— Serei eternamente grata por ter sua amizade, minha senhora — disse Mildred.

— Não exijo nada do seu sentimentalismo, minha menina, mas vou encontrar um momento para nós duas. Eu gostaria de saber como você se saiu todo esse tempo.

Com o aparecimento da arrumadeira, Lady Katherine despediu-se. Quando Mildred tirou o casaco, ela lembrou que o marquês não iria passar Michaelmas em Edenmoor. Ela não pôde deixar de ficar um pouco desapontada, pois a última troca deles havia sido insatisfatória. Mas ela também ficou aliviada por ele estar ausente. Embora ela estivesse determinada a manter o

relacionamento como era antes do Château Follet, ela sabia que estaria se enganando que poderia ser perfeitamente o mesmo.

— Você está desapontada? — Lady Katherine perguntou.

Sua senhoria e Mildred passearam pela mansão depois do chá. A Sra. Abbott, cansada da viagem, retirou-se para seus aposentos para descansar. O Sr. Abbott lia o jornal na soleira.

— Desapontada? — Mildred ecoou.

— Que ele não estará aqui.

— Como poderia ser quando tenho sua companhia? — Mildred falou.

Katherine sorriu.

— No entanto, você prefere que ele se junte a nós.

Mildred balançou a cabeça.

— Com que propósito eu desejaria vê-lo? Ele recusou meu pedido de devolver meu dote ao valor inicial, e agora é tarde demais para ele mudar de ideia.

— Não precisa haver um *propósito*. Se você tem prazer em vê-lo, isso é independente de qualquer outra coisa.

Mildred estudou sua senhoria, perguntando-se se a mulher havia tentado, como fizera com o Château Follet, colocar os dois no

caminho um do outro mais uma vez. Mas não poderia haver motivo para um segundo encontro. Mildred seria eternamente grata a Lady Katherine por sua apresentação ao Château Follet, e grata por ter organizado tudo para que Alastair pudesse ter a sua desejada noite de devassidão. Sua senhoria sabia que, se tivesse revelado seus planos a Mildred, Mildred teria recusado a ideia de se submeter ao marquês.

— Minha irritação com ele não desapareceu — disse Mildred. — Fui cercada por todos os tipos de pretendentes indesejados, e minha atual miséria se deve a Alastair.

— Não há nenhum entre eles que você consideraria um marido?

Mildred estremeceu, mas então considerou o Sr. Winston. Ela se perguntou que tipo de marido ele poderia ser.

— Ah, há um — discerniu sua senhoria. — Quem é ele?

— O nome dele é George Winston.

— Esse nome é vagamente familiar, mas acho que não tenho o prazer de conhecer este homem.

— Só o menciono porque é mais tolerável do que os outros. Suas maneiras são agradáveis e ele é inteligente e articulado.

— Isso parece bastante promissor. Seus pais o aprovam?

— Ele tem uma renda de cavalheiro, sem dúvida, mas minha mãe acredita que há melhores perspectivas. Mas estou inspirada por você, minha senhora, a dar mais importância ao caráter de um cônjuge do que às suas riquezas.

— Recebi muitas críticas quando me casei com Richard, mas, então, cumpri meu dever no meu primeiro casamento e, como meus filhos estavam casados, tive mais liberdade para seguir meu coração.

Mildred olhou pela janela. Como sua vida seria diferente se ela tivesse uma liberdade semelhante.

— Eu pensei que preferia ser uma solteirona a me casar com um homem que não amava ou desejava — observou ela. — Mas é meu dever, e eu seria considerada muito ingrata se decidisse não me casar. Muitas moças não têm os privilégios que tenho agora.

— Então seja ingrata. Eu odiaria ver seu espírito esmagado pelo peso de um casamento infeliz.

— Não há um homem que poderia me acomodar, e a culpa é inteiramente minha, temo ser muito meticulosa... e muito perversa.

— Não perca as esperanças, minha querida. Venha, deixe-me mostrar uma coisa.

Lady Katherine a conduziu até o final do corredor, pegou uma chave e destrancou um conjunto de portas duplas. Elas entraram em uma sala escura, mas sua senhoria encontrou as cortinas que cobriam a única janela da sala e as puxou de lado.

Embora o resto da casa fosse claro e arejado, este quarto era escuro e podia parecer, sem luz, um pressentimento, com seus painéis de madeira escura, piso nu e lareira de pedra. A respiração de Mildred parou enquanto ela olhava ao redor da sala. Muitos dos

aparelhos eram familiares a ela – como os que vira no Château Follet.

O calor se infiltrou em suas entranhas quando ela viu uma cruz de Santo André e se lembrou de como era estar algemada a uma. Ela observou um banco de madeira que deveria ser montado, pois a parte de trás do banco estava no lado estreito. Ao lado do banco havia um pelourinho. Estava um pouco acima da altura da cintura e ela não achava que ficaria muito confortável trancada em um desses.

— Você tem seu próprio Château Follet — observou Mildred com admiração e até inveja.

— Visto que Richard e eu compartilhamos esse interesse, era muito mais prático ter em nossa própria casa. Viajar para o Château Follet é difícil no inverno, e muitas vezes não tínhamos paciência para fazer a viagem.

Mildred olhou em volta mais uma vez. Ela se consideraria verdadeiramente abençoada se encontrasse um homem como Lady Katherine havia encontrado.

— O quarto fica empoeirado por falta de uso — disse sua senhoria — mas eu o limpo de vez em quando, porque os criados não entram. Não vou deixá-lo cair em mau estado, pois ele guarda muitas memórias para mim.

— Você tem muitos quartos elegantes, minha senhora — observou Mildred — mas este é o meu favorito.

Capítulo Nove

— E quanto tempo você pretende que fiquemos em Edenmoor? — Kittredge perguntou enquanto ele e Alastair cavalgavam em direção à propriedade de Katherine.

— Não mais do que dois dias e uma noite, eu acho — respondeu Alastair, que preferia cavalgar aos solavancos e sacolejos de uma carruagem. O confinamento não combinava com seu temperamento, e o ar do outono acalmava a agitação que o acometera desde seu encontro com Devon.

— O que? Todo esse caminho por apenas dois dias?

Alastair pensou em suas irmãs e estremeceu por dentro. O filho de Katherine também estaria lá com sua família. Ele não se importava tanto com Edward, mas ainda não tinha nenhum desejo de conversar com ele ou sua esposa, Anne. Seus filhos, com idades entre seis e doze anos, podiam ser briguentos entre si e turbulentos demais para o seu gosto. Ele não achava que sua prima Harriett e sua família estariam presentes, e o Sr. e a Sra. Abbott estavam muito intimidados por ele para exigir muito de sua atenção. Mesmo assim, ele se perguntou se conseguiria tolerar até dois dias em tal companhia.

— A caça é excelente assim? — Kittredge perguntou.

— É mais do que adequada.

— Então diga novamente por que estamos indo para lá?

— Eu não disse antes, mas você pode se contentar que minha tia mantenha um porão decente.

— Sua sobrinha, Emily, estará lá? Ela foi apresentada no ano passado, não foi? Ela é muito tentadora.

Alastair devolveu um olhar severo.

— Não se preocupe — Kittredge riu. — Não tenho planos para sua família. Prefiro você como amigo e não parente. Meu Deus, eu odiaria ter você como cunhado. Seu tio estará lá?

— Viajar piora suas articulações.

— Eu gosto de Herbert. E de seus claretes ainda mais.

Alastair não suportava a companhia do irmão de Katherine mais do que gostava da companhia de suas irmãs, que agora teria que aguentar por pelo menos um dia inteiro.

Ele se amaldiçoou. Selecionar Millie para atender ao pedido de aniversário de Katherine havia se tornado uma tarefa muito maior do que ele jamais havia imaginado. Ele poderia ter esperado até que Millie voltasse a Londres para falar com ela, mas estava preocupado com o que Katherine poderia dizer ou fazer. Ele nunca teria imaginado que sua tia levaria Millie ao Château Follet, embora ela tenha orquestrado bem a coincidência. Quem sabia que outro absurdo as duas mulheres poderiam tentar?

Tendo descoberto que Millie nutria desejos tão obscuros e devassos, ele entendeu por que Katherine, que o apresentou a Follet, levou Millie lá. Mesmo assim, tinha sido uma proposta

SUBMITTING FOR Christmas

arriscada e assim permanecia. Ele duvidava que Millie pudesse lidar com gente como Devon. Ele não podia arriscar que Millie voltasse para o Château Follet, e agora não ficaria surpreso se Katherine encorajasse isso.

— Bem! Esta é uma surpresa muito bem-vinda! — exclamou sua tia quando chegaram a Edenmoor.

— Eu espero que você tenha recebido o aviso de nossa vinda? — Alastair perguntou.

— Eu recebi, e preparei quartos para vocês, embora seu aviso apenas dissesse que você *poderia* vir. Onde estão seus valetes e bagagens?

— Não muito atrás. Você se lembra de Kittredge.

Seu amigo tirou o chapéu e fez uma reverência.

— Sim — respondeu Katherine. Ela deixou de lado suas reservas. — Bem-vindo, meu senhor.

— Minhas irmãs chegaram?

— Eles vêm amanhã, mas Edward está aqui com sua família. E os Abbotts. — Para Kittredge, ela explicou: — Eles são parentes de meu falecido marido, Richard.

— Estou ansioso para conhecê-los — disse Kittredge.

Alastair olhou em volta, esperando ver os meninos Cheswith correndo pelos corredores.

— Onde está todo mundo?

— Millie está brincando com os meninos.

Ele achou interessante que ela tivesse respondido com relação à única pessoa que ele tinha vindo ver. Seu olhar pousou em uma grande pintura de Richard e Katherine de alguns anos atrás. Os dois se conheceram no Château Follet e se apaixonaram lá. Alastair esperava que não fosse o que Katherine esperava de Millie.

Sentindo o estudo de sua tia, ele se virou para ela.

— Kittredge e eu saudaremos os outros depois de trocarmos nossas roupas de montaria.

— Deixe-me mostrar seus quartos, então.

Ela poderia ter pedido a um criado que os acompanhasse em seus quartos, mas Alastair suspeitou que ela se ofereceu para que pudesse falar com ele. E ele estava certo. Depois de ver Kittredge instalado, ela acompanhou Alastair pelo corredor.

— O que motivou sua decisão de se juntar a nós para o Michaelmas? — ela perguntou.

Ele havia antecipado essa pergunta e não tinha reservas em ser franco com ela.

— Millie.

O semblante de Katherine se iluminou.

— Encontrei um ladino, que ela conheceu enquanto estava em Follet, e queria avisar a vocês duas que ele pode procurá-la.

Ela franziu o cenho.

— Isso é contra a etiqueta do Château Follet.

— Ele está bastante apaixonado por Millie.

— Isso dificilmente é uma surpresa.

— Por razões que você deveria achar preocupante. Ele pensa que ela é virgem. — Ele virou para encará-la. — Espero que você não pense em devolver Millie ao Château Follet.

— Eu não tinha considerado isso.

— Eu rezo para que você não faça.

— Por que não?

— Não posso estar sempre lá para protegê-la contra personagens desagradáveis.

Katherine sorriu.

— Que bom que você se interessa tanto pelo bem-estar dela.

— Senhora, peço que considere o assunto com seriedade. Você *não pode* levar Millie de volta ao Château Follet.

— André, se ela deseja voltar, por que eu não deveria facilitar sua felicidade?

— Ela expressou desejo de voltar?

— Não explicitamente. Não temos estado na companhia uma da outra ultimamente, e espero que ela e eu tenhamos mais oportunidade de conversar agora.

— Você deve desencorajar quaisquer pensamentos de retornar.

Katherine suspirou.

— Você é parcial com Millie — ele continuou — e se *você* gosta dela, você vai querer vê-la ilesa. Você não pode permitir que sua afeição pelo Château Follet atrapalhe seu julgamento. Eu peço que você seja a parte responsável.

— É claro que não gostaria de colocá-la em perigo e, porque aprecio sua demonstração de consideração por outro ser humano, honrarei seu pedido.

Ele se virou para entrar em seu quarto, mas estava apenas parcialmente satisfeito. Ele não apostaria tudo o que tinha que Katherine faria exatamente o que ele queria. E também havia a questão de Millie. Ele não ficaria totalmente surpreso se ela ousasse retornar ao Château Follet sem a participação de Katherine.



Millie estava errada. Embora ela tivesse protestado que a natureza de seu relacionamento não mudaria, ela mudou.

Vestida com roupas limpas, Alastair a encontrou do lado de fora, jogando cabra cega com os meninos Cheswith e os filhos de alguns criados. Millie estava com a venda e as crianças corriam ao redor, rindo e chamando por ela. Alastair observou por vários minutos, mas quando a viu indo em direção a um buraco no chão, ele se aproximou. Ele estava muito longe para alcançá-la a tempo, e ela parecia não ouvi-lo chamar seu nome. Ela caiu de joelhos,

mas ele a segurou antes que ela tropeçasse em suas próprias saias na tentativa de se levantar.

Era agradável abraçá-la.

Quando ele a endireitou, ela levantou a venda, dizendo: — Meu Deus, eu não...

Ao vê-lo, seu rosto ficou vermelho. Ela raramente corava com ele antes. Ele a soltou com alguma relutância.

— M-meu senhor — ela cumprimentou, você... você está aqui.

Ele viu que ela estava com um chapéu muito melhor do que a última vez. Combinava com ela.

— Lady Katherine disse...

— Eu não havia confirmado minha vinda com ela — ele explicou.

Ela pareceu se recompor.

— Sua presença deve agradar muito a sua família.

Ele queria perguntar se a agradava, mas ele poderia averiguar isso em breve. As crianças reclamaram no estábulo. Ela olhou para as saias cobertas de sujeira, limpando-as.

Ele se dirigiu ao menino Cheswith mais velho.

— Thomas fique no lugar da Srta. Abbott para que ela possa cuidar de seu vestido.

— Isso não será necessário — disse Millie. — Eu posso continuar. É apenas um pouco de poeira.

Ele pegou a venda dela e deu a Thomas. Para Millie, ele disse: — Vou acompanhá-la até a casa.

— Na verdade, não estou ferida.

Ele ergueu uma sobrancelha. Ela deu um suspiro como se cedesse a uma criança persistente e caminhou com ele. Eles ficaram em silêncio a princípio, antes que ele perguntasse: — Você não pretende perguntar por que estou aqui?

— Você está me pedindo para bisbilhotar? — ela voltou com um sorriso.

— Não, mas a maioria ficaria curiosa para entender meus motivos.

— Você faz o que quer. Não é minha função questionar ou julgar seus motivos.

Ele se perguntou se os motivos dela eram porque ela sabia que ele preferia não ser questionado ou porque ela era indiferente ao que poderia ser sua resposta.

— E a maioria iria perguntar como estavam as estradas, ou como se saiu na sua caçada — observou ela, mas você desdenharia esse tipo de *tête-à-tête.*

— Você me conhece bem, Millie.

Ela sorriu.

— Você não é complicado, meu senhor.

— No entanto, acho que a maioria das pessoas é incapaz de se abster de suas próprias inclinações, independentemente das minhas preferências.

— Te incomoda que os outros nem sempre lhe concedam o que você quer?

— Como filho único de um marquês, sou muito mimado e acostumado a receber o que quero.

Ela deu uma risadinha.

— Sim você é.

Ele parou.

— Eu não solicitei sua concordância com minha declaração.

— Não, mas você a tem. Como acho que nunca concordamos com nada, achei uma ocasião especial para tomar nota.

Ele balançou sua cabeça. Sua prima conseguia facilmente ganhar sua aprovação e sua irritação. Ele queria proibi-la de retornar ao Château Follet, mas ela se recusaria a tal tentativa arrogante de controlá-la. Eles voltaram a andar.

— Enquanto estava na cidade, encontrei seu amigo, o visconde Devon — disse ele.

— De fato?

Ele franziu a testa com o aparente interesse dela.

— Ele não é um homem que merece sua atenção, Millie.

— Você já disse isto antes.

— Eu manteria distância dele.

— Duvido que meu caminho se cruze com o dele.

— Mas se for o caso, você vai atender às minhas advertências?

Ela o estudou antes de responder: — Você não precisa se preocupar que eu levantarei minhas saias ao conhecê-lo.

— E se ele tentasse seduzi-la?

Ela parecia divertida com a ideia.

— Tenho certeza de que há conquistas muito melhores para ele.

— Você não precisa se rebaixar assim. Você tem muitas qualidades para recomendar você.

Desta vez, ela parou e olhou para ele. Havia um brilho em seus olhos que ele achou bastante atraente.

— Você é gentil, meu senhor — disse ela.

Ele estava prestes a censurar o fato de ter ganhado esta qualidade quando Kittredge apareceu.

— Aí está você, Alastair. Eu revisei o porão da sua tia...

Ao ver Millie, ele se curvou. Alastair fez as apresentações necessárias. Após um breve diálogo de polidez entre Millie e Kittredge, Millie disse que iria para seu quarto.

Alastair teve pouca oportunidade de falar a sós com Millie, pois Edward o envolveu em seguida com detalhes de uma caçada para a manhã seguinte. Ele não pôde falar com ela durante o

SUBMITTING FOR Christmas

jantar, e ela não fez nenhum esforço para procurar sua companhia depois. Muito pelo contrário, ela parecia manter distância dele, optando por falar com Anne principalmente. Ele a viu olhar em sua direção, entretanto, quando ela pensava que ele não estava olhando.

Quando Anne e os Abbotts decidiram se retirar para a noite, Millie disse que faria o mesmo. Alastair ficou com Edward e Kittredge até que os dois homens tivessem se enchido de xerez e porto. Em seus aposentos, Alastair permaneceu acordado, pensando em como poderia falar com Millie em particular antes ou depois da caçada.

Mas ele não precisava ter esperado até amanhã. Uma hora depois de todos terem ido para a cama, ele ouviu passos passando por seus aposentos. Mesmo antes de abrir a porta, ele suspeitou que fosse Millie.

Capítulo Dez

Mildred queria dar mais uma olhada na sala da devassidão perversa. Ela não tinha visto Lady Katherine trancar o quarto depois de mostrá-lo a ela no primeiro dia, e quando ela experimentou as portas, ela descobriu que realmente estavam abertas.

Ela fechou a porta atrás de si e, usando sua própria vela, acendeu um candelabro. Ela respirou fundo enquanto olhava ao redor da sala uma segunda vez. Passando pelo pelourinho, ela foi até o aparador, acima do qual estavam pendurados duas bengalas, três chicotes e um açoite. Ela pegou o mais pesado dos chicotes, perguntando-se quão forte seria o golpe com as largas tiras de couro e se ela poderia aguentá-los?

Substituindo o chicote, ela abriu uma das gavetas do aparador e encontrou uma coleira; um par de grampos; dois tubos de vidro oco, com pontas semelhantes a uma seringa de cirurgião; vários anéis de metal, cada um menor que a ponta de um dedo; e dois minúsculos pares de meias-esferas unidos. As pinças de que ela se lembrava bem. Alastair aplicou um par semelhante em seus mamilos. Ela se lembrou da dor aguda, uma sensação adorável e deliciosa que despertou seu corpo inteiro. Seus mamilos endureceram com a memória, e ela passou a mão sobre o seio para acalmar o batimento cardíaco acelerado.

A gaveta do meio continha itens de igual perplexidade. Ela pegou um objeto de vidro em forma de lágrima alongada, mas com uma base larga. Abaixando-o, ela olhou em seguida para uma série de contas conectadas por um cordão, e então outra lágrima de vidro, esta com uma cauda de raposa presa na ponta. Intrigada, ela desejou poder perguntar para que serviam. Talvez ela tivesse coragem de perguntar a Katherine.

A terceira e última gaveta a fez suspirar.

Aninhados em cima do forro de seda, havia vários consolos de tamanhos variados. Ela pegou um feito de vidro e admirou seu acabamento liso. O trabalho artesanal era bastante impressionante, pois o artesão tinha moldado a parte superior para se parecer com o alargamento na ponta de um pênis. Colocando o vibrador de vidro no lugar, ela pegou um menor de madeira com saliências. Ela se perguntou se um objeto tão duro poderia proporcionar prazer, pois um pênis verdadeiro, embora duro, tinha alguma suavidade. O terceiro e último dildo era feito de um material que lembrava borracha indiana. Era bastante grande tanto em comprimento quanto em circunferência. Ela estremeceu ao pensar em sua boceta engolindo um objeto tão grande. Mesmo assim, ela o pegou para se maravilhar com seu tamanho e instintivamente lambeu os lábios. Ela se lembrou do sabor delicioso do pênis de Alastair.

Olhando para o pau que segurava, ela se perguntou se poderia envolver sua boca sobre essa monstruosidade. Sentindo-se travessa, ela colocou o vibrador na boca. Ela lambeu sua ponta, então o empurrou entre os lábios. Ela mediu cinco centímetros e

sentiu seus lábios se esticarem ao longo da circunferência. O desejo rodou em sua virilha. Como ela gostaria de ter um pau de verdade para segurar!

— *Essa* é uma visão que vale quatro mil libras.

Em sua pressa para puxar o vibrador, ela o balançou várias vezes antes de deixá-lo cair completamente. Ela sentiu-se enrubescer até a raiz do cabelo. Mas ficou um tanto aliviada ao ver que era Alastair na soleira. Há quanto tempo ele estava parado ali? Apesar da hora tardia, ele ainda usava suas roupas, mas estava com sua banyan[3] em vez de seu casaco.

— Eu me perguntei se Katherine havia lhe falado sobre este quarto — disse ele.

Ela se abaixou para pegar o vibrador. Depois de limpá-lo com o robe, ela pretendia devolvê-lo à gaveta.

— Ainda não — ele disse enquanto entrava na sala. — Eu interrompi seu banquete.

Seu rubor se aprofundou.

— Eu estava apenas... é de uma largura tão ridícula, eu apenas me perguntei...

— Quanto você poderia engolir? — Ele ficou na frente dela e segurou a mão que segurava o vibrador. — Vamos descobrir.

[3] Um banyan é uma peça de roupa usada por homens no século 18 influenciado pela roupa persa e Asiática



Seu coração batia forte em seus ouvidos quando ela permitiu que suas mãos guiassem o vibrador de volta para sua boca. Ela separou os lábios e relaxou a língua para permitir a entrada do gigante. Ela não aguentou mais do que sete centímetros antes de engasgar.

— Um pouco mais — ele encorajou.

Querendo agradá-lo de repente, ela fez o possível para absorver mais. Sua boca estava esticada ao máximo e, embora ela tivesse respirado pelo nariz, parecia estranha enquanto sua boca estava entupida pelo pau falso. Ela olhou para ele e a luxúria fundida em seus olhos a fez latejar entre as pernas. Ela ficaria horas com a boca entupida pelo pau, hipnotizada pela expressão de desejo em seu semblante. Ficou satisfeita em saber que ele não era imune a ela.

— Você pode soltá-lo — disse ele, puxando a mão com o vibrador de volta para baixo.

Ela lambeu os lábios e esperou para ver o que ele faria a seguir. Ela se atreveria a esperar que ele ficasse? Liberando suas mãos, ele deu um passo para trás. Ele agora a aconselharia a voltar para seus aposentos, ela previu com decepção. Seria inútil. Ela não conseguia dormir, não depois de ver tudo o que ela tinha visto, não depois que ele a testemunhou comendo um pau falso. Suas mãos ainda estavam quentes com seu toque.

— É difícil imaginar sua senhoria fazendo uso de tais implementos — disse ela quando não aguentou mais o silêncio. — Ou você acha que eles são apenas para exibição?

— Minha tia e eu não discutimos os detalhes do que ela e Richard faziam a portas fechadas

Mildred assentiu. Talvez fosse melhor não imaginar sua senhoria envolvida em perversidade devassa. Ela colocou o grande consolo de volta em seu lugar. Percebendo que Alastair estaria familiarizado com os pertences da sala, ela acalmou a vibração dentro dela e perguntou: — Você poderia satisfazer minha curiosidade?

Ele cruzou os braços.

— Não.

— Por que não?

— Porque eu não estou inclinado.

— Realmente, Alastair! Você pode ser bastante egoísta.

— Apenas 'bastante' egoísta? Devo estar amolecendo na minha velhice.

Seu lábio inferior caiu por um momento, mas então ela viu um pequeno brilho em seus olhos e decidiu que não permitiria que ele a irritasse.

— No salão de jogos, você ameaçou me elogiar por minha *generosidade* — ele a lembrou.

— Sim, e escrevi várias cartas para esse efeito. Você não respondeu a nenhuma delas.

— Fiquei cansado de recebê-las.

— Você poderia ter acabado com elas se você apenas concordasse com meu pedido.

Ao não dizer nada, ele parecia reconhecer seu ponto de vista.

— Eu apenas me perguntava sobre o propósito de alguns itens — ela explicou, abrindo a primeira gaveta mais uma vez. Ela pegou o conjunto de minúsculas meias-esferas presas juntas. — Estes, por exemplo.

— Katherine encoraja sua busca em tais assuntos. Por que você não pergunta a ela?

— Porque ela está dormindo. E você está... aqui.

Na luz fraca e bruxuleante, ela pensou ter visto um canto de seus lábios virar para cima.

— Vou responder a *uma* pergunta.

— Você recusou um pedido muito mais significativo meu.

— E por causa disso, devo atender a todos os outros pedidos seus?

— Por que você insiste em ser difícil? Você acha divertido brincar comigo?

— A resposta à sua última pergunta é sim. Quanto ao primeiro, não encorajarei sua lascívia.

— Encorajar minha... — ela engasgou. — Você me fez levar aquele... aquele pau ridiculamente grande em minha boca!

Seu sorriso alcançou os cantos de seus lábios desta vez.

— Como isso não está encorajando minha lascívia? — ela jogou nele.

— Estou à vontade com a minha hipocrisia. Se isso *te* incomoda...

Ela fez uma careta.

— Você merece ser derrubado e espancado.

— Sem dúvida. Felizmente, nunca assumo o papel de submissão.

A menção dele ao papel que ela desempenhara no Château Follet fez seu traseiro formigar com a lembrança de como ele aplicou o chicote em seu traseiro.

— Muito bem — disse ela, colocando as esferas de volta — mas devo adivinhar os usos desses objetos curiosos, se não de Katherine, então...

Ele deu um passo mais perto, e todo o humor havia deixado seu tom.

— Então o que?

— Talvez outra visita ao Château Follet vá...

Ele agarrou o braço dela e a virou para ele.

— Você não vai voltar para o Château.

Seu pronunciamento a irritou.

— Por que não?

— Você já esteve lá.

— Isso não é resposta nenhuma. Não há razão para que eu não volte lá, se quiser. E eu gostaria de outra visita.

— Sem razão? Você arriscaria sua honra, sua família?

— Já tivemos essa discussão antes, Alastair. — Ela tentou retirar o braço, mas ele não a soltou. — E mesmo que eu esteja arruinada — ela continuou — ainda tenho um dote de quatro mil libras como incentivo.

— O tipo de homem disposto a aceitar uma mulher comprometida por quatro mil libras não é o tipo de homem com quem você deseja se casar.

— Na verdade, não tenho nenhum desejo de me casar, mas *você* e meus pais empurraram o assunto para mim.

— Não vou acompanhá-la ao Château Follet.

— Eu não esperava que você fosse. Eu certamente não pediria a você.

Isso pareceu assustá-lo.

— Então como... Katherine se ofereceu para levá-la lá?

— Não, ela não precisa, mas se eu escrevesse para Madame Follet, não acho que ela me negaria um convite.

— E quem serviria como seu parceiro? Quem faria o papel de dominante para sua submissa?

— Se você se lembra um parceiro não é necessário. Posso encontrar alguém lá. E se você não tivesse intervindo da última vez, eu poderia ter me encontrado com o visconde de Devon.

Ela viu a veia em sua têmpora pulsar e se perguntou se ela não deveria ter mencionado Devon.

— Você tem muita sorte de ter escapado de suas garras — Alastair rosnou, apertando o braço dela com mais força. — Eu serei amaldiçoado se você desperdiçar meus esforços anteriores com aquele parasita.

— Então satisfaça minha curiosidade! Sério, Alastair. Às vezes me pergunto onde está seu bom senso.

Um músculo ao longo de sua mandíbula ondulou, mas ele a deixou ir.

— *Uma* pergunta, Millie. Já é tarde.

Ela revirou os olhos, o que viu despertar sua ira. Ela o observou agarrar as esferas.

— Estes — disse ele, abrindo a mão — são ímãs e operam de forma semelhante a grampos.

Intrigada, ela olhou em sua palma para os pequenos objetos brilhantes. Como ela desejava ardentemente que eles fossem fixados em seus mamilos! Ela sentiu uma dor familiar entre as pernas.

— Se eu estiver de bom humor amanhã, você pode fazer uma segunda pergunta — Alastair disse antes de se virar para colocar as esferas de volta.

— Mas essa não foi a minha pergunta — ela protestou. — Se eu tivesse apenas uma pergunta esta noite, seria esta... você será meu dominante?

Capítulo Onze

— Você não tem nenhuma moderação, mulher? — Alastair voltou, tentando ignorar a tensão em sua virilha. Seu pênis já havia se esticado quando ele viu aqueles lábios adoráveis envolvendo o grande consolo.

Ela ergueu o queixo e falou como se não tivesse proposto nada além de um jogo de uíste.

— Achei conveniente, já que estou aqui, você está aqui, e há esta sala e seus acessórios. É muito mais conveniente do que viajar para o Château Follet.

Ele pensou no Visconde Devon. Mais uma vez, sua prima o tinha pressionado contra uma parede, inspirando nele ressentimento e admiração.

— Millie — alertou.

— O que importa se você encorajar minha lascívia?

Ela o havia desafiado sobre isso antes, e ele não poderia fornecer uma resposta verdadeiramente satisfatória.

— Como você não está sendo razoável — respondeu ele — sou obrigado a assumir esse papel.

— Razoável? É razoável oferecer quatro mil libras por um dote a um parente pobre?

— Isso não tem nada a ver com aqui e agora.

— Você é estranho, Alastair. Acho que gostei mais de você quando estava tentando não ser razoável. Suas tentativas de ser bom são bastante tentadoras.

Ele não resistiu a sorrir.

— Na verdade — ela contemplou — não importa o que você faça. Quer você me encoraje ou não, esses desejos perversos persistem dentro de mim. Se eu vou ficar amarrada a um matrimônio num futuro próximo, vou satisfazer minha curiosidade. Pedi sua ajuda, mas se você não fornecer, encontrarei outras maneiras de atender às minhas necessidades.

Ele não tinha dúvidas de que ela faria.

— Muito bem, concederei este seu pedido, e será o último pedido que lhe concederei. Com uma condição: prometa nunca mais voltar ao Château Follet.

Em silêncio, ela avaliou sua proposta antes de dizer: — Quero uma experiência tão gratificante quanto a que ocorreria no Château Follet. Você atenderá a cada curiosidade minha, atenderá a todos os caprichos, atenderá a todos os desejos?

Ele gemeu quando o calor se agitou em suas virilhas.

— Se você se comportar.

Ela assentiu.

— Se eu não fizer isso, você pode me punir como achar adequado. Podemos renovar nosso acordo como era no Château Follet.

O sangue subiu por seu pênis. Não havia como voltar agora, não importa o quão fortemente sua mente pudesse estar inclinada contra isso.

— Você se lembra da sua palavra de segurança? — Como ela não lembra-se, ele a forneceu. — Pérolas.

— Gostaria de começar com essas pequenas curiosidades — disse ela, alcançando as meias esferas.

Ele fechou a mão antes que ela pudesse pegá-las.

— Eu quero sua palavra, Millie.

— Eu prometo não voltar ao Château Follet.

Satisfeito, ele abriu a mão e arrancou a esfera em duas.

— Esses ímãs são fortes. Eles serão piores do que os grampos.

Seus olhos se arregalaram, mas ela não se assustou. Ela pegou os ímãs e os juntou.

— Posso experimentá-los? Meu Senhor.

Uma série de maldições passou por sua cabeça.

Ele afastou as lapelas de seu robe e afrouxou os cordões de sua camisola. Com um dedo torto, ele puxou o decote para baixo. Seu peito subiu enquanto ela inspirava. Sua junta roçou a maciez de seu seio enquanto ele puxava a camisa para baixo em direção

ao mamilo. O botão de rosa já estava tenso de antecipação. Ele cutucou antes de prendê-lo entre o polegar e o indicador. Ele puxou suavemente. Suas costas se arquearam sutilmente, enviando seus seios para mais perto dele. Ele rolou e deu um peteleco no mamilo, devagar, provocadoramente, ainda assim a respiração dela ficou mais curta. Ele beliscou a protuberância, cada vez mais forte, até que ela gritou. Ele o soltou e repetiu o tratamento em seu outro mamilo. Ele beliscou e torceu este. Ela se contorceu, não de dor, mas de sua excitação.

— Posso experimentar agora, meu senhor? — Ela ergueu a mão com os ímãs.

— Ainda não. — Ele precisava garantir que seu nível de excitação fosse alto o suficiente para ela tolerar a dor. Ele afrouxou a faixa de seu manto e segurou seu monte. Ela engasgou de surpresa.

— Você está molhada?

— Um pouco, eu acho.

Sua mão se aninhou mais entre suas coxas. A umidade dela começou a vazar do tecido para os dedos dele. Ela estava mais do que um pouco molhada. Ele esfregou sua camisola, fazendo-a gemer. Ele observou enquanto seus cílios tremiam, sua respiração se tornava irregular e sua boca permanecia aberta, convidando-o a beijá-la, a forçar sua língua para dentro daquele adorável orifício.

— Você se lembra das minhas regras?

— Para chamá-lo sempre de 'meu senhor'.

— E?

— Exigir sua permissão para gozar.

— Ótimo.

Ela fechou os olhos enquanto ele intensificava suas carícias. Seus dedos pressionaram a roupa íntima úmida em suas dobras, roçando seu clitóris. Cada reação dela chamava o primitivo nele, desde a respiração que enchia seus ouvidos até o cheiro de sua excitação flutuando em seu nariz. Quando ele sentiu que ela estava pronta, ele pegou os ímãs de sua mão, alcançou por baixo de sua camisola e colocou uma meia esfera de cada lado de seu mamilo direito.

Ela deu um grito agudo, ambas as mãos agarrando seu pulso, quando ele permitiu que os ímãs se aderissem um ao outro.

— Respire longa e lentamente — ele recomendou. Ela fez o que ele mandou, e ele permitiu que ela o apertasse. — Você precisa de sua palavra de segurança? — ele perguntou.

Ela expirou pela boca e, após uma longa pausa, balançou a cabeça. Ele pegou sua mão esquerda e a colocou entre suas pernas.

— Acaricie você mesma.

Enquanto ela obedecia, ele soltou sua outra mão e puxou o lado direito de seu robe para baixo de seu ombro. O lado direito da camisola o seguiu, expondo o seio agora adornado com os ímãs. Ele deu um passo para trás para admirar as joias beliscando seu mamilo e teve que ajustar sua virilha. Ele deveria permitir que ela gozasse, a parte mais magnânima dele se perguntou?

Não. Ela não tornara as coisas fáceis para ele e ele retribuiria o favor. Ela precisava avaliar os desafios presentes no Château Follet. O visconde Devon não teria mostrado misericórdia, e Alastair pretendia jogar fora qualquer chance de que ela reconsiderasse sua promessa a ele.

Por vários minutos ele a observou dar prazer a si mesma.

— Você deseja gozar?

Ela assentiu.

— Por favor, meu senhor.

— Devemos aplicar o outro par.

Ele caminhou até o aparador para encontrar o outro conjunto de ímãs. Ela se preparou, mas apresentou o outro seio.

Retornando, ele deslizou o lado esquerdo de seu robe para fora de seu ombro, em seguida , puxou para baixo a alça da camisola. Ele olhou seu seio esquerdo apreciando sua forma e palidez de pele. Ele embalou a orbe, saboreando o peso, a flexibilidade na palma da mão, e roçou o polegar sobre o mamilo já ereto. Ela estremeceu. Ele amassou a carne, suavemente a princípio antes de maltratá-la. Ela ronronou sua preferência. Ele puxou o mamilo para garantir que estava em seu pico antes de aplicar os ímãs.

Ela gemeu quando as pequenas esferas beliscaram a base de seu mamilo. Suas roupas, que caíam sobre seus quadris, escorregaram para o chão. Ela estremeceu. Embora fosse um outono mais quente do que nos anos anteriores, o ar noturno ainda

estava fresco. Há muitos anos que não se acendia o fogo na sala. Seu corpo logo esquentaria e seria distraído por outras sensações mais urgentes.

Para cultivar seu próprio calor, ele segurou sua cabeça com as duas mãos e baixou a boca para a dela. Ele a beijou com ternura, provocando-a, pois ela parecia preferir uma aplicação mais dura da aspereza. A língua dele roçou os lábios dela, e embora ela os separasse, ele não deslizou dentro de sua boca, mas tomou goles leves da superfície. Um pequeno gemido resmungou baixo em sua garganta.

Cedendo, tanto a seu próprio ardor quanto ao dela, ele abriu sua boca com a dele e empurrou sua língua entre seus lábios acolhedores. Ele a ouviu suspirar antes de abafar sua respiração. Ele sondou o orifício quente e úmido, esmagando seus lábios e ela grunhiu. Em vez de ceder, ela enfrentou o ataque sobre ela, sua língua lambendo a dele enquanto empurrava a boca para ele.

Seu fervor o pegou de surpresa. Talvez o tempo, e a supressão de sua luxúria através dele, tenham intensificado seus desejos. Ou talvez fossem os ímãs em seus mamilos que induziam a necessidade de liberar a pressão ou atenção em outro lugar. Mas ele gostava de sua paixão, gostava do duelo de suas línguas e do encontro vigoroso de suas bocas. Ele tinha a intenção de erguê-la, lançar-se contra ela ali mesmo, mas desenvolveu mais paciência durante seu tempo no Château Follet. Ele conhecia os benefícios de adiar a gratificação.

Ele a soltou e deu um passo para trás para ver seu corpo nu. Seu cabelo estava amarrado em uma trança atrás dela. Cada parte

dela estava exposta. Ele pegou a mão dela e a recolocou em seu monte.

— Você pode se tocar.

Em silêncio, ele a observou se acariciar por vários minutos.

— Você se diverte em casa?

— Sim.

— Com que frequência?

— Isso varia, meu senhor, mas, em média, quatro ou cinco vezes por semana.

Surpreso com a frequência, ele disse: — Você é muito devassa, Millie.

Ela corou.

— Com que frequência os outros do meu sexo se dão prazer?

— Na verdade, existem alguns, mesmo aqueles que foram hóspedes no Château Follet, que não se dedicam ao prazer próprio.

— Isso é triste, meu senhor, pois embora não me proporcione a satisfação da união, é melhor do que nada.

— Você prefere ter pau?

Seu rubor se aprofundou. — Sim, meu senhor.

Seu pênis pulsou em sua franqueza.

— Posso fazer uma pergunta, meu senhor?

— Você pode.

— Os outros artigos na gaveta. Quais são seus propósitos?

Ele caminhou até o aparador e inspecionou a primeira gaveta. Ele pegou uma coleira de couro com tachas de metal.

— A coleira denota propriedade. Como uma submissa, você pertence ao seu dominante. Você é sua posse. Sua propriedade. Seu animal de estimação.

Ela fez uma careta.

Abaixando a gola, ele caminhou até ela, puxou as esferas em seu mamilo direito antes de permitir que elas se encaixassem novamente. Ela gritou.

— Eu não terei nenhuma demonstração de desrespeito, minha garota.

— Seu perdão, meu senhor — ela murmurou.

— É preciso ganhar uma coleira — explicou ele — mas como você parece não gostar dela, vamos usá-la para lembrá-la de seu status e obrigações.

Ele colocou a coleira em seu pescoço. Ela parecia deslumbrante em nada além de uma coleira e pequenas esferas de metal aderidas a seus mamilos.

— Obrigado, meu senhor. E os itens na segunda gaveta?

Ele abriu a gaveta e fez uma pausa. Ele devia ter suspeitado que ela era virgem nesta terceira maneira de tomar um pênis, mas Millie tinha uma maneira de surpreendê-lo.

— Estes são para penetração na bunda.

— Perdão?

— Eles são inseridos no ânus. — Pela reação dela, ele deduziu que ela ainda era virgem ali. Mas ao invés de parecer enojada, ela parecia intrigada.

— Isso é prazeroso, meu senhor?

— Cada pessoa é diferente, mas sim, pretende-se que seja prazeroso.

Seu pênis se esticou com o pensamento de inserir um dos artigos em Millie. Ela fechou os olhos, talvez imaginando como seria se o terceiro buraco fosse preenchido. Ele notou seus dedos empurrando mais profundamente entre suas pernas.

— Posso ter seu pau, meu senhor?

Toda a tensão desabou na área de sua virilha. Ele pensou que seu pau poderia estourar através de suas calças. Ele respirou fundo várias vezes e teria permanecido em silêncio se ela não tivesse aberto os olhos e olhado para ele. Claro que ele não teria gostado de nada mais do que apoderar-se dela, mas ela pedira uma experiência comparável a do Château Follet. Havia muitas experiências a serem vividas lá, e nem todas foram tão complacentes quanto a que ele lhe proporcionara inicialmente.

Ele iria mostrar a ela os aspectos menos agradáveis do que se esperava de uma submissa no Château Follet. Embora ela já tivesse prometido não retornar a Follet, ele pretendia adicionar mais desânimo. Isso significava que ele ficaria em Edenmoor mais

tempo do que pretendia, mas ele não achou a perspectiva tão terrível quanto esperava.

Capítulo Doze

— Você pode ter meu pau — Alastair respondeu lentamente antes de abrir a terceira gaveta. — Este.

Ele segurou o consolo de vidro, e Mildred não sabia se estava mais desapontada por ter seu pênis negado ou aliviada por ele não ter escolhido a monstruosidade feita de borracha indiana.

— Sente-se — ele acenou, dando um tapinha no topo de uma mesa de madeira.

Ela deslizou seu traseiro em sua superfície.

— Mais além, para que você tenha espaço para colocar os pés — ele instruiu.

Ela obedeceu e dobrou as pernas, colocando os pés no topo da mesa. Ele abriu os joelhos dela e, nesta posição lasciva, sua boceta ficou totalmente exposta a ele. Ele deslizou o comprimento do vidro liso ao longo de suas dobras. Parecia frio ao toque. Ele esfregou o vibrador contra seu clitóris, inchado de suas atenções anteriores. Ela estava prestes a gozar.

— Meu senhor, posso...

Mas ele mudou o ângulo do dildo e apontou a ponta para ela. Ele o empurrou para dentro. Sua umidade permitiu uma passagem fácil. Sua boceta apertou com a dureza implacável. Ele deslizou mais dentro dela. A princípio, ela achou a rigidez do objeto

estranha, mas sua excitação reinou suprema, e ela logo começou a saborear a plenitude. Ela teria preferido ser preenchida por seu pênis, mas o dildo era preferível a nada. Ele aninhou todo o comprimento dentro dela.

— Obrigada, meu senhor — ela murmurou.

Ele sorriu e, como não era frequente, ela sentiu uma sensação de realização. Ele colocou o polegar em seu clitóris, enviando palpitações por sua virilha. Gentilmente, ele circulou o botão, acariciando, acariciando, balançando para frente e para trás. A sensação, juntamente com a pressão do vibrador dentro dela, era bastante deliciosa. Apesar do desconforto de se sentar em cima de uma mesa dura com as pernas abertas de forma indecente, ela estava quase gozando mais uma vez.

Mas suas carícias diminuíram e ele finalmente retirou a mão.

— Que curiosidade você gostaria que eu abordasse a seguir?

Ela queria choramingar, mas soltou um suspiro abatido em vez disso. Ela olhou ao redor da sala.

— Por que um pelourinho?

— Eu acho que seu propósito é bastante evidente.

— Você quer dizer que alguém fica realmente preso nele? — Ela franziu as sobrancelhas. — Você acha que tio Richard ou Lady Katherine...?

— Às vezes, a ameaça disso é suficiente para impedir um comportamento indesejado, ou excitar.

Mildred apertou os lábios. Os troncos eram dispositivos de humilhação e punição.

— O pelourinho apresenta muitas possibilidades — continuou Alastair — conforme demonstraremos.

Ele a ajudou a sair da mesa e a conduziu até o dispositivo, que pouco diferia das estruturas que podiam ser vistas em Charing Cross[4] ou no Haymarket. Ele levantou a tampa e gesticulou para que ela tomasse seu lugar. Ela hesitou, mas lembrou-se de que o pelourinho seria como Alastair afirmava, excitante, embora ela se perguntasse, *excitante para quem*?

No entanto, ela se colocou na moldura e permitiu que ele fechasse a parte superior sobre seus pulsos e pescoço. Era uma posição estranha estar curvada na cintura, os seios balançando, a bunda protuberante. Estranhamente, ela sentiu sua nudez ainda mais.

— Quanto tempo devo permanecer nisso? — ela perguntou

— Depende do meu capricho, mas se você se comportar mal, eu posso decidir deixá-la trancada no pelourinho a noite toda.

Ele ficou ao lado dela e, alcançando abaixo dela, segurou um seio. Ela ronronou. Sua boceta pulsou. Ela engasgou quando ele removeu os ímãs, então gritou quando ele os prendeu em uma

[4] O pelourinho mais famoso de Londres foi em Charing Cross.



parte ligeiramente diferente de seu mamilo. Ele fez o mesmo com o outro seio.

Suas mãos acariciaram suas costas e costelas antes de pousar em suas nádegas. Ele deu um tapa de brincadeira em uma bochecha antes de caminhar até a parede que segurava as bengalas, chicotes e colheitas.

— Tantas opções — murmurou para si mesmo.

Sua umidade aumentou e ela esperava que ele tomasse uma decisão logo, pois ela sabia que primeiro deveria sofrer o cumprimento de sua escolha antes de poder gozar. Ela o ouviu retornar e ficar atrás dela. Ela se preparou.

Pancada!

Pela picada curta e dura, ela concluiu que ele havia escolhido o chicote.

— Obrigado, meu senhor.

— De nada.

O chicote beijou sua outra bochecha com igual vigor. Ele deu várias pancadas, até que seu traseiro ficou quente e, ela imaginou, vermelho. Ele deu uma pausa e alcançou entre as pernas dela para encontrar a umidade escorrendo pela parte interna das coxas. Ele a acariciou, e isso fez tudo valer a pena. Isso acalmou a queima de sua bunda. Mas ele não terminou.

Retirando a mão, ele voltou a espancá-la com o chicote. Ela mudou seu peso de uma perna para a outra, em parte para aliviar a picada do chicote e em parte para aliviar o desconforto de ficar

SUBMITTING FOR Christmas

em uma posição tão estranha. Ela apertou o vibrador, tentando liberar a pressão dentro dela. Talvez se ela apertasse com força suficiente, ela pudesse gozar.

Como se sentisse seus pensamentos sobre o assunto, ele o removeu, para seu desânimo. Ela choramingou com a perda.

— Já está com saudades do seu pau?

— Sim, meu senhor, sim!

Ela ouviu o farfalhar de roupas e esperava que ele estivesse desabotoando a braguilha para liberar seu pênis. Na verdade, depois de um momento, ela sentiu seu eixo entre suas pernas, aquela dureza venosa maravilhosa. Ele agarrou seus quadris, deslizando um pedaço de seu pênis ao longo de suas dobras. Ela se alegrou e, deixando de lado suas inibições, empurrou o traseiro contra ele, com um convite claro. Ela sentiu a ponta dele em sua abertura e mal pôde conter sua alegria.

Ele a puxou para seu eixo. Era mais maravilhoso que o pau falso. Lentamente, ele se afundou ainda mais dentro dela, até que finalmente foi enterrado até o cabo, e ela podia sentir as calças dele contra a parte de trás de suas pernas e os cachos de seu cabelo fazendo cócegas em suas nádegas.

Ela o agarrou com avidez. Não havia sensação melhor do que a de sua ereção preenchendo suas partes mais íntimas. Ela o ouviu gemer quando ele começou a deslizar para dentro e para fora. Embora suas pernas tivessem começado a ficar cansadas, ela agora apreciava o ângulo de suas investidas. Seus movimentos eram lentos, permitindo que ela saboreasse cada centímetro dele,

mas ela também estava impaciente para que ele aumentasse seu ritmo.

— Obrigada, meu senhor — disse ela na esperança de encorajá-lo. Funcionou, pois ele aumentou suas investidas, apertando seus quadris com mais força. Lindas ondulações se espalharam de onde ele estava unido a ela. Ela podia sentir-se ascendendo àquele pico arrebatador.

Com todos os esforços para enterrar seu pênis dentro dela, sua pélvis batendo em sua bunda, ela amou tudo, mas antes que ela pudesse alcançar aquele cume arrebatador, ele diminuiu a velocidade e deslizou seu pênis para fora. Ela se perguntou se havia feito algo errado. Talvez ela não tivesse agradecido o suficiente.

— Acho que você está pronta para tentar outro objeto — disse ele.

Embora curiosa para experimentar algo novo, ela estava feliz com seu pênis dentro dela. Ela ouviu a gaveta do aparador abrir, mas não conseguiu ver qual gaveta. Ele tentaria encaixar o vibrador monstruoso dentro dela agora?

Depois que ele voltou, ela sentiu um objeto entre as pernas. Parecia vidro, mas não tão longo quanto o vibrador que ela tinha usado. Ele o inseriu dentro de sua umidade. Era muito menor que o vibrador. Ele o removeu, mas ela sentiu logo em outro orifício dela.

Oh Deus.

— Você se lembra da sua palavra de segurança?

Sua pergunta confirmou o que estava para acontecer. Ele pretendia penetrar em sua bunda. Ela se contorceu, sem saber se estava pronta ou se queria o que aconteceria.

Ele deu um tapa em sua nádega.

— Fique quieta.

O que quer que ele segurasse era pequeno, mas quando ele pressionou em seu ânus, parecia muito maior do que era. Por conta própria, seu orifício resistiu à intrusão. Não era natural que algo *entrasse* naquela parte dela...

Ele apalpou uma nádega e amassou suavemente a carne.

— Relaxe.

Ela assentiu e soltou um longo suspiro. Ela sentiu a ponta em seu traseiro mais uma vez, esticando-a, pressionando-a, entrando nela e então a enchendo.

A sensação tirou seu fôlego. Como havia tantos nervos ali?

— Respire — ele a lembrou.

Embora ter o objeto em sua bunda não fosse doloroso, ela considerou usar sua palavra de segurança. Era simplesmente muito estranho e muito *cheio,* e mais devasso do que ela poderia imaginar. Agora que o intruso estava aninhado dentro dela, sua bunda parecia contente em tê-lo e não tentou empurrá-lo para fora.

Algo fez cócegas em seu traseiro e ela saltou, esbarrando no pelourinho que ainda a mantinha prisioneira. Ele passou uma

pluma por ela? Ela tentou esticar a cabeça, mas não conseguiu ver além das tábuas de madeira que a prendiam no lugar.

Ele caminhou em direção a um aparelho coberto por linho, que ele arrancou para revelar um espelho. Ela se viu curvada na cintura e tentou não se fixar na forma como a gravidade puxava sua carne com um efeito pouco atraente. Então ela viu o que a havia feito cócegas, era o rabo de raposa da gaveta e se projetava de sua bunda!

— Adorável, não é? — Alastair perguntou, caminhando de volta para ela e admirando a cauda por trás.

Oh... *meu.* Era realmente lindo, um adorno e não uma forma de degradação? Foi feito para se parecer com um animal provocador ou degradante? Uma parte dela agora lamentava a exploração de sua curiosidade. Era a isso que ela estava realmente disposta a se submeter? Isso divertia Alastair? Agradava-o? Ela queria agradá-lo, mas talvez não às custas de sua dignidade.

— Isso é o que você desejava, não é? — ele perguntou. — Se você estivesse no Château Follet, teria que se submeter a essas coisas... e muito mais.

Sua mente girava enquanto ela se perguntava se Katherine havia se permitido ser trancada no pelourinho e ter um rabo preso a ela. Mildred supôs que ela deveria, ou tais artigos não estariam em sua casa.

— Ooh! — Mildred grunhiu quando Alastair deu um tapa em seu traseiro. Seu corpo apertou o objeto dentro dela, e a cauda

balançou contra ela. Tentando evitar as cócegas de sua maciez, ela dobrou os joelhos.

Sua atenção estava focada em seu traseiro, ela mal notou que Alastair não a recolocou em posição. Mas quando ele se posicionou atrás dela, ela percebeu seu belo membro. Ele virou o rabo sobre seu traseiro e, em um movimento rápido, se lançou contra ela.

Ela deixou sair um juramento nada feminino. *Ó deuses! Ó deuses!* Ser preenchida em *dois* lugares ao mesmo tempo era... maravilhoso.

Ela olhou para o espelho para ver se aquilo estava realmente acontecendo, embora ela não precisasse de nenhuma evidência além das sensações extraordinárias envolvendo toda a sua metade inferior. Quando ele se moveu dentro dela, a sensação chamou atenção para a plenitude em seu traseiro, o que, por sua vez, acentuou a plenitude em sua boceta.

A pressão deleitável, agredindo-a de todos os ângulos, oprimiu sua capacidade de pensar. Suas pernas queriam se dobrar sob o peso de tal delírio carnal, mas isso infligiria uma tensão indesejada em seu pescoço e pulsos, e Alastair a segurou pelos quadris.

Gradualmente, ele acelerou suas estocadas. Ela disparou em direção ao ápice com tanta rapidez que se esqueceu de pedir permissão para gastar.

Mas antes que ela pudesse superar o pico da euforia, ele parou.

— P-posso gozar? — ela lembrou. — Meu Senhor?

Ele se retirou. Sua boceta agarrou-se desesperadamente ao vazio.

— No Château Follet, as submissas devem ganhar o privilégio de gozar — explicou ele.

Sim, sim, ela entendia isso. Ela ainda não tinha conquistado o privilégio?

Ele caminhou até a frente do pelourinho e acariciou seu pênis diante dela. Seu eixo brilhou com sua umidade.

— Como posso? — Ela tentou formar uma frase coerente. — Como posso ganhar o privilégio, meu senhor?

Ele apresentou sua ereção para ela. Ansiosamente, ela abriu a boca. Ela faria qualquer coisa que ele desejasse para merecer seu pau em sua boceta novamente. Para demonstrar sua disposição, ela lambeu a coroa de seu eixo antes de engoli-lo, saboreando o néctar de seus próprios desejos sobre ele.

Ela chupou até que suas bochechas cederam e triunfou em seu gemido. Ele empurrou seus quadris para ela, e ela o consumiu tanto quanto podia. Às vezes ela absorvia muito e engasgava. Ele tirava seu pênis para lhe dar uma chance de se recuperar antes de deslizar de volta para dentro.

Suas bochechas ficaram doloridas, mas sua boceta exigiu que ela persistisse. Quando ela se acostumou melhor, Alastair agarrou-se ao pelourinho e bombeou-se com mais vigor em sua boca.

Durante seu último encontro, ele não gozou dentro dela, mas ela acreditava que desta vez ele iria.

Ele se afundou profundamente nela, e ela engasgou. Só que desta vez ele continuou a bater em sua boca. Ela tentou recuar para obter algum alívio, mas o pelourinho evitou. Seu pênis atingiu o fundo de sua garganta várias vezes, e então sua boca se encheu de um salgado quente. Parte disso deslizou por seus lábios. Sem saber o que ele esperava, ela decidiu engolir o resto.

Com um rugido e muito estremecimento, ele resistiu mais algumas vezes antes de recuar.

— Abra — ele comandou, agarrando-se e mirando seu pênis em sua boca. Mais de sua semente pousou em sua língua. Ela engoliu em seco e lambeu os lábios.

— Meu Deus — ele respirou, suas pernas tremendo e sua respiração instável. Ele parecia bastante vulnerável, e ela sentiu uma realização inebriante por ser capaz de trazê-lo a tal estado. Certamente ela ganhou seu privilégio agora?

Mas ele ainda não havia terminado. Quando ele apresentou seu pênis a ela mais uma vez, ela concluiu que deveria purificá-lo. Ela lambeu e chupou seu eixo limpo.

Então, para sua mortificação, ele se cobriu com a braguilha e fechou os botões.

— Eu não te agradei, meu senhor? — ela perguntou.

— Você me agradou muito.

Talvez ele pretendesse fazê-la gozar sem seu pênis, mas começou a remover os ímãs de seus mamilos.

— Eu ganhei o privilégio de gozar, meu senhor?

— Ainda não.

Espantada, ela não disse nada a princípio.

— O que mais devo fazer, meu senhor?

— Por esta noite, nada.

— Nada?

— Vou fazer uma avaliação amanhã.

— Amanhã! — Ele tirou o rabo de sua bunda. — Você me provoca ou pretende ser cruel? — ela grunhiu.

Ele lançou-lhe um olhar severo, como se ela fosse uma criança rebelde, mas ela não conseguiu superar sua indignação. Seu corpo estava quase explodindo. Ele teve sua libertação. Por que ele estava negando o dela a Millie?

— Eu fiz o que você pediu — ela argumentou — sem reclamar. Eu permiti que você me trancasse neste pelourinho, prendesse um rabo na minha bunda...

— Você queria satisfazer sua curiosidade.

— Sim, mas... eu pensei... ainda não terminamos esta noite?

— Terminamos, e se você deseja que eu destranque o pelourinho, vai se abster de fazer mais objeções.

Ela quase se opôs ao aviso, mas teve presença de espírito suficiente para permanecer em silêncio. Ele abriu o pelourinho e ela gostou da oportunidade de se levantar. Ela não achava que poderia aguentar mais tempo no dispositivo.

Decidindo que uma pergunta não era uma objeção, ela perguntou: — Quais foram minhas falhas, meu senhor?

— Você não teve falhas — respondeu ele.

— Então como é que não ganhei o privilégio de gozar?

— Você desejava uma experiência equivalente à que poderia ter no Château Follet. Estou atendendo ao seu pedido, Millie.

Ele pegou a camisola e o robe dela e os apresentou a ela. Ela os recebeu infeliz.

— É costume que a submissa cuide da guarda e limpeza depois — disse ele, mas vou cuidar disso esta noite.

Ela apenas franziu a testa e esperou que, uma vez em sua própria cama, pudesse alcançar o clímax que lhe foi negado. Com pressa, ela vestiu suas roupas, amaldiçoou-se por confiar em um devasso egoísta e se virou para as portas.

Alastair agarrou o braço dela.

— Você pode se tocar, mas não deve gozar, não até que eu tenha concedido a você permissão.

— Mas terminamos.

Ele baixou a voz.

— Obedeça e prometo que sua recompensa excederá todas as expectativas.

Sua voz fez o calor se agitar dentro dela enquanto um arrepio subia por sua espinha. Oh, por que ele não a fodia de novo?

— Você aprenderá o poder da antecipação.

— E a agonia da negação — ela respondeu.

Ele sorriu e beijou sua testa antes de soltá-la.

— Boa noite, Millie.

Este pequeno gesto de afeto a pegou de surpresa e acalmou um pouco sua raiva.

— Boa noite, meu senhor.

Decidindo que só se atormentaria ainda mais ficando em sua companhia, ela se despediu. Enquanto caminhava pelo corredor, a umidade entre as pernas a lembrando de sua falta de realização, ela contemplou que ele mal poderia saber se ela havia gozado ou não. E a tensão em sua liberação era necessária.

Mas ele confiava nela. E se ele a questionasse, ela poderia mentir para ele de forma convincente? Ela queria obedecê-lo, queria ganhar honestamente essa recompensa que *superaria todas as expectativas.* Ela estremeceu novamente e se abraçou, imaginando o que ele pretendia.

Na privacidade de sua cama, o sono a evitava. Ela se mexeu e se virou, tentando não se lembrar dos eventos da noite, como seu

toque a cativou, como seu beijo a inflamou, como seu pênis a penetrou.

Ela esfregou as coxas em frustração e tentou pensar nos momentos menos saborosos. No entanto, não houve um momento que ela, após reflexão, não achasse excitante. O desconforto do pelourinho, a degradação da cauda de raposa, de alguma forma conspiravam para excitar. A dor em sua bunda por causa do chicote, o beliscão dos ímãs em seus mamilos, o engasgo de ter sua boca cheia de pênis, ela iria sofrer com prazer novamente.

Cedendo, ela encaixou as mãos entre si para acariciar o clitóris. Com um suspiro, ela lembrou com carinho de como ele bateu nela por trás. O desejo se renovou em suas entranhas. Ela queria gozar.

Mas ele não lhe deu permissão. A havia proibido expressamente e prometido uma recompensa maior se ela obedecesse. Ela não duvidou que Alastair pudesse cumprir sua palavra. Ela queria essa recompensa.

Relutantemente, ela retirou a mão, rolou sobre o estômago e enfiou as mãos debaixo dos travesseiros. A noite era longa. Ela tentou preencher sua mente com pensamentos menos saborosos: o quão perto ela havia chegado de se casar com Haversham, o número de vezes que ele pisou na ponta dos pés dela e do Sr. Carleton e seu apoio à escravidão.

Por mais que tentasse, ela não podia ignorar a pulsação entre as coxas. Ela tirou as mãos de debaixo dos travesseiros.

Capítulo Treze

Quando mildred entrou na sala de café da manhã parecendo um pouco cansada, Alastair sentiu um pouco de culpa por ter negado o orgasmo a ela na noite anterior, mas lembrou a si mesmo que era tudo para seu benefício, e ele pretendia recompensá-la plenamente esta noite se ela conseguisse aderir aos seus desejos.

Talvez ele devesse ter esperado até que ela se sentisse mais confortável com a ideia de ser penetrada na bunda, mas por Deus, ela parecia uma visão adorável com aquele rabo de raposa balançando entre as pernas. Ele pensou, também, que ele deveria não ter fodido a sua boca com tanto vigor, no entanto, suas ações eram muito mais suaves do que o que poderia ser tido com outro em Château Follet. Mas ele sabia que nem tudo tinha sido um tormento para ela na noite anterior. Seu desejo de gozar provava isso.

Sentindo um puxão na virilha, ele mudou de posição onde estava sentado. Depois de terminar o café da manhã, ele se sentou separado dos outros com o jornal e observou Millie aceitar uma xícara de café.

— Você dormiu bem, minha querida? — Katherine perguntou. — Você parece cansada.

Alastair pensou ter detectado um rubor nas bochechas de Millie, mas ela manteve o olhar abaixado. Ele se perguntou se ela ousaria olhar para ele.

— Acho que tomei chá demais no final do dia e isso me manteve acordada — respondeu Millie.

— Temo que a torrada e o presunto não estejam mais quentes, mas posso pedir torradas frescas e ovos.

— Isso não será necessário, minha senhora. Estou mais do que feliz com o que está aqui.

Depois de ver sua filha comer apenas uma mordidinha na torrada, o Sr. Abbott disse: — Você deve comer mais, Millie. O pão acabou de sair do forno e os ovos são do dia. Você não encontrará um café da manhã melhor.

— Mas não muito — objetou a Sra. Abbott. — Uma jovem deve cuidar de sua figura. Embora um dote de quatro mil libras possa ir longe, a aparência de uma mulher ainda tem um valor significativo para o outro sexo. Embora sua forma atual seja aceitável, Millie certamente poderia se beneficiar perdendo um pouco de peso.

Millie olhou mais profundamente em sua xícara de café.

— Não acho que sua filha queira mais nada — disse Katherine. — Ela é adorável como ela é.

— Isso é muito generoso de sua parte, minha senhora, e nós agradecemos sua gentileza. Uma mãe quer apenas o que é melhor

para sua filha. Millie se beneficia com os vestidos que usa. A folga das saias esconde sua forma.

Como alguém que a viu, toda ela, sem roupas, nua em toda a sua glória, Alastair ficou um pouco tentado a responder que a forma de Millie era mais do que aceitável. Verdade, não era perfeita, mas ele passou a apreciar seus quadris mais largos e até mesmo a redondeza de sua barriga. Ela ainda era deliciosa ao toque.

Sentado à segunda mesa, Thomas perguntou: — Como nos divertiremos hoje, papai? Podemos ir caçar?

— Sim, acho que isso seria adequado — respondeu Edward. — Certamente, vamos todos fazer uma caçada.

— Acho que vou ficar dentro de casa e ler — disse Jason.

— O quê? Não ir caçar em um dia tão bom como este?

— Você gostaria de ficar e tricotar bolsas também? — Thomas zombou de seu irmão.

— Não, não, meu menino. Vamos todos participar do esporte.

Decidiu-se então que os homens iriam caçar, enquanto as mulheres prepariam um piquenique para ser compartilhado por todos no final da caça. Mas como os homens esperavam caçar por um longo tempo, a Sra. Abbott achou que ela tinha tempo suficiente para sentar e descansar um pouco na varanda. A Sra. Cheswith escreveria uma carta para sua cunhada enquanto Katherine finalizava os preparativos para o jantar de Michaelmas.

— Eu vou te fazer companhia — Katherine ofereceu a Millie quando os outros deixaram suas mesas para se preparar para as atividades do dia.

— Eu não vou prendê-la, minha senhora — disse Millie enquanto aceitava uma segunda xícara de café. — Eu sei que você deve ter assuntos para atender.

— Talvez Alastair possa lhe fazer companhia por alguns minutos.

Ele parou ao sair da sala e estava preparado para recusar a sugestão indesejada de sua tia, quando Millie respondeu, rapidamente: — Estou perfeitamente à vontade na minha própria companhia.

Naquele momento, Kittredge entrou cambaleando na sala. Ele protegeu os olhos da claridade antes de se sentar ao lado de Mildred.

— Bom dia, Lady Katherine — ele cumprimentou.

— Ah, eu tenho companhia agora — observou Millie. — Não há necessidade de você ficar.

Katherine se levantou, mas Alastair decidiu permanecer, curioso para saber por que Millie estava tão ansiosa para se livrar de sua companhia. Foi ela quem insistiu em que suas interações permanecessem como estavam apesar do que havia acontecido entre eles no Château Follet.

— Eu ficarei com meu convidado — ele ofereceu.

— Ha! — Kittredge resmungou. — Desde quando você se importa em me estender essas cortesias?

— Não é suficiente disponibilizar minha adega para você?

— Eu reconheço que é mais do que suficiente.

— Como eu terminei — disse Millie, levantando-se da mesa — vou deixar vocês, cavalheiros, na companhia um do outro.

— Sente-se — disse Alastair. — Você não vai querer que Kittredge pense que sua presença o afastou.

Ela olhou para ele como se dissesse, na verdade, é a sua presença que desejo evitar. Em vez disso, ela deu um sorriso a Kittredge antes de retomar seu assento.

— Termine sua torrada — disse ele depois de perceber que ela mal tinha comido metade.

— Não estou mais com fome.

— Você vai precisar de sustento para enfrentar as atividades do dia, e da noite.

— Uma mulher deve cuidar de sua figura.

Ele ergueu as sobrancelhas em sua resistência.

— Você tem sorte de não ser minha filha, ou tal *desobediência* mereceria *punição.*

Ela respirou fundo e apertou os lábios. Ela sabia que ele havia escolhido suas palavras com um propósito. Ele a encarou,

desafiando-a a continuar seu desafio. Ela olhou para a torrada, aplicou um pouco mais de geleia e deu uma mordida.

— Quais serão as atividades do dia? — Kittredge perguntou entre garfadas de presunto e torradas.

— Os homens vão caçar — respondeu Millie — e todos faremos um piquenique depois.

— E a noite? O que está planejado?

Millie olhou para Alastair, mas ele não disse nada, esperando para ver como ela responderia.

— Nada ainda — disse ela. — As sobrinhas de Lady Katherine são esperadas hoje e certamente queremos sua opinião, se não estiverem muito cansadas de suas viagens.

— Pelo que Alastair disse, pensei que algo já havia sido decidido.

Um rubor subiu por suas bochechas, mas ela respondeu com calma: — Eu arriscaria que os planos noturnos de Alastair envolvessem uma grande rodada de cartas ou dados, embora eu me pergunte se isso irá satisfazê-lo, pois nosso jogo não rivalizará com o que ele está acostumado em seus infernos de jogo.

— Não se preocupe. Acho que é por isso que ele me trouxe junto, embora eu duvide que até mesmo ele seja rude o suficiente para esperar que as mulheres irão corresponder ao seu nível de jogo.

— Eu com certeza faria — disse Alastair, enquanto Millie respondeu:

— Ele com certeza faria.

Eles se entreolharam. Kittredge riu.

— Por Deus, ela conhece você bem, Alastair. E se atreve a mostrar isso. Sua bravura é impressionante, Srta. Abbott.

— Veremos onde sua bravura a leva — Alastair disse, sua mão coçando para desferir uma surra. Ele teve a satisfação de vê-la desconcertada, mas seu primo não se intimidou.

— Certamente você não se sente ameaçada pelo que deve possuir para ser uma avaliação honesta de seu caráter? — Sua franqueza de seus defeitos é o que impressiona.

— Ah, você se redimiu, Srta. Abbott — Kittredge elogiou. — Seria difícil encontrar um elogio para Alastair. Você também é inteligente, Srta. Abbott.

Alastair olhou para Millie. Ela falava com sinceridade e, quando o criticava, não havia o julgamento de como ele deveria se comportar. Por essa razão, ele permitiu que seus comentários passassem.

— Termine seu café, Srta. Abbott.

— Ele sempre dá ordens pra você dessa maneira? — Kittredge perguntou.

— Ele não faz o mesmo com todos? Ele tem uma opinião bastante elevada de si mesmo.

Isso era uma brincadeira. Alastair reconsiderou a tolerância que concedeu a prima. Sua surra exigiria mais do que sua mão. Talvez a raquete.

— Oh, ele me intimida o tempo todo, mas eu acolho isso, pois ele só faria isso se considerasse que vale a pena. Assim, ele considera que *você* vale a pena. É um grande elogio, pois poucos satisfazem este critério para ele.

— Eu acho que você me dá muito crédito, Sr. Kittredge. Ele só me dá ordens porque se diverte em me irritar.

— Você acha? Em seguida, subverta seus objetivos e não preste atenção ao que ele diz.

Alastair sorriu ao ver o lugar difícil em que Millie se encontrava, embora Kittredge tivesse pretendido que seu conselho fosse amigável.

— Ela desobedece por sua conta e risco — Alastair falou lentamente. — Termine seu café, Millie.

— Meu Deus, cara, você é o pai dela e ela uma criança?

Ela franziu a testa, claramente não querendo capitular às ordens dele antes de Kittredge, mas não querendo as consequências de desafiar seu primo.

— Certamente ele está brincando! — Kittredge disse. — O que ele pode fazer com você?

— Devo ter cuidado Sr. Kittredge — disse Millie. — Recebi um dote graças à sua generosidade. Ele pode dar ou tirar o que quiser.

— Ou aumentá-lo — disse Alastair.

— Veja, estou à sua mercê, Sr. Kittredge.

— Não, não, Alastair não é tão ruim assim — protestou seu amigo. — Ele não manteria seu dote como refém e não se importaria com sua torrada. Termine apenas se lhe agradar.

— Suas tentativas de bancar o cavaleiro branco são injustificadas aqui — disse Alastair. — Miss Abbott não é uma donzela que precisa de resgate. Ela é muito hábil em conseguir o que quer.

— E agora ele pretende impugnar meu caráter — disse Millie, colocando a mão na testa em fingido desespero.

— Você, senhor, é realmente um canalha — declarou Kittredge.

— Pare. Eu não posso ter você em desacordo. Alastair tem poucos amigos e não permitirei que sua amizade seja manchada. Vou comer a torrada para manter a paz. — Ela deu uma grande mordida.

Alastair permitiu a fuga que ela havia conjurado. Ele estava confiante de que ela teria comido a torrada para satisfazê-lo.

— Aí está agora — ela disse quando terminou a torrada. — Você está satisfeito, meu senhor?

— Não teste minha paciência novamente — alertou.

Kittredge balançou a cabeça.

— Espero que você não pretenda intimidar sua futura esposa dessa maneira. Eu me pergunto que Lady Sophia suportaria tal comportamento.

Millie ficou atenta.

— Futura esposa?

— Se é assim que trata o belo sexo, duvido que qualquer mulher o aceitaria.

Alastair não disse nada. Ele não tinha dúvidas de que poderia treinar Lady Sophia para ser tão obediente quanto seus cães, mas, por enquanto, era mais divertido obrigar Millie a obedecer.

— A Alastair nunca faltará em perspectivas matrimoniais.

— Suponho que não. Bem, Srta. Abbott, aceite minhas condolências por seu parentesco forçado com o homem.

— Kittredge — disse Alastair — sabe muito bem que se eu o convidar a comer torradas, comerá.

— Eu certamente. Estou investido demais em sua coleção de Borgonha, juro que ele deve comprar seu vinho de contrabandistas, para arriscar perder sua amizade por causa de uma torrada. E suponho que a Srta. Abbott deve a você por seu dote, ou uma mulher tão inteligente não daria a mínima para você.

Alastair não contestou seu amigo, mas Millie sabia muito bem que ele tinha outras formas de persuasão. Terminado o café da manhã, Kittredge ofereceu o braço a Millie. Alastair se contentou em caminhar atrás deles. O negócio bobo com a torrada surgiu por um capricho, mas ele estava satisfeito por ter avisado Millie e até

SUBMITTING FOR Christmas

mesmo a desconcertado um pouco. Ele suspeitou, no entanto, que Millie não seria facilmente intimidada. Ele teria que se afirmar ainda mais se quisesse convencê-la de que ela não era páreo para o Château Follet e suas práticas.

Capítulo Catorze

Eles não concordaram em assumir a representação além da noite, além das portas da sala de jogos, Mildred bufou enquanto examinava os títulos dos livros na biblioteca de Lady Katherine. Ela só conseguia colocar metade de sua mente, entretanto, na tarefa de encontrar um bom livro para Jason. O tempo que passou no café da manhã com Alastair e Kittredge ainda a irritava. Se ele tivesse feito um pedido educado para que ela terminasse o café, ela o teria feito sem protestar.

Não, ela teria apontado que o que ela comia não era problema dele. Afinal, ela havia pedido isso, embora não tivesse considerado o café da manhã como parte do acordo. No entanto, ela o convidou para assumir o papel de dominante, e ela estava mais do que disposta a se submeter a seus comandos na noite passada.

Noite passada. Seu corpo corou com as memórias. Ela mal podia esperar por esta noite. Ela deveria confessar que foi incapaz de seguir suas ordens, incapaz de evitar os orgasmos? Mas então, o que ele poderia fazer? Ela teria perdido qualquer chance de experimentar a recompensa que ele havia prometido? Ela poderia, talvez, encontrar uma maneira de compensar seu erro?

Ela teria tempo para pensar nisso enquanto Alastair e o resto dos homens estivessem caçando.

Ela voltou a olhar para os livros na estante. Havia muitos livros que ela achava que Jason iria gostar. Ela se perguntou se ele tinha lido *As Viagens de Gulliver,* de Jonathan Swift. Ela puxou o livro da estante.

— Espero que você não tenha o hábito de discordar de mim.

Ela se virou para encontrar Alastair parado a centímetros dela. A proximidade dele a irritou mais do que ela gostaria.

— Talvez eu não faria se você não fosse tão autoritário — ela respondeu depois de recuperar o equilíbrio. — Eu não sabia que nosso acordo na noite passada permitia que você me desse ordens o tempo todo.

Ele deu um passo mais perto, e ela teria recuado se a estante atrás dela não a bloqueasse.

— Certamente que sim. Talvez da próxima vez você seja mais cuidadosa com o que pede.

Ela se irritou, embora ele tivesse razão.

— E você se aproximou de mim agora para me dar mais algumas ordens?

— Eu realmente vou.

Seu pulso disparou. Ela olhou além dele para ver se eles estavam sozinhos.

— Não acho que seremos descobertos, mas deixe isso ser um incentivo para você obedecer o mais rápido possível.

Ela abraçou o livro que segurava como se fosse um escudo que pudesse protegê-la. Ela olhou para ele.

— O que você deseja?

Em vez de responder, ele fechou a distância entre eles, jogando-a contra a estante. Ele enrolou os dedos na nuca dela e pressionou seu queixo com o polegar. Ela estremeceu por dentro enquanto sua respiração ficava irregular. Ele olhou para ela, e ela viu suas pupilas dilatarem. Ele queria beijá-la? Ela esperava muito que sim.

Quando ele abaixou a cabeça, ela fechou os olhos para que todos os seus sentidos pudessem se concentrar no toque de seus lábios nos dela. O beijo foi suave e gentil, mas desencadeou um tumulto dentro de seu corpo. O desejo inflamou-se novamente.

Com a mão ainda enrolada em seu pescoço, ele a puxou ainda mais perto de modo que sua boca pressionou com força contra a dela. Ele separou seus lábios com os dele e tomou goles dela, varrendo sua respiração. O livro escorregou de suas mãos e ele grunhiu quando pousou em sua bota.

— Desculpe — ela murmurou.

Ele bateu seu corpo no dela, prendendo-a nas prateleiras, antes de retomar o ataque à sua boca.

Por mais que seus beijos a emocionassem, ela murmurou: — Alastair, não devemos.

Ela fez uma tentativa débil de afastá-lo com a mão, mas ele prendeu a mão ofensiva na estante. Ela estava presa. E a

possibilidade de serem descobertos de forma comprometedora brincava com seu ardor.

— Alguém pode nos ver. — Ela engasgou quando a boca dele se arrastou para seu pescoço. Quando seus lábios acariciaram sua garganta, o resto de sua resistência derreteu. Ela envolveu seu braço livre sobre ele e enfiou os dedos por seus cabelos escuros e macios. Ela inclinou os quadris na direção dele e pensou que podia sentir a rigidez em sua virilha.

Ele bateu sua pélvis nela, fazendo sua cabeça girar. A luxúria venceu a discrição, e ela gemeu quando ele beijou partes inteiras para cima e para baixo em seu pescoço. A mão dele deslizou do pescoço para o seio. Ela desejou não ter que usar espartilho para poder sentir melhor a mão dele sobre ela. No entanto, ela se emocionava com cada toque. Quando ele moveu a mão para as costas dela, ela adorou estar em seus braços. Verdadeiramente, não havia nada que este homem pudesse fazer que não excitasse uma resposta de seu corpo.

Seus lábios se juntaram mais uma vez, e ela o beijou de volta. Não houve consideração de qual seria o fim, pois talvez suas ações apenas alimentassem uma irritação que não poderia ser satisfeita até mais tarde naquela noite. Podia até ser sua intenção armar para o tormento, pois certamente não pretendia fodê-la aqui na biblioteca. No entanto, sabendo disso, ela não poderia evitar a tentação presente. Se eles cessassem, ele teria que iniciá-lo.

Ele se retirou para dar a ela uma chance de recuperar o fôlego e, pressionando a testa contra a dela, perguntou, sua própria respiração um pouco cansada: — Você está molhada?

— Não tenho certeza. Talvez.

Ele deu um passo para trás e começou a desabotoar a braguilha. Seus olhos se arregalaram.

— De joelhos, minha querida.

— Não *aqui*. Alastair!

Mas seu pau saltou livre. Ela não pôde deixar de parar e admirar a vara rígida e pronta, mas seus sentidos apelaram mais uma vez.

— Esta é a casa da sua tia!

— Katherine ficaria pouco surpresa.

Ela olhou para a porta.

— Se você está preocupada, sugiro que aja rapidamente.

Ela ainda estava nervosa, mas afundou no chão. Ela apertou a mão sobre seu membro encantador. Um som no corredor a fez se levantar, mas as portas da biblioteca permaneceram fechadas. Ela olhou para Alastair para ver se ele havia mudado de ideia, mas ele apenas esperou. Cedendo, ela se acomodou de joelhos, pegou seu pênis na mão e colocou a boca em sua ponta.

Querido Deus, no que ela se meteu?

Tomando-a pela nuca, ele guiou sua boca mais para baixo em seu eixo. Ela lambeu e chupou, esperando que ele não esperasse uma longa sessão de engolir um pau. Ele emitiu um gemido baixo. Ela tentou tomá-lo por inteiro, mas não conseguia relaxar o

suficiente para fazê-lo. Ele moveu a mão para a nuca dela para não bagunçar seu cabelo e a guiou para cima e para baixo em seu eixo.

Certamente ele não tinha a intenção de fazê-la chupar seu pau até que ele acabasse? Mas temendo que ele o fizesse, ela cuidou de seu pênis com tanto vigor quanto podia. E talvez, se ela lhe desse prazer ao máximo, ele não pensaria em perguntar se ela havia conseguido ou não seguir suas ordens na noite anterior.

O calor formou redemoinhos em seus quadris, pois ela desejou que uma atenção tão fácil pudesse ser dada a sua boceta. Ela desfrutou de seu pênis, até mesmo saboreando o salgado de sua semente. Ter a boca cheia do pênis era tão lascivo, tão depravado. Mas acima de tudo, embora parecesse que ele a golpeava com sua arma, era ele quem estava à sua mercê, seus desejos sucumbindo à sua aplicação. Ela gostava de saber que poderia excitá-lo com tanta dureza. Ela podia sentir seu desespero na maneira como ele empurrava os quadris para ela. Ele estava quase gozando.

— Não deixe uma gota cair — ele avisou.

Com um rugido abafado, ele distribuiu sua semente.

Ela não tinha para onde se virar, pois ele segurava a base de sua cabeça. Os cabelos de sua virilha quase fizeram cócegas em seu nariz. Um sabor picante encheu sua boca enquanto ela tentava não resistir à carga. Ela engoliu o melhor que pôde com seu pênis ainda em sua boca e engasgou um pouco. Seu esperma ameaçou gotejar de sua boca, mas ela o varreu de volta com os dedos.

Ele retirou seu pênis, permitindo que ela terminasse de engolir, antes de apontá-lo mais uma vez em sua boca. A ponta roçou sua bochecha antes de entrar. Ela rodou sua língua sobre seu membro para lambê-lo e limpá-lo.

Nada poderia superar a devassidão do que ela acabara de fazer. E ela tinha feito isso na biblioteca de Lady Katherine. Foi uma sorte que ninguém os tivesse encontrado, mas não havia como negar que o medo de ser apanhada aumentava a excitação.

— Meu Deus — Alastair respirou antes de se retirar pela última vez.

Quando ele fixou um olhar estrelado em seu rosto, ela devolveu um sorriso travesso.

Ele caiu de joelhos e, segurando a cabeça dela com as duas mãos, esmagou a boca sobre a dela. O beijo alcançou as profundezas de sua boca, como se ele procurasse saboreá-la. O calor rodou em sua virilha, e ela sabia com certeza agora que estava molhada entre as pernas.

— Eu tenho algo para você — ele sussurrou em seu ouvido.

Seu pulso se acelerou. Ele iria atendê-la de alguma forma? Seu corpo o desejava desesperadamente, mas ela não desejava arriscar ainda mais.

Ele abotoou a calça primeiro. De dentro do casaco, ele tirou uma pequena caixa e a abriu. Dentro, sobre o forro de seda, estavam duas bolas de prata, ambas cabendo facilmente na palma da mão.

— O que são elas?

— Bolas chinesas de prazer.

Ele a fez sentar no chão e levantar a saia.

— Acho que deveríamos... — ela hesitou.

— Não demore, para não sofrer as consequências mais tarde esta noite.

Relutantemente, ela ajeitou as saias sobre os joelhos dobrados.

— Mais pra cima — ele comandou.

Ela ajeitou as saias no alto das coxas. Ele abriu os joelhos dela, e o calor de seu corpo se estendeu para suas bochechas com a exposição. Ele pegou uma das bolas entre o polegar e o indicador e esfregou contra suas dobras. Pressionando mais profundamente, ele o cobriu com seu néctar. Fechando os olhos, ela se inclinou para trás e permitiu que sua cabeça caísse contra os livros. Talvez ela corresse o risco. No momento, ele poderia colocar qualquer coisa em sua boceta, e ela acharia prazeroso.

Ela engasgou e se sentou quando ele empurrou a bola dentro dela. A segunda bola logo se seguiu. Que estranho. Ela não tinha imaginado que esse seria o propósito delas.

Ele puxou a saia dela sobre as pernas e ajudou-a a se levantar.

— Oh meu — ela engasgou enquanto as bolas se moviam. Elas até pareciam tremer, como se o menor martelo estivesse atingindo suas áreas mais íntimas.

— As bolas têm pequenos pesos dentro delas — explicou Alastair.

— Ah. — Ela franziu as sobrancelhas até que as bolas se acomodassem no lugar.

— Elas vão ficar até eu removê-las.

Ela olhou para ele em um silêncio atordoado.

— Faça o possível para mantê-las. Você não vai querer recolocá-las constantemente.

— Eu devo andar com elas?

— Até eu removê-las.

Ele se afastou dela para lhe dar espaço. Ela deu um pequeno passo e imediatamente sentiu o movimento das bolas. Preocupada que elas pudessem cair, ela apertou sua boceta.

— Não é possível — ela murmurou.

— Eu te dei o par mais leve que pude encontrar.

Ela tentou outro passo.

— Não, não, isso é muito estranho.

Se ela estivesse caminhando em particular, ela poderia desfrutar desses balanços deliciosos. Mas tê-las dentro dela durante o dia era demais. E se ela perdesse uma?

— Quanto tempo vou ter para ter essas bolas de prazer?

— Como eu disse, até que eu os remova.

— E quando será isso? — Ela olhou para o longo relógio no canto da sala. Ele a faria usar isso por dez minutos? Meia hora? Uma hora?

— Ainda não decidi. Talvez o dia todo.

— O dia todo! — Ela gritou.

Ele se abaixou e pegou o livro dela, devolvendo-o a ela antes de seguir até as portas.

— Alastair!

— Seja grata, Millie. Se estivéssemos no Château Follet, eu poderia fazer você usar um cinto de castidade de ferro ou uma tanga feita de urtiga.

Ele se voltou para as portas e as destrancou.

Sua boca se abriu.

— Elas estavam trancadas o tempo todo?

Ele sorriu.

— Eles estavam.

Ela gostaria de ter lançado as *Viagens de Gulliver* contra ele.

— Depois de você, minha senhora — disse ele, abrindo uma porta.

Ela tremia de raiva, mas caminhou em direção a ele. Ela gemeu quando as bolas rolaram e bateram umas nas outras, enviando ondas por toda a sua região inferior. Vendo seu olhar divertido, ela suprimiu o desejo de olhar para ele. Em vez disso, ela lhe mostraria sua postura e que era digna da experiência que havia pedido a ele.

— Obrigada, meu senhor — ela disse enquanto passava por ele.

— Aí está você — exclamou Kittredge. — A Sra. Cheswith perguntou se eu ia participar da caçada, e pensei em morrer, já que Alastair e eu já estamos nisso há alguns dias. Ela sugeriu uma cavalgada, e eu acho que é uma ótima ideia. Gostaria de se juntar a nós, Srta. Abbott?

— Obrigada, mas acho que vou passar uma manhã tranquila lendo — respondeu ela. A última coisa que ela queria, com essas bolas dentro dela, era ser jogada nas costas de um cavalo.

— Mas podemos não ver um clima tão agradável novamente até a primavera — disse Alastair.

Ela tentou não fazer cara feia para ele.

— Sou uma cavaleira pobre e atrasaria o passeio.

— Duvido que a Sra. Cheswith queira cavalgar rápido ou começar a galope.

Millie franziu a testa ao pensar nas bolas quicando loucamente dentro dela se ela cavalgasse a galope.

— Acho que vou ler, depois ajudar nos preparativos do piquenique.

— Minha tia e os criados podem fazer o piquenique — disse Alastair. — Você deveria cavalgar, Millie.

Ele quis dizer isso como um comando. Que homem traiçoeiro seu primo poderia ser!

— Então que seja um passeio curto.

Kittredge se voltou para Alastair.

— E você vai se juntar a nós?

— Eu acho que vou.

Seu coração despencou. Com Alastair junto, não haveria alívio para ela. O mais leve arrependimento começou a se apoderar dela. Talvez não tenha sido sensato submeter seu pedido a Alastair. Ela olhou para ele, perguntando-se por que ele estava sendo tão irritante. Era realmente assim que os dominantes eram no Château Follet? Ela pensou no Visconde Devon. Ele a teria feito carregar bolas de prazer chinesas dentro de sua boceta enquanto cavalgava? Ou tal crueldade era exclusiva de seu primo?

Ela acreditou no último.

Capítulo Quinze

Embora pudesse não ter ficado claro para os outros, Alastair percebeu quando os solavancos a deixavam desconcertada e sabia que o rubor em suas bochechas não era resultado da brisa ocasional que soprava em sua direção. No entanto, Millie suportou bem a equitação e até pareceu se relacionar com Kittredge por causa das observações que faziam *dele.*

— Alastair tem mais virtudes do que se acredita nele — disse Millie. — Por exemplo, ele é bastante igual e justo no tratamento dos elogios e críticas dirigidas a ele. Ele não presta atenção.

— Que verdade — reconheceu Kittredge. — Nunca pensei que Alastair possuísse quaisquer virtudes.

— Além de sua adega?

Kittredge riu.

— Sim Sim. Talvez a maioria de nós não veja suas virtudes porque elas são diminuídas por suas falhas.

— Todos nós temos falhas, Sr. Kittredge.

— E você é gentil em conceder a sua prima uma mesada pela sua.

Acostumado às zombarias de Kittredge, Alastair não disse nada. Enquanto observava Millie sair do cavalo, apesar de Kittredge ajudá-la, ele se lembrou de que *ela* havia pedido sua

situação. Logo ela consideraria que as práticas do Château Follet eram demais para ela.

Mas ele havia pensado o mesmo antes, e ela o surpreendeu. Assim como ela o surpreendeu com o quão bem ela tomou seu pênis na biblioteca. Ele não pretendia gozar, mas ela ganhou em habilidade de alguma forma. Sua boca quente e úmida envolvendo seu membro tinha sido absolutamente divina, e ele se aproximou de seu clímax com uma velocidade impressionante.

— Você está bem, Srta. Abbott? — Kittredge perguntou, segurando seu braço para firmá-la. — Se você não se importar com o que eu digo, você parece bastante corada.

— É apenas do exercício. Não estou muito acostumada a cavalgar — ela respondeu.

— A coloração em suas bochechas se torna você.

Alastair, tendo acabado de desmontar, ergueu as sobrancelhas, pois Kittredge falou com uma sinceridade incomum. Ele observou os dois compartilhando um sorriso enquanto entregava seu cavalo ao estábulo.

— Venha, Millie — Anne acenou, vamos trocar essas roupas de montaria por roupas mais adequadas para o piquenique.

Pela expressão de Millie, Alastair percebeu que seu traje, mais adequado, diferia pouco do que ela usava atualmente, mas ela seguiu Anne para dentro de casa. Os homens também tiveram que se trocar, e Alastair decidiu que daria a Millie uma suspensão das bolas chinesas de prazer. Parando-a antes que ela entrasse em

seus aposentos, ele entregou-lhe a caixa em que as bolas haviam entrado.

— Você pode removê-las — ele disse a ela.

O alívio inundou seu semblante.

— Obrigada, meu senhor. Elas estão nomeadas erroneamente.

— Eles não trouxeram nenhum prazer?

— Você pode imaginar ser sacudido com duas bolas dentro de você? Eles eram a pior distração possível. Eu mal conseguia manter minha mente longe delas.

— Você parecia estar indo bem, mas se elas não a despertaram, então falharam em seu propósito.

O rubor em suas bochechas aumentou, e ele teve que concordar que o tom rosado era dela.

— Essa é precisamente a dificuldade! Eu não deveria ser colocada em tal estado quando na companhia de outras pessoas.

— Anime-se. Talvez você seja recompensada por seus sofrimentos.

Ele teve prazer em considerar as muitas maneiras de recompensá-la, desde que ela tivesse seguido sua diretriz de não gozar.

— Quanto tempo você fica, Alastair? Alastair!

A voz de Louisa interrompeu seu devaneio. Ela havia chegado com o marido e a filha algumas horas atrás. Caroline e seu marido também estavam lá.

— Kittredge e eu partimos na manhã após Michaelmas — ele respondeu.

— Por que uma estadia tão curta?

Alastair ficou tentado a zombar de que seria uma estadia mais longa do que pretendia, mas decidiu fazer uma tentativa de ser cortês com a irmã à mesa da tia.

— Eu tinha concordado em me encontrar com o Sr. Farnsworth sobre um projeto de lei que ele espera que eu apoie na Câmara dos Lordes.

Isso pareceu despertar o interesse de Millie. Ela perguntou: — O que o Sr. Farnsworth propõe?

Ele lamentava sua resposta agora, pois não tinha interesse em provocar uma discussão de natureza política. Ele voltou a cortar a carne de veado em seu prato, mas respondeu: — Aumentar a destruição de teares de meia[5] para um crime capital.

— E punível com a morte? — ela exclamou.

[5] Armação de meia em inglês britânico. Um tipo de máquina de tricô. Também chamado: tear de meia, máquina de meia.

SUBMITTING FOR Christmas

Ele mastigou a carne de veado sem olhar para ela, mas ela não deixava o assunto de lado.

— Isso é desnecessariamente excessivo! A punição do transporte não é severa o suficiente?

— Infelizmente, parece que não — disse Charles, o marido de Louisa. — Eu entendo que mais de nossos soldados estão lutando contra os luditas[6] do que contra Napoleão na Península Ibérica.

— Não podemos nos dar ao luxo de guerrear com nossos próprios cidadãos até que a ameaça de Napoleão seja eliminada — acrescentou Abbott.

— Mas certamente há uma solução melhor do que executar nossos próprios cidadãos, homens que estão apenas temendo por seu sustento — Millie persistiu.

— *Apenas* temendo? — Louisa perguntou. — Eu hesitaria em tolerar a destruição intencional de propriedade.

— Eu não tolero isso, mas como a destruição de uma propriedade merece a tomada de uma vida?

Obviamente não querendo uma discussão divisiva envolvendo sua filha, a Sra. Abbott interrompeu: — Lady Katherine, não posso elogiar o seu chef o suficiente. Nunca provei veado preparado com sabores tão ricos! Você disse que tem um chef francês?

[6] Ludismo ou luddismo foi um movimento de trabalhadores ingleses do ramo de fiação e tecelagem, ativo no início do século XIX, nos primórdios da Revolução Industrial, e que se notabilizou pela destruição de máquinas como forma de protesto. Os ludistas consideravam que o maquinário era usado, "de maneira fraudulenta e enganosa", para contornar práticas laborais consolidadas pela tradição. A princípio, os ataques ludistas foram enfrentados a tiros pelos proprietários das máquinas.

SUBMITTING FOR Christmas

— Sim, mas ele faz maravilhas com pudins ingleses — respondeu Katherine.

Alastair percebeu que Millie não estava satisfeita com o fim da conversa, mas aceitou a sugestão da mãe e voltou a comer seu jantar. Mais tarde, Alastair a ouviu perguntar a Kittredge o que ele achava da proposta de Farnsworth.

— Oh, eu nunca tive uma opinião sobre tópicos políticos — Kittredge retornou. — É uma área que faz ganhar muito mais inimigos do que amigos.

— Pensei que talvez fosse Lady Sophia quem o obrigou a voltar a Londres mais do que Farnsworth — disse Louisa.

— Você nunca deixará de se interessar pelos meus negócios? — Alastair voltou. Ele sabia que Louisa era a favor de um casamento entre ele e o duque de Wakecastle.

Ela bufou.

— Eu *sou* sua irmã.

— Embora isso lhe dê o direito de ter opiniões sobre meus negócios, não tenho obrigação de atendê-las.

Seu queixo caiu, embora ela não fosse novata em sua grosseria.

— Eu digo Alastair — Edward tentou — acho que minha querida prima apenas deseja compreender que está tudo bem com você.

— Você é muito generoso, Edward. O que você considera um interesse educado é pouco mais do que bisbilhotar. — Ele se afastou da mesa e se levantou.

— Eu não mereço tal crítica! — Louisa objetou.

— Talvez não — disse Katherine — mas você já deveria saber que não deve tentar o diabo.

— Perdão, minha senhora — disse ele à tia — vou me desculpar antes de ofender mais.

Conhecendo bem o sobrinho, Katherine acenou com a mão desdenhosa. Um silêncio constrangedor caiu sobre a mesa enquanto Louisa continuava a fumegar. Era exatamente por isso que ele não desejava comparecer ao encontro de Michaelmas, e decidiu naquele momento que recusaria qualquer convite para o Natal.

Ele partiria de Edenmoor no dia seguinte, se pudesse, mas primeiro ele tinha que lidar com Millie. Era um evento que ele ansiava durante sua estada aqui, e ele tinha muito reservado para ela.

Capítulo Dezesseis

— Acho que Andre tem prazer em abusar de mim! — Louisa lamentou depois do jantar, enquanto se reuniam para jogar cartas na sala de estar.

— Isso é o que vem de ser o primeiro e único filho. Ele foi mimado demais em sua educação — consolou Caroline. Então, percebendo que Lady Katherine estava por perto, ela acrescentou: — Não sei em que vilania ele teria caído se não fosse pela influência de nossa gentil tia.

Seus maridos, sem saber se temiam mais suas esposas ou Alastair, permaneceram em silêncio.

Os Abbotts, Lady Katherine e seu filho formaram uma mesa. A Sra. Cheswith optou por não jogar. O resto dos homens formaram outra mesa, deixando Millie para jogar com as irmãs de Alastair e Emily. Millie ficou grata por não ter trocado muitas palavras com Louisa ou Caroline. Ela tinha sentido a primeira estuda-la desde a chegada da senhora. Mas agora ela seria forçada a interagir com as irmãs de Alastair.

— Whist[7] — declarou Louisa. — Não jogarei mais nada.

Ela olhou para Millie como se a desafiasse a discordar.

[7] Um jogo de cartas

— Se isso lhe agrada, Sra. Wilmington — disse Millie de forma amigável.

— Agora então, Srta. Abbott, parece que você tem muitas opiniões políticas? — Louisa perguntou enquanto Caroline embaralhava as cartas.

Millie se absteve de dizer que até então havia oferecido uma opinião apenas sobre um assunto, mas respondeu que sim.

— Se eu fosse você, não os ofereceria com frequência — continuou Louisa. — Os homens podem considerá-la uma *intelectual*, e mesmo um dote de quatro mil libras pode não influenciá-los a pensar o contrário.

— Eu não teria muita estima por esses homens se eles permitissem que o dinheiro influenciasse suas verdadeiras opiniões sobre mim, mas lamento ter falado quando o fiz. Talvez não seja o melhor assunto para um discurso no jantar.

— De fato. Pretendo apenas aconselhar uma irmã. Uma jovem que fala demais se arrisca a ser considerada uma presunçosa, e você não deseja desafiar meu irmão nessas questões. Certamente você não espera que um membro da Câmara dos Lordes considere os pensamentos de alguém menos experiente nos assuntos do reino?

— Eu não sou igual a sua posição — Millie concedeu, certa de que era o que Louisa queria dizer — mas eu não perdi as esperanças de que sua senhoria não seja tão arrogante com seus semelhantes que ele não ouvirá nada do que eles têm a dizer.

— Oh, mas ele é arrogante! — Caroline gritou. Ela terminou de distribuir as cartas.

Louisa estreitou os olhos.

— Não há muitos neste mundo que viriam em defesa de André. Muitos diriam que ele é arrogante, desdenhoso e descortês. Até mesmo rude. Ninguém é poupado de seu desdém, nem mesmo sua família.

— Principalmente a família dele — acrescentou Caroline.

— Você não concordaria com esta avaliação do meu irmão, Srta. Abbott?

Alastair sentou-se à mesa ao lado da deles e sem dúvida ouviu muitas palavras.

— Estou em dívida com sua família para falar mal de alguém — respondeu Millie. Ela não podia discordar de Louisa sem ofendê-la, nem concordar com ela sem ofender o Marquês.

— Alastair é tão generoso com os outros em sua família quanto é com você?

— Não estou ciente de tudo o que ele faz, mas ele está melhor equipado para responder à sua pergunta.

Millie perdeu muitas mãos no whist, pois, tendo que atender às perguntas de Louisa com respostas cuidadosamente elaboradas, ela não conseguia se concentrar em seu jogo. Quando eles finalmente encerraram as cartas, Millie se sentiu como se

tivesse sobrevivido a várias partidas de justa[8]. Ela não sabia o que Louisa gostaria que ela dissesse. Sobre a questão do dote, ela disse a Louisa: — Eu gostaria que sua senhoria não fosse tão generosa. Eu certamente não mereço tal caridade.

Louisa fungou.

— É quase impróprio e levanta muitas questões.

— Eu gostaria que sua senhoria pudesse ser persuadido a ajustar o valor para uma quantia mais apropriada.

Isso pareceu apaziguar um pouco Louisa. Ela se virou para Caroline.

— Você falou com ele?

— Ele tem ainda menos consideração por mim — respondeu Caroline.

Depois que as mesas de jogo foram arrumadas, os Abbotts e Lady Katherine declararam que já havia passado da hora de dormir. Os Wilmingtons e Brewsters também se reccolheram, pois a viagem do dia os havia fatigado. A Sra. Cheswith foi cuidar dos filhos, pois Henry costumava ter pesadelos. Edward escolheu um livro para ler e Kittredge se acomodou no sofá e fechou os olhos.

Millie, muito agitada com a perspectiva de se encontrar com Alastair mais tarde, não desejava a solidão de seus aposentos.

---

8 

— Você vem me repreender pelo tratamento que dispenso às minhas irmãs? — Alastair perguntou quando ela se aproximou do aparador onde ele estava.

— Vim me servir de uma taça de porto — respondeu ela — e seu relacionamento com suas irmãs não é da minha conta.

— Você concorda que eles merecem minha insolência?

— Mesmo que elas devessem merecer em grande escala, e eu não quero dizer que elas merecem você deve responder com insolência?

Ele devolveu um sorriso irônico.

— Você as sofreu com graça. Eu ouvi cada palavra delas.

Millie deu um gole no porto que serviu.

— Você pode falar o que pensa livremente comigo, Millie. Estou bem familiarizado com a natureza da arrogância.

— Prefiro discutir este projeto de lei para a destruição de teares de meia.

— E eu não.

— Mas o que você acha da proposta dele?

— Estou inclinado a apoiar o Sr. Farnsworth.

— A morte deve ser reservada para o pior dos crimes.

— A destruição de propriedade é um crime grave e você persegue essa discussão por sua conta e risco.

Ela hesitou, sem saber o que ele pretendia, mas não conseguiu desistir do assunto.

— Você não tem simpatia pela situação desses homens? — Ele estreitou os olhos para ela. — Não digo que eles devam ficar impunes por seus crimes, mas é por medo de seu sustento que recorrem a tais ações.

— O que dizer dos donos da fábrica e dos trabalhadores que trabalham nas armações das meias? Você pararia a indústria e o progresso da tecnologia?

— Talvez os tecelões e outros de seu ramo se sintam menos ameaçados se tivessem outros recursos, como a capacidade de se combinar e negociar com seus funcionários como um coletivo.

— Essas ações são ilegais.

— Então revoguem os Atos de Combinação[9] e permitam que os trabalhadores formem tais sociedades. O que eles buscam, salários que irão prevalecer com o aumento do custo das mercadorias, não é irracional. Mas eles são incapazes de ajudar a si mesmos, e o equilíbrio de poder está com os donos da fábrica.

— Agora não é hora de encorajar o jacobinismo.

— É errado querer melhores salários e melhores condições de trabalho?

Alastair se inclinou na direção dela e falou baixinho para que ninguém mais ouvisse.

[9] Atos de combinação - Atos britânicos do Parlamento de 1799 e 1800 tornando ilegais combinações (sindicatos) de trabalhadores. O governo temia que tais organizações fossem potencialmente subversivas. Os sindicatos, no entanto, multiplicaram-se após 1815, e em 1824 os atos foram revogados.

— Seu traseiro está preparado para receber as consequências de sua conversa?

Suas bochechas queimaram e ela terminou o resto de seu porto de um gole só.

— Perdoe-me se pensei que você não fosse tão cruel a ponto de concordar em enforcar um homem sem levar em consideração os argumentos contra tais julgamentos.

— Esses argumentos, sem dúvida, serão feitos por gente como Burdett[10].

— E gente como eu não deve ter opinião de valor. — Irritada, ela se virou para se servir de outro copo de Madeira.

Ele segurou sua mão.

— Um copo vai bastar para você.

Ela abriu a boca para protestar, mas não tinha vontade de fazer uma cena por causa de uma taça de vinho inconsequente. Talvez fosse melhor ela se retirar para seus aposentos.

— Desejo boa noite, Alastair — disse ela, pousando o copo e girando nos calcanhares.

— Meia-noite — ele disse a ela. — E nem um minuto atrasada.

Seu coração palpitava. Ela não ousou olhar para trás.

A meia-noite não poderia chegar logo.

[10] Sir Francis Burdett (25 de janeiro de 1770 - 23 de janeiro de 1844) foi um reformista inglês.

Capítulo Dezessete

Alastair esperava por ela quando ela entrou na sala. Os sentidos de seu corpo aumentaram com a simples visão dele. Ele estava sentado em uma poltrona, com um açoite no colo, e ela ficou satisfeita ao ver que ele usava sua camisola por baixo da banyan, pois ela esperava que ele se despisse e a tratasse com a visão de seu corpo nu.

Ele se levantou da cadeira.

— Você conseguiu seguir as ordens?

Ela ergueu o queixo para encontrar seu olhar.

— Sim, meu senhor.

Ele procurou seu rosto como se procurasse falsidade.

— Eu queria ter essa recompensa de que você falou — acrescentou ela.

— E você achou uma tarefa fácil obedecer às minhas ordens?

Ela baixou os olhos.

— Eu não achei. Você viu que eu parecia cansada esta manhã. Você pode se convencer de que me custou uma noite sem dormir.

Ele sorriu.

— E você vai me agradecer por isso.

Ela o olhou atentamente, mas se lembrou de seu papel.

— Sim, meu senhor, obrigada.

— O que você me agradece?

Bastardo, ela pensou consigo mesma.

— Obrigada por me proibir de gozar. Obrigada por me causar angústia e permitir que meu corpo fervesse. Obrigada pela oportunidade de ganhar uma recompensa que fará todo o tormento da noite passada valer a pena.

— Bem dito. Você pode se despir.

Ela começou. Já? Mas ela estava ansiosa para receber a recompensa, então ela desamarrou seu manto e o jogou de lado. Ela tirou sua camisola e ficou de pé diante dele. Ele a circulou, e ela tentou não pensar nas partes dela que poderiam ter merecido críticas.

— Na mesa — disse ele, apontando para os móveis de madeira simples.

Ela passeou e sentou-se na superfície.

— Deite-se.

Ela fez o que ele mandou, permitindo que a metade inferior de suas pernas balançasse sobre a borda.

— Você se tocou enquanto estava deitada na cama na noite passada?

— Sim, meu senhor.

— Mostre-me exatamente o que você fez.

Embora não fosse a primeira vez que ela tinha se tocado antes dele, ela ainda hesitou, ainda achando isso uma exigência embaraçosa. No entanto, ela avançou sua mão direita para o seu monte e acariciou as dobras abaixo.

— Você alguma vez acaricia seus próprios seios?

— Às vezes.

— Por que não com mais frequência? Eles são lindos. — Ele pegou sua mão esquerda e colocou-a sobre seu seio esquerdo. — Afague seu peito.

Ela tateou e se amassou, mal acreditando que estava esparramada no tampo da mesa, despertando em tal exibição devassa. Apesar do constrangimento, seu dedo médio deslizou ao longo de seu clitóris, estimulando a fome entre suas pernas.

— Você chegou perto de gozar por conta própria?

— Sim.

— Quantas vezes?

— Cerca de quatro ou cinco vezes.

— E você conseguiu se conter?

— ...sim.

Ele cuidou de seu outro seio, agarrando-o, apertando-o e rolando-o sobre o peito. Ele beliscou o mamilo e puxou-o levemente.

— Deseja experimentar outro novo item?

— Sim, meu senhor.

Ele foi abrir a gaveta do aparador e voltou com dois pequenos tubos de vidro. Ele colocou a extremidade aberta de um sobre um mamilo e puxou o topo da seringa até que o cilindro se fixou firmemente a ela, produzindo um puxão constante de seu mamilo. Ele fez o mesmo com o outro seio. Ela observou enquanto seus botões rosados escureciam.

Ele foi para o outro lado da mesa e, pegando suas pernas, colocou os pés perto de suas nádegas. Como resultado, ele tinha uma visão melhor de sua boceta.

— Continue suas carícias.

Ela tinha parado enquanto se maravilhava com os tubos de vidro projetando-se sobre seus mamilos. Ela voltou a brincar com seu clitóris. Seu polegar se juntou a ela, batendo em seus dedos enquanto roçava sua carne.

Ela gemeu quando ele mergulhou o polegar em direção a sua fenda e acariciou a borda dela. Ela esperava que ele entrasse nela. Sua boceta ansiava por ser preenchida. Ele esfregou o exterior de sua fenda antes de deslizar dois dedos em seu calor úmido. Ela engasgou quando ele atingiu uma parte particularmente sensível dentro dela. Ele sabia disso, e o escovou repetidamente. Ela

estremeceu e se contorceu, sem saber se ela poderia suportar o prazer agudo, ainda querendo o tormento. Mas ele se retirou e enxugou a umidade em seu clitóris. Sua boceta ansiava pelo retorno dos dedos dele, mas ela estava grata por poder lidar com a tensão acariciando seu clitóris, o que ela fez em um ritmo mais feroz.

— Bom. Eu quero que você demonstre como você se obrigou a passar a noite passada.

Ela podia sentir a onda de êxtase se aproximando.

— Sim, meu senhor.

— Então você se obrigou a gozar. — Seus olhos se arregalaram. Tarde demais, sua mentira foi descoberta. Ele fez um som de estalo. — Millie estou desapontado. E agora terei que punir-lo por três ofensas.

— Três?!

— Gozar sem permissão, mentir e persistir em uma discussão sobre teares de meia contra meu conselho. — Seu coração afundou. — De pé — ele ordenou.

Apreensiva, mas não querendo ofendê-lo ainda mais, ela saltou e parou diante dele. Ele a virou para que ela ficasse de frente para a mesa.

— Curve-se.

— Meu senhor, nosso *acordo* deve se estender além dessas portas?

— Você foi avisada de que haveria consequências.

— Devo obedecer a você em todos os momentos, na frente dos outros?

— Sim. — Ele a empurrou sobre a mesa. — Qual é a sua palavra de segurança, Millie?

— Pérolas.

— Há uma boa chance de você exigir seu uso esta noite.

Sua respiração ficou presa na garganta.

Ele espalmou uma nádega. Ela fechou os olhos, saboreando seu toque. Ela esticou a cabeça e o viu se abaixar no chão. Uma corda circulou seu tornozelo direito, que foi puxado e preso a uma perna da mesa. O mesmo foi feito com o tornozelo esquerdo. Com as pernas abertas, ele tinha fácil acesso a sua boceta. Ele agarrou seus pulsos em seguida e os amarrou atrás das costas. Incapaz de se apoiar, seus seios cavaram na dura superfície de madeira. Ele voltou a acariciar seu traseiro. Ela suprimiu um ronronar, para que sua demonstração de prazer não o fizesse desistir. Sua mão alcançou entre suas coxas e roçou levemente suas dobras, provocando-a. Ele fez isso até que ela ficou sem fôlego, desejando que ele a tocasse com mais força.

Ele passou a mão pelo arco de seu traseiro mais uma vez, aquecendo-a com seu toque.

— Eu vou te dar vinte e cinco chibatadas, e você vai me agradecer depois de cada uma.

— Sim, meu senhor. — Ela o ouviu recuar e se preparou. O açoite pousou em uma bochecha com um impacto leve. Quase calmante. — Obrigada, meu senhor. — O segundo era semelhante, mas ela sabia que ele passaria para golpes mais duros. — Obrigada, meu senhor.

Ele chicoteou a bunda dela com mais força. Ela gritou, mas agradeceu com facilidade. O quarto golpe acertou com as pontas do chicote e doeu mais. Ainda assim, ela tolerou bem o açoitamento, até que a décima pancada atingiu ambas as bochechas.

O décimo primeiro a deixou sem fôlego.

— Senhorita Abbott?

— Obrigada — disse ela quando recuperou o fôlego.

— Obrigada... o quê?

— Meu senhor — ela rapidamente adicionou.

— Muito tarde. Você ganhou mais cinco.

Ela fez questão de agradecê-lo adequadamente nas seguintes pancadas. Sua bunda estava pegando fogo, mas a dor alimentou um calor diferente em sua barriga, assim como o desconforto de ter seus seios pressionados contra a mesa.

Só quando ele trocou o chicote pela bengala ela se preocupou. O primeiro golpe mandou seus quadris mordendo dolorosamente a mesa de madeira. Ela chorou no segundo e teve que cerrar os dentes no terceiro, mas ainda assim um grito escapou dela.

— Isso não vai dar certo — ele comentou. — Você vai acordar os convidados.

Ele foi até o aparador e procurou em uma gaveta até encontrar um objeto familiar a ela: uma coleira com uma bola de madeira redonda no meio. Ele colocou a bola em sua boca. Esta era maior do que o que ela havia usado no Château Follet e mal cabia em seu orifício. Ele prendeu a coleira atrás da cabeça dela. Ela se perguntou se ele ainda esperava que ela o agradecesse.

— Senhorita Abbott? — ele perguntou depois de desferir um golpe que a teria derrubado na mesa se ela não estivesse presa a ela. — Hunh huh, heh hoh, foi seu melhor esforço para dizer, obrigada, meu senhor.

Ela tinha perdido a conta e pensou que talvez só restassem mais dois golpes, não, sete. Ela havia esquecido que ele acrescentara mais cinco. Ela piscou para conter as lágrimas depois que a bengala a atingiu mais uma vez. A bola de madeira não abafou todos os seus gritos e sua boca doía de tanto esticar. Ela se perguntou se sobreviveria até o fim da punição.

Como se sentisse suas dúvidas, ele deu uma trégua na surra e acariciou-a entre as coxas. Alívio adicionado ao requinte de seu toque. Seus dedos dobraram seu clitóris, e seu corpo a surpreendeu com a rapidez com que ascendeu ao ápice do prazer. A queimação e a dor em suas nádegas não podiam diminuir o êxtase sendo alimentado por baixo.

Como é que ele sabia exatamente como tocá-la? O corpo dela sempre reagiria tão favoravelmente a ele? A umidade da atenção

anterior agora fluía pela parte interna de suas coxas. Mas certamente ele não lhe daria permissão para gozar? Ou ele teria misericórdia dela? Parecia o último, pois ele continuou a acariciá-la, persuadindo seu corpo até o limite. Ela suspeitava que não teria tanta sorte.

De fato, assim que ela se aproximou de uma chamada, ele se retirou, deixando seu corpo em completa confusão. A bengala caiu com força em seu traseiro, e ela prometeu que nunca mais desobedeceria a uma ordem direta dele.

Ela gritou na próxima queda implacável da bengala.

— Você precisa de sua palavra de segurança? — ele perguntou.

Ela respirou fundo várias vezes, mas acabou balançando a cabeça.

Ela havia caído de um cavalo uma vez e aterrissado de bunda, mas aquela dor não se comparava ao que envolvia seu traseiro no momento. Depois que ele deu o golpe final, ela se perguntou se seria capaz de se sentar amanhã.

Pondo de lado a bengala, ele esfregou as bochechas dela e gentilmente as espancou com as mãos. Ela gemeu, sem saber o que era pior – o hematoma em seu traseiro ou a cavidade em sua boceta. Ela pulsava e apertava em busca de atenção. Ela ficou deitada com os olhos fechados e tentou fingir que estava mais calma do que estava.

Ela ouviu um farfalhar atrás dela, a remoção de suas roupas, talvez, e então, uma sensação de alegria. Era seu pênis deslizando ao longo de suas dobras. Seu corpo ganhou vida, desejando que ele a penetrasse.

Ele agarrou seus quadris e, sem cerimônia, mergulhou, enterrando-se ao máximo. Não importava que ele a tomasse tão rapidamente. Ela se regalava de ser recheada com seu pau. O ângulo de sua entrada era glorioso, tocando-a em lugares deliciosos. Ela o ouviu gemer antes de começar a esmurrá-la com seu membro. Sua pélvis bateu em seu traseiro sensível. Ela grunhiu com cada impulso. Seu corpo, açoitado e abusado, ainda exaltado na felicidade de sua união, saboreando a forma como seu pênis a golpeava. A dor nas nádegas, a dor de ser esmagada na mesa de madeira, deu lugar ao êxtase que floresceu em suas regiões inferiores.

Por um segundo fugaz, ela se preocupou que ele ficasse dentro dela, mas outra parte dela não se importava com cautela e queria apenas que seus corpos chegassem às suas conclusões naturais.

Alastair retirou e desamarrou as cordas em seus tornozelos. Ele a virou de modo que ela se deitasse de costas e ergueu as pernas para que seu traseiro ficasse totalmente sobre a mesa. A luxúria em seu semblante aumentou seu ardor. Ela estava feliz por estar fora de seus seios, embora ter os braços presos debaixo dela não fosse mais confortável.

Ela o observou caminhar até o aparador e retornar com as minúsculas esferas magnéticas. Ele bateu em um mamilo. Ela

pensou que ele faria o mesmo com o outro mamilo, mas em vez disso ele os aplicou em suas dobras, prendendo-os em seu clitóris antes de afundar seu pênis de volta dentro dela.

Ele jogou uma perna sobre cada ombro. A posição permitiu que ele a penetrasse mais profundamente. Ela choramingou com a força de seus movimentos. As pequenas esferas magnéticas cravaram em sua carne e ela ansiava por uma estimulação mais direta sobre o clitóris, mas estava claro para ela agora que não receberia a permissão dele para gozar. Ele estava usando seu corpo para seu prazer. Seus grunhidos e gemidos se intensificaram, e ela não conseguia acompanhar sua surra. Ele empurrou para fora dela e borrifou seu esperma quente e pegajoso sobre sua barriga e seio. Uma pequena gota caiu em seus lábios.

Ela olhou para o teto e viu as sombras piscarem. Sua mente e corpo estavam em um estado de desordem.

Depois que ele ordenhou o resto de sua semente de seu pênis, ele afrouxou a coleira que segurava a bola e a puxou para baixo, passando por seu queixo.

— Você aprendeu sua lição, Millie?

Capítulo Dezeito

Seu corpo, marcado por sua semente, era uma bela vista. Ele não queria castigá-la tão duramente, mas ela lhe deixou pouca escolha. Ela havia lhe contado uma mentira, e isso era inaceitável.

— Aprendi minha lição, meu senhor.

— Se estivéssemos no Château Follet, sua punição poderia ter sido muito pior.

Depois de remover os ímãs em seu mamilo e suas dobras abaixo, ele encontrou o linho e limpou o esperma do seu corpo antes de puxá-la para cima. Ela estremeceu quando seu peso pousou sobre sua bunda.

A sensação de empurrar-se dentro dela, especialmente quando ela estava deitada de bruços sobre a mesa, sua bunda cheia e carnuda contornando a borda, ainda não o havia deixado. Depois de alguns minutos, ele poderia ter gozar para ela novamente. Ele queria vê-la gozar, queria que ela atingisse aquela glória carnal através dele. Mas ele resistiu. Ela precisava aprender sua lição por completo, sem questionar.

— Terminamos meu senhor? — ela perguntou.

— Por esta noite.

Ele tentou ignorar sua decepção e tratou de soltar seus pulsos. Ele os esfregou depois de remover a corda.

— Eu o desapontei meu senhor?

— Você suportou bem sua punição e expiou seu mau comportamento.

— Eu poderia ter tolerado mais.

Ele a olhou brevemente para ver se estava falando sério, então voltou a massagear seus braços para encorajar a circulação a retornar aos membros. Ele não tinha dúvidas de que ela poderia ter se saído bem no Château Follet, mas seu objetivo era desencorajá-la, não encorajá-la. Talvez ele não tivesse sido severo o suficiente, mas ela havia prometido que não voltaria ao Château.

— Posso ter outra chance de ganhar uma recompensa?

Ele desamarrou a coleira com a bola e limpou-a com o lenço antes de colocá-la de volta no aparador. Pegando um frasco de loção, ele voltou para onde ela agora estava ao lado da mesa.

— Curve-se.

— Novamente?

— Sua posição não é questionar, mas obedecer.

— Perdoe-me, meu senhor.

Ela se apoiou contra a mesa. Seu traseiro arredondado agradavelmente para ele. Ele admirou a coloração carmesim e as listras onde a bengala havia pousado. Agarrando uma nádega, ele a esfregou para encorajar o fluxo de sangue ali, na esperança de que isso aliviasse os hematomas. Ele fez o mesmo com a outra bochecha antes de aplicar o conteúdo do frasco.

Ele sentiu o calor percorrer de novo enquanto se perguntava se algum dia a pegaria na bunda.

— Você não respondeu à minha pergunta anterior, meu senhor — disse ela depois que ele terminou de cuidar de seu traseiro e a levantou.

— Você sempre tem a chance de ganhar uma recompensa — respondeu ele, entregando-lhe as roupas. — Mas exigirei o seu melhor comportamento durante todo o dia de amanhã.

— Eu não vou falhar desta vez, meu senhor.

— Não haverá questionamento de minhas diretrizes e nenhuma conversa sobre teares de meia.

— Sim, meu senhor. E devo abster-me de gozar ou me dar prazer esta noite.

— Tenha sucesso e você terá sua chance de gozar, e gozar maravilhosamente.

Sua voz ficou rouca por conta própria. Parado a menos de meio metro dela, ele ficou tentado a tomá-la nos braços e beijá-la. O brilho em seus olhos, a antecipação em seu semblante, fez com que os sentimentos crescessem em seu peito. Mas ele se segurou.

Em vez disso, ele segurou seu queixo e roçou seu lábio inferior com o polegar. Ela não era a mulher que ele pensara que era ao conhecê-la. Ele a achava educada e inteligente, mas também simples e desinteressante. Sua timidez inicial diminuiu surpreendentemente rápido, e depois disso ela adotou uma

indiferença para com ele que ele achou mais aceitável do que as recepções que ele comumente recebia de outras pessoas.

— Obrigado, meu senhor.

As palavras simples desfizeram sua resistência, e ele abaixou a cabeça para roçar os lábios nos dela. Seu braço rodeou sua cintura, e ele apertou seu corpo ainda nu contra o dele. Ele podia sentir sua dureza reviver enquanto seus sentidos captavam o cheiro de sua excitação, o som de sua respiração e a pressão de seus lábios e corpo. Ele poderia tomá-la novamente, queria tomá-la novamente, mas ele seria um pobre dominante se não pudesse manter a disciplina que exigia dela.

Deixando-a ir, ele se afastou antes que o desejo o dominasse. Ele pegou sua própria camisola.

— Eu cuidarei do quarto — ele disse depois de puxar sua camisa.

Ainda desconcertada, ela demorou mais para se vestir. Suas costas roçaram a borda da mesa quando ela se abaixou para pegar o manto que havia deixado cair.

— Acho que vou querer ficar de pé o dia todo amanhã — ela comentou.

Ele não lamentava a dor que a atormentaria no dia seguinte. Seria um lembrete constante dele, de suas expectativas e de tudo o que havia acontecido esta noite.

— Boa noite, Millie.

— Boa noite, Al... meu senhor.

Ele teria permitido que ela usasse seu nome e quase desejou que ela o tivesse falado. Depois que ela saiu, ele afundou na poltrona e balançou a cabeça.

Ele ficaria feliz em partir daqui a duas manhãs. Millie estava tendo mais efeito sobre ele do que ele desejava. Amanhã à noite seria a última. Se ela falhasse em seus esforços para ganhar sua aprovação, ele administraria uma punição que ela nunca esqueceria. Se ela conseguisse, ele lhe daria o maior êxtase que suas habilidades poderiam oferecer.

De qualquer forma, ele esperava, ela pararia de considerar o Château Follet novamente. E então ele realmente estaria feito com sua prima de uma vez por todas.

Capítulo Dezenove

Na manhã seguinte, Alastair foi pescar com Edward, Thomas e Henry. Portanto, ele não estava presente para ver Millie depois que ela desceu para o café da manhã. Ele imaginou seu desconforto enquanto ela tentava se sentar para jantar, e teria prazer em inspecionar o estado de sua bunda.

As mulheres estavam tomando chá na sala quando voltaram. Henry foi imediatamente para sua avó para contar como ele pegou o maior peixe de todos, e Thomas foi rápido em apontar que os peixes teriam escapado se não fosse por ele. O Sr. Abbott cochilava em uma cadeira ao lado da lareira. Wilmington lia o jornal enquanto Brewster escrevia uma carta na escrivaninha. Kittredge estava sentado ao lado de Millie enquanto ela e Jason pareciam estar discutindo as *viagens de Gulliver.*

— Fico feliz em saber que Farnsworth está propondo um projeto de lei para desencorajar a destruição de máquinas têxteis — disse Wilmington. — Este jornal diz que mais militares nossos foram destacados para Lancashire após um ataque a Burton's Mill. Os luditas de lá ameaçaram os magistrados locais com a morte se eles tentassem interferir. Algo deve ser feito. Sua reunião com Farnsworth é oportuna e louvável.

Alastair examinou a sala. Sua sobrinha, Emily, ocupava o sofá mais próximo de Millie. Quando Emily encontrou seu olhar, ela corou e rapidamente olhou para seu bordado. Ela estava

lançando olhares para ele desde sua chegada. Ele normalmente não se sentaria para o chá, mas queria ver como Millie se sairia em sua companhia. Ele decidiu que tomaria o chá em pé.

Millie ergueu os olhos quando Wilmington falou, e parecia que ela havia pensado em falar, mas quando viu Alastair, permaneceu muda.

— Você conhece bem Farnsworth? — Wilmington perguntou.

— Não conheço — respondeu Alastair. — Millie, vou tomar uma xícara de chá, por favor.

Algumas cabeças se viraram em sua direção, pois ela não estava sentada mais perto da mesa de chá, mas ela se levantou e obedientemente serviu uma xícara para ele.

— Mas ele pediu que você se encontrasse com ele sobre este assunto importante?

— Tenho pouco interesse no assunto, ou em Farnsworth, e concordei em me encontrar com ele apenas porque uma vez ele concedeu um favor a meu pai. Tenho muito pouco a ver com o Parlamento.

Millie se aproximou com seu chá.

— Infelizmente, é um dever que você não pode evitar.

— Por que não?

Ela parecia surpresa.

— Porque você tem assento na Câmara dos Lordes.

— Não por escolha.

— É uma responsabilidade e um privilégio da nobreza.

— Eu dificilmente considero um privilégio. Você também não consideraria se tivesse que se sentar em uma sessão do Parlamento.

— Tenho lido os discursos de vários membros. É um privilégio, não importa o quão tediosa seja a tarefa. Suas decisões têm repercussões em todos os cidadãos, e até mesmo nas criaturas, da coroa.

— Existem outros homens que se deleitam com tais responsabilidades. Eu não sou um deles.

Ela franziu a testa.

— Você não tem senso de *noblesse oblige,* meu senhor?

Ele deu a ela um olhar severo. Ela não desejava ganhar sua recompensa esta noite?

— Millie! — Sra. Abbott exclamou, perplexa que sua filha ousou falar com ele daquela maneira. — Senhor Alastair, me perdoe. Millie, o que você está falando?

— Ha! Alastair? *Noblesse oblige?* — gritou Louisa. — É claro que você o conhece pouco, Millie.

— Louisa está certa — disse ele a Millie. — É melhor deixar o cuidado dos cidadãos para outros mais capazes do que eu.

Mas Millie não estava preparada para ceder, e ele descobriu que a profundidade com que ela o olhava era inquietante.

— Você adora ser visto como sem coração — disse ela — mas acho que estaríamos gravemente enganados se adesistíssimos de você tão facilmente.

Ele devolveu o olhar dela.

— Você dá muita atenção à minha tia e às opiniões dela sobre mim. Ela tem preconceitos a meu favor.

— E você sugere que a mão dela em sua educação foi um fracasso?

Alguém na sala ofegou. Sua mandíbula se apertou, mas ele conseguiu dizer: — Obrigado pelo chá, Millie. Você pode se sentar.

Ela piscou várias vezes, desacostumada a receber comandos diretos.

— Millie, venha! — sua mãe pediu.

Ela obedeceu e foi sentar-se ao lado da mãe e da Sra. Cheswith, mas não pareceu pacificada.

— Millie está certa em questioná-lo, Andre — disse Katherine depois de tirar Henry de seu colo. — Parece que você não tem consideração pela minha influência em sua vida.

— Se não fosse por você, minha senhora, eu seria um canalha ainda pior.

— Canalha ou não — disse Wilmington — é certo que você se encontre com Farnsworth e apoie sua proposta. É necessário um ato do Parlamento para reprimir a quebra de máquinas e outros atos violentos contra o comércio.

Alastair esperou para ver se Millie falaria, e ela parecia contemplar isso.

— Esses rebeldes são tão terríveis quanto os colonos na América — disse Caroline. — Quem sabe que outras atrocidades eles, se não forem controlados, cometerão?

Millie não resistiu.

— Talvez eles não recorressem a medidas desesperadas se pudessem encontrar meios de se sustentar e a suas famílias.

Ele mal podia acreditar no que estava ouvindo. Na noite anterior, ela parecia tão ansiosa para ganhar sua aprovação. Ela tinha esquecido que ele havia proibido falar mais sobre esse mesmo assunto?

— Por medidas desesperadas, você quer dizer a destruição de *teares de meia?*

— Sim. Se o Parlamento considerasse adequado revogar as Leis de Combinação ou considerar a definição de salários mínimos, esses trabalhadores teriam mais esperança.

Ele olhou para ela. Havia desafio e medo em seu semblante. Ela não tinha esquecido. Ela simplesmente escolheu desconsiderá-lo.

— Não cabe ao Parlamento interferir na ordem natural da economia — respondeu Wilmington.

— Os trabalhadores também fazem parte da economia, mas nossas leis os impedem de buscar as necessidades mais básicas. Os custos aumentaram, mas os salários não. Esses trabalhadores,

SUBMITTING FOR Christmas

e sim – os luditas entre eles, estão tendo negada a capacidade de buscar o que todo inglês tem direito: vida, liberdade e a busca da felicidade.

Vendo que todos estavam olhando para ela, ela se retirou e não disse mais nada.

— Onde está escrito que todo homem tem esse direito? — Wilmington perguntou.

— Minha querida Millie, você é eloquente em seu discurso — disse Katherine — e está claro que você tem muita caridade em seu coração. É fácil para nossa sociedade ignorar as labutas e sofrimentos das classes mais baixas.

— Ela sempre teve muita compaixão pelos pobres — disse a Sra. Abbott com gratidão.

Louisa sorriu maliciosamente para Caroline. Sem dúvida, elas pensavam que Millie tinha tanta afinidade com os menos abastados porque sua família estava entre eles.

Millie evitou seu olhar o resto do tempo. Kittredge, que testemunhara a cena em silêncio divertido, aproximou-se dele para perguntar como foi a pesca. Louisa convenceu Emily a tocar sua melhor sonata ao piano. Tendo alguns dos melhores instrutores, Emily tocou extremamente bem.

— Você toca, Srta. Abbott? — Louisa perguntou quando Emily terminou a sonata e o prelúdio.

— Não muito bem — respondeu Millie. — Nós nos beneficiaríamos se a Srta. Wilmington tocasse outra peça.

SUBMITTING FOR Christmas

— Assim como Emily toca, ela fica feliz em compartilhar o instrumento. Embora seu instrutor diga que não há aluno que consiga realizar uma peça tão bem, e em tão pouco tempo quanto Emily, ela não é uma gula de atenção. Peço que você toque um pouco, Srta. Abbott.

— Toque, senhorita Abbott — Alastair apoiou quando ficou claro que Millie preferia não tocar.

Millie olhou para ele. Depois de seu desafio anterior, ele não esperava que ela o desobedecesse novamente. Ela foi ao piano e optou por tocar uma das sonatinas mais simples de Mozart. Seus dedos não tinham a agilidade de Emily, mas ela atuou mais do que adequadamente.

— Acho que vou colher algumas das margaridas de natal para a nossa mesa de jantar esta noite — disse Anne.

— Posso me juntar a você? — Millie perguntou rapidamente.

— Sr. Kittredge, você não viu os jardins — disse Katherine. — Talvez você não se importe em ajudar as mulheres?

Kittredge fez uma reverência.

— Certamente, minha senhora.

Caroline, Emily e a Sra. Abbott decidiram se juntar a Anne e Millie. Edward decidiu levar seus meninos para passear com os cães, ao qual se juntaram Wilmington e Brewster. Louisa disse que iria descansar um pouco no quarto. O Sr. Abbott continuou dormindo ao lado da lareira.

— Você poderia ser mais gentil com Millie — Katherine disse a ele enquanto eles se despediam depois de todos os outros.

— Dar a ela um dote de quatro mil libras não é gentil o suficiente? — ele voltou.

— Ela prefere não ter tal presente.

— Eu sou o culpado se ela decidiu não apreciar isso?

— É por isso que você parece zangado com ela?

Ele quase respondeu que era porque Millie havia desobedecido ao seu dominante. Katherine entenderia então. Mas, como Millie não tinha confessado suas atividades noturnas, ele não as revelaria.

— Ela pode não ter as melhores maneiras — continuou Katherine enquanto caminhavam pelo corredor — mas não quer desrespeitar.

— Senhora, talvez você não tenha ouvido tudo o que ela disse, mas ela se atreveu a me repreender por minha falta de *noblesse oblige* diante de minha própria família.

E contra minhas ordens, ele acrescentou silenciosamente.

— E isso te perturba, Andre?

Ele não disse nada a princípio, pois pouco se importava com o que os outros pudessem dizer ou pensar sobre suas ações, mas as palavras dela o irritaram. Sentindo o grande estudo de sua tia sobre ele, ele perguntou: — E você acha que eu mereço essa repreensão?

— Eu acho.

— Eu recebo o suficiente de minhas irmãs e de você. Louisa, em particular, tem sorte de eu não a expulsar de minha casa.

— E você nos dá alguma atenção?

— Não, e agora você adicionaria Millie à sua festa. Como resultado do nosso encontro no Château Follet, ela agora se acha no direito de falar comigo como ela fala.

— Ela nunca teve muito medo de você, e acho que continuará assim, apesar de seus melhores esforços para intimidá-la.

Pronto para encerrar a conversa, ele disse: — Eu sei que você gosta de Millie, mas eu tomaria cuidado com os pensamentos e ações que você incentiva nela.

— Você prometeu, no meu aniversário, cuidar dela.

— E eu fiz isso, mas quando Millie se casar, minha responsabilidade termina.

— Não admira que você deu a ela um dote tão grande.

— Precisamente.

Ele se curvou e se despediu. Ele tinha que considerar o que faria com Millie esta noite.

Capítulo Vinte

— Na frente de sua senhoria, nosso anfitrião! — A Sra. Abbott choramingou pela terceira vez enquanto Mildred se vestia para o jantar em seus aposentos. Sua mãe já a havia repreendido depois do chá, e de novo quando terminaram de colher flores. — Você ficou louca, Millie? Na verdade, acho que não houve ninguém que não estivesse se horrorizado com o seu comportamento.

Mildred baixou a cabeça. Ela se arrependeu de ter desafiado Alastair diante de sua família e não tinha desculpa para sua falta de educação. A manhã havia chegado promissora, pois ela havia conseguido não gozar a noite anterior, mas havia arruinado suas chances de ganhar uma recompensa. Seu descontentamento com o desafio dela era óbvio.

— Eu não consigo entender por que você assumiria tal familiaridade com o Marquês? — A Sra. Abbott torceu as mãos. — Temo por seu dote e não deveria ficar surpresa se ele o retirasse. Oh, Millie, o que você estava pensando? Como você vai expiar o que fez? Você terá que pedir perdão. Como espero que ele a perdoe! Não devemos perder o dote.

Mas nem todos ficaram horrorizados com sua exibição durante o chá. Durante a caminhada no jardim em seguida, Kittredge se aproximou dela.

— Srta. Abbott, devo dizer que estou admirado com sua coragem de falar com tanta franqueza a Alastair.

— Não é coragem, mas temeridade — ela respondeu.

— No entanto, existem poucos que ousariam questioná-lo como você fez.

— Eu considero o assunto com certa paixão, mas não deveria ter permitido que meus sentimentos anulassem a cortesia comum.

Antes do jantar, Mildred pediu desculpas a Lady Katherine, mas sua senhoria rejeitou o pedido de desculpas.

— Deus sabe que Alastair precisa de uma pequena repreensão.

O fato de Lady Katherine não ter se ofendido pouco fez para alegrar Mildred. Quando ela viu Alastair entrar na antessala, sua respiração prendeu. Mas ela não poderia passar o jantar sem falar com ele de antemão. Se recompondo, ela foi até onde ele estava, ciente de que muitos na sala estavam olhando para ela.

— Meu senhor, devo pedir seu perdão por minha grosseria anterior — ela começou. — Eu não deveria ter falado da maneira que falei, e meu erro é pior por ter feito isso em frente a sua família.

Ela pediria desculpas por outro motivo também, mas ela não poderia falar isso antes da reunião. Ela esperava que seus olhos transmitissem o que ela não poderia dizer.

— Eu aceito suas desculpas, Srta. Abbott, disse ele depois de olhar para ela por mais tempo do que era confortável para ela.

— Espero que você considere a discussão sobre teares de meia finallizada?

Ela hesitou, mas respondeu afirmativamente. Ela fez uma reverência e voltou para o outro lado da sala. Embora ele tivesse parecido sincero ao perdoá-la, ela achou melhor não se colocar no caminho dele.

Um lacaio entrou para anunciar que o jantar estava pronto. Alastair apresentou o braço à tia, mas Lady Katherine havia enganchado o braço no de Thomas.

— Não é sempre que tenho o prazer de ter meu neto me acompanhando para jantar — declarou sua senhoria.

Houve um breve momento de constrangimento enquanto os outros se perguntavam como proceder, pois Lady Katherine havia revirado a ordem apropriada.

Alastair, sereno, voltou-se para Mildred.

— Senhorita Abbott.

Surpresa, ela só conseguiu olhar para o braço estendido. Os olhos de Louisa se arregalaram. Mildred sentiu-se tentada a protestar, dizendo que ele deveria acompanhar a Srta. Wilmington, que tinha mais posição, para jantar, mas isso só chamaria mais atenção para a situação. Ela aceitou o braço de Alastair e Kittredge foi deixado para acompanhar a Srta. Wilmington.

Felizmente, ela não teve que se sentar perto de Alastair durante o jantar e estava perto o suficiente de Kittredge para ouvir sua conversa fácil e afável sobre o teatro e como Charles Kemble

iria atuar em uma produção de *Hamlet.* Mas Mildred não gostou muito do ganso, dos nabos assados e da torta. Depois do jantar, ela se recusou a se juntar aos outros nas cartas e optou por ler no canto da sala de estar, mas as palavras ficavam borradas com frequência. Queria pedir perdão a Alastair e Lady Katherine mais uma vez, embora soubesse que o primeiro abominaria a necessidade de trocar mais palavras e a última a consideraria desnecessária.

— Papai, tenho sido a mais rude dos convidados — disse ela quando o pai se aproximou. As mesas de jogo foram colocadas de lado e a Srta. Wilmington deveria tocar o piano novamente.

— Sua mãe me contou o que aconteceu. Como não pode ser desfeito, tudo o que você pode esperar fazer é pedir perdão, o que você fez.

— Devo pedir seu perdão também, pois minha falta de educação deve refletir negativamente em nossa família.

— Você não poderia fazer pior do que seu tio Stephen.

O irmão mais novo de sua mãe fugiu com uma mulher casada, mas isso ofereceu pouco consolo a Mildred.

— Duvido que Lady Katherine tenha ficado muito preocupada com isso.

— Mesmo se ela ficasse, ela é muito gentil para falar sobre isso.

— Você está certa? Ela me parece uma mulher que se sente mais confortável em falar o que pensa.

Mildred teve de concordar que viu e ouviu pouco de sua senhoria que indicasse que ela pensava menos de Mildred pelo que acontecera. No entanto, ela não se permitiria qualquer margem de manobra.

— Mas eu critiquei o sobrinho dela em frente de sua família!

— Quanto ao marquês, duvido que dê ouvidos ao que dizem dele ou pra ele. Você poderia chamá-lo de canalha ou coisa pior, e duvido que ele se incomode o mínimo.

— Acho que eu gostaria de um licor — começou Mildred antes que seu pai pudesse completar a frase, pois Alastair estava atrás dele.

O Sr. Abbott, vendo seus olhos arregalados, virou-se, corou e gaguejou: — Licor, sim, sim, você, er, queria um copo de... de licor?

Com uma breve reverência a Alastair, o Sr. Abbott saiu correndo. Mildred sentiu seu coração afundar. Quantas vezes mais sua família ofenderia Alastair? Ela encontrou consolo no fato de que o marquês partiria no dia seguinte.

— Você pode encontrar a página noventa e um com instruções para a sua situação, disse Alastair, entregando-lhe um livro antes de se afastar.

Ela virou para a página que ele havia nomeado e viu uma nota:

Meia-noite.

Sua punição a aguarda.

Sua punição. Ela tanto acolheu quanto temeu. Mas ela sofreria qualquer punição que ele aplicasse. Fechando o livro, ela olhou para o relógio. Passava pouco das nove horas. Ela passaria as próximas horas em uma expectativa ansiosa.

Capítulo Vinte e Um

Um fogo vibrante saudou-a quando ela entrou nas câmaras na hora marcada. Alastair, em sua camisola e banyan, estava com os braços cruzados diante dele. Sem pensar duas vezes, ela se ajoelhou aos pés dele.

— Perdoe-me, meu senhor.

— Eu já aceitei suas desculpas, Millie — disse ele.

— Isso foi por falar diante de sua família. Agora peço seu perdão por ter desafiado seus desejos.

— Você vai expiar por isso esta noite. E eu pensei que você pretendia ganhar uma recompensa.

— Eu tive tais intenções. Mas... eu deveria ter esperado para expressar minhas opiniões a você em particular.

— Então você não se arrepende do que disse? Só que foi dito na reunião?

Ela manteve o olhar abaixado.

— Meus pensamentos sobre o assunto não mudaram, meu senhor, e precisavam ser expressos.

— Então por que pedir meu perdão agora? — Ele parecia ligeiramente perplexo.

— Porque eu não queria te decepcionar. Em retrospecto, eu não deveria ter concordado com uma ordem que não poderia seguir. Quando você dispensou tanto seus deveres... bem, aceitarei o castigo que pretende, meu senhor. Posso chupar seu pau para você, meu senhor?

Ele enfiou a mão em seu cabelo e puxou sua cabeça para trás para que ela pudesse encontrar seu olhar.

— Você vai implorar por um pau em breve, minha menina, mas você o terá apenas após a conclusão de sua punição.

— Sim, meu senhor.

Ele a soltou.

— Mostre-me sua bunda.

Ela se abaixou e puxou o roupão e o vestido até a cintura. Ele espalmou uma bochecha. Ela estremeceu sob seu toque.

— Quase não há hematomas — observou ele. — Pode ser mais abusada esta noite.

— Sim, meu senhor. Espero que você me dê uma boa surra.

Ele grunhiu.

— De pé.

Ela se levantou do chão e ficou em posição de sentido.

— Remova o robe — disse ele.

Quando ela tirou a roupa, ele ficou atrás dela, perto o suficiente para fazer todos os seus nervos ganharem vida. — Presumo que você não gozou na noite passada?

— Eu não gozei, meu senhor.

Alcançando um braço ao redor dela, ele segurou um seio através de sua camisola.

— Foi difícil obedecer às minhas ordens nisso?

Ela soltou um suspiro abatido.

— Sim, meu senhor.

— Você se tocou?

— Não ousei, pois isso me levou ao fracasso na minha primeira noite.

Ele rolou a orbe contra o peito dela enquanto endurecia e soltava seu aperto.

— Como você se absteve? Como você aliviou a agitação?

— Eu pressionei minhas pernas juntas.

— Você estava muito molhada entre as pernas na noite passada.

Ela engasgou quando ele beliscou seu mamilo através de sua roupa.

— Eu andei pela sala por um tempo. Então, eu estava cansada o suficiente para adormecer.

— E como estava sua bunda quando você acordou esta manhã?

— Dolorida.

— Você gostou de estar em tal estado?

— Sim, meu senhor.

Ele puxou sua camisa para baixo de um ombro e massageou o seio exposto. Ele a puxou para si.

— Seu corpo vai querer gozar desesperadamente esta noite.

Ela gemeu com o pensamento, saboreando a dureza de seu corpo em suas costas.

— Você merece gozar? — ele perguntou, seu outro braço serpenteando ao redor de seu quadril para agarrar seu monte.

— Não, meu senhor.

Ele a esfregou entre as coxas. Não demorou muito para que a umidade começasse. Sentindo seu pênis endurecer atrás dela, ela queria que seu corpo se fundisse com o dele, para que a mão em seu seio se tornasse uma parte permanente dela. Mas ela deveria tolerar o calor crescente nela. Ele apenas a deixaria desolada. Ela se preparou para as suas deliciosas carícias.

— Você vai querer que sua excitação sobreviva à sua punição — aconselhou ele.

Na verdade, ela não conseguia resistir a seus cuidados. Eles pareciam divinos demais. O homem poderia despertá-la a qualquer

momento, em qualquer lugar. Ele só precisava falar para acender o calor dentro dela.

O tecido que ele esfregava em suas dobras, embora úmido agora, criou uma fricção prazerosa. Ele beliscou levemente seu mamilo antes de mover a mão para sua garganta. A cabeça dela caiu para trás em seu peito enquanto o resto dela se contorcia contra ele. Ela ofegou e caiu ainda mais na piscina de desejo.

Mas, como ela esperava, ele finalmente se retirou, deixando-a desolada. Ele foi até o aparador e voltou com a bola e a coleira.

— Precisamos acalmar seus gritos — explicou ele.

— Mas como irei falar a palavra 'pérolas', meu senhor?

— Você não questionou ontem à noite.

— Espero que o castigo esta noite seja pior.

— E vai ser.

Ela estudou seu rosto. Quão irritado ele estava com ela?

— Eu vou te dar a escolha, mas esteja ciente de que seus gritos podem ser ouvidos.

— Vou ficar com a coleira, meu senhor.

Ele afixou o instrumento em volta da cabeça dela, depois tirou do bolso de sua banyan sua gravata, que enrolou em seu nariz e boca.

— Isso deve abafar suficientemente seus gritos.

Seu coração batia forte e teria sido difícil engolir, mesmo sem a bola esticando sua boca. Ela não gostou do linho porque sua respiração era quente e sufocada.

Ele estava a meio metro da mesa de madeira. – Aproxime-se.

Ela foi até ele. Ele a virou de frente para a mesa, então puxou o resto de sua camisola para baixo. Ela deveria estar acostumada a ficar nua diante dele, mas ainda uma consciência desconfortável a enchia.

— Apoie-se na mesa.

Ela se inclinou e apoiou os braços na borda da mesa. Ela estava quase dobrada ao meio na cintura, os seios balançando sob ela. Ele caminhou até a parede antes de voltar para ficar atrás dela.

Ela deu um pequeno grito antes de cair na gargalhada quando as penas roçaram seu traseiro, mas não era fácil rir com a bola enfiada na boca. Ela fechou os olhos enquanto tentava não dar atenção às cócegas. Felizmente, não durou muito.

Seu próximo grito foi totalmente diferente quando uma pá de madeira colidiu com seu traseiro. Ela perdeu o aperto contra a mesa e tropeçou.

— Retome sua posição, Srta. Abbott.

Sua mente girava, imaginando quantos desses golpes ela poderia suportar, mas ela se apoiou contra a mesa mais uma vez. Ele a puxou um passo adiante para que seu traseiro se arredondasse mais completamente para ele.

Palmada!

Inadvertidamente, ela mordeu a bola. Agora seus dentes doiam. O terceiro golpe fez seus joelhos dobrarem. Ele esperou até que ela se endireitasse antes de dar o quarto golpe. Lágrimas pressionaram contra seus olhos, e sua saliva começou a escorrer por entre seus lábios e a bola. Ele esperou que o efeito total da picada se dissipasse antes de balançar o remo em seu traseiro novamente. Ela deu um soluço e pensou em sua palavra de segurança, mas ela não gostaria de usá-la. Ela queria suportar o castigo. Tendo falhado com ele antes, ela não queria fazê-lo novamente.

Mas pelo décimo golpe, ela teria alegremente partido para sempre. Seus braços tremeram e as lágrimas em seus olhos se derramaram. As penas voltaram, alimentando a picada para uma nova vida. O linho enrolado em torno dela tornou-se sufocante. Ela disse a si mesma que merecia essa punição, mas uma parte dela questionou essa premissa. Ela tinha sido atrevida com ele; não cabia a ela comentar sobre como ele lidava com os assuntos do Parlamento. Mas, na verdade, sua disposição merecia comentários. Lembrou-se que ela deveria não ter falado assim na frente de sua família. Isso certamente merecia uma punição sólida, mas ela esperava que ele tivesse acabado com o remo. Mesmo se ela quisesse, ela duvidava que pudesse suportar muito mais.

Com imenso alívio, ela o viu devolver o remo onde estava pendurado na parede. Ele voltou com uma longa corda. Alcançando abaixo dela, ele enrolou a corda em torno de um seio, cruzou-o com o outro, fez o mesmo e cruzou de volta antes de

prender a ponta da corda. As amarras formaram um torno em torno de seus seios, comprimindo-os e deformando-os.

— Você pode ficar de pé, Millie.

Ela obedeceu, enxugando as lágrimas para que ele não as visse. Ele parou diante dela e olhou profundamente em seus olhos.

— Você foi bem, Millie. Agora podemos começar com a segunda parte de sua punição.

Capítulo Vinte e Dois

Ela enxugou as lágrimas, mas ele ainda viu algumas nadando em seus olhos. O remo doeu. Embora a bola e a gravata dele tivessem abafado seus gritos, ele ainda podia avaliar o nível de intensidade deles, podia ouvir o quão alto eles teriam sido se ela não tivesse sido amordaçada. Sua bunda corou lindamente por ele. Haveria mais hematomas desta vez.

Seu olhar caiu para os seios em seguida. Eles eram um par adorável. Até agora, ele não tinha lhes concedido a atenção que mereciam, mas esta noite eles não seriam tão negligenciados. Eles se projetavam bem de seu peito e eram grandes o suficiente para permitir que ele os envolvesse com a corda várias vezes. Assim amarrados, seus mamilos se estenderam mais do que o normal, e as aréolas pareciam desproporcionalmente grandes. Quando ela se tornasse mais experiente, ele poderia até conseguir suspendê-la pelos seios.

Ele balançou a cabeça e lembrou a si mesmo que esta seria a última vez que estariam juntos.

Ele segurou um monte inchado. Suas sobrancelhas se ergueram, indicando o quão sensíveis seus seios se tornaram. Abaixando a cabeça, ele lambeu um mamilo. Ela choramingou.

— Você está pronta para prosseguir?

Ela assentiu.

— Você pode se deitar na mesa. De costas.

Ela fez o que ele pediu, estremecendo quando seu traseiro pousou em cima da mesa. Ele permitiu que ela colocasse os pés sobre a mesa e levantasse parte do peso de seu traseiro dolorido.

— Mostre-me como você deu prazer a si mesmo naquela noite em que falhou em seguir minhas ordens.

Ela colocou a mão entre as coxas e se acariciou. Ele observou por alguns minutos, sentindo o curso do sangue quente e forte em suas veias. Seu corpo implorav para ser fodido. Mas ele tinha que terminar sua tarefa. Com mais corda, ele amarrou os pulsos dela aos cantos da mesa, prendendo a corda nas pernas. Ele percebeu que ela ainda se abstinha de se estabelecer em sua bunda.

— Você vai querer erguer o traseiro mais alto — disse ele.

Ela olhou para ele confusa. Do aparador, ele retirou duas velas votivas curtas que acendera antes. Ele as deslizou por baixo dela, obrigando-a a erguer os quadris e arquear as costas. Ele foi acender mais duas e as acrescentou à mesa. Ele acariciou o comprimento de uma perna, sentindo a tensão dos músculos enquanto ela se esforçava para manter seu corpo acima das chamas das velas.

Ele passou a mão sobre a barriga dela, então enfiou os dedos pelos cabelos em seu monte. Seria divertido barbear esses cachos amplos, pensou consigo mesmo. Havia muito que ele gostaria de fazer com Millie, mas estava limitado pelo tempo.

Com o dedo indicador, ele brincou com o botão inchado sob seus cachos. Seus cílios vibraram, e ela gemeu quando ele afundou uma polegada de seu dedo em sua fenda encharcada. Seu pênis latejava de necessidade, mas sem o uso de sua palavra de segurança, ele precisaria prestar atenção cuidadosa a ela. Ele recuperou o espanador e escovou sobre seu torso. Meio suspiros e risadas escaparam pela bola e pelo linho. Seu corpo estremeceu ao tentar evitar as penas, mas ao saudar o calor abaixo, voltou à sua posição anterior.

O que seria pior para ela, as cócegas ou a queimação? Ele sabia, pelo tempo que passaram no Château Follet, que ela era particularmente sensível ao primeiro, e por suas lutas, ela parecia oscilar igualmente entre o espanador e as velas. A transpiração logo apareceu sobre ela, emprestando um belo brilho ao seu corpo. Os suspiros e risadas se transformaram em grunhidos enquanto o esforço ficava mais difícil de manter. Seu corpo começou a tremer.

Sabendo que ela precisava de mais ar, e não querendo que ela perdesse a consciência, ele puxou o lençol para liberar seu nariz. Deixando de lado o espanador, ele colocou a mão em seu monte e deslizou o dedo ao longo de seu clitóris. Agora, suas pernas queriam ceder, mas se ela queria o êxtase de suas carícias, ela tinha que manter sua posição. Ele ergueu a mão um pouco mais alto, e sua pélvis a seguiu, buscando seu toque. Ele brincou com seu clitóris, esfregando-o, beliscando-o. Ela ofegava pesadamente, seu rosto se iluminou com a transpiração. Seu corpo, cansado, finalmente afundou em direção à mesa, mas disparou de volta quando as chamas lamberam sua bunda.

Com as duas mãos, ele acariciou sua barriga, seus quadris, suas coxas, espalhando a umidade sobre sua pele macia. Os seios dela tinham escurecido e ele decidiu libertá-los de sua escravidão. Depois de remover a corda, ele se curvou e envolveu um mamilo com a boca. Ela gritou alto quando seu corpo se curvou em direção à mesa para evitar sua boca, mas isso a enviou mais perto das chamas. Ela estava presa, seu mamilo sensível preso em sua boca.

Ela começou a soluçar quando ele chupou. Ela continuou a chorar mesmo depois que ele soltou o mamilo e empurrou as velas para uma parte da mesa onde as chamas não a ameaçariam. Ela desabou sobre a mesa, e não importava que suas nádegas ainda estivessem doloridas. Ele esperou até que o vigor de sua respiração relaxasse. Ele escovou uma mecha de cabelo que tinha grudado em sua testa. Quando ela se acalmou o suficiente, ela se virou para encontrar seu olhar. Com a metade inferior do rosto coberta, seus olhos pareciam particularmente expressivos e luminescentes. No momento, eles eram os olhos mais lindos que ele já tinha visto.

— Você deseja pôr fim à sua punição? — ele perguntou.

Seu peito continuou a se agitar enquanto ela inspirava o ar tão necessário, mas seu olhar transmitiu uma força que ele não esperava. Ela balançou a cabeça.

Ele rolou os seios dela, ainda escuros por causa do sangue que estava preso ali, então passou as mãos pelas curvas e planos de seu torso até que sua mão direita alcançou o destino entre suas pernas. Ele a acariciou ali, afundando dois dedos em seu calor úmido. Seus dedos se curvaram, acariciaram e moveram, fazendo-a se contorcer em cima da mesa.

— Você gostaria de um pau agora? — Ela assentiu. — Você tem certeza? — Ela assentiu novamente.

Retirando a mão, ele foi até o aparador e encontrou o vibrador que ela havia colocado na boca naquela primeira noite. Seus olhos se arregalaram e ela balançou um pouco a cabeça. Mas seu corpo estava pronto. Ele ansiava pela liberação por quase quarenta e oito horas. Havia umidade mais do que suficiente para facilitar a entrada do vibrador.

Ele primeiro esfregou a ponta do pênis falso contra seu clitóris. Ela gemeu. Quando ela estava suficientemente excitada, ele baixou o pênis até sua fenda, mas apenas pressionou a cabeça meio centímetro, provocando-a, antes de deslizar o vibrador de volta para seu clitóris. Logo, ela empurrou seus quadris em busca do pênis e não protestou quando ele entrou. Mas sua aceitação parou rapidamente quando mais de uma polegada do vibrador começou a enchê-la. Ela fez um som agudo e tentou escapar do intruso, mas suas amarras a impediram de ir muito longe.

Com a mão livre, ele a segurou pelo quadril.

— Relaxe. Você é capaz de suportar o vibrador. — Ela inalou várias respirações curtas. — Deseja falar sua palavra de segurança?

Ela considerou por um momento, então balançou a cabeça.

Ele moveu a mão de seu quadril para seu clitóris e sacudiu enquanto sua outra mão pressionava o vibrador mais para dentro dela. Ela fechou os olhos com força.

— Respire — ele a lembrou, e fez sua própria respiração audível para guiá-la.

Ela deu um gemido afetado, e ele podia ver que seu corpo ainda queria uma fuga, mas o consolo estava aninhado cinco centímetros de profundidade agora. Ele continuou a brincar com seu clitóris até que a excitação superou o desconforto de ter o grande consolo esticando sua boceta.

— Ungh — ela ofegou várias vezes.

— Respire. Você está indo extremamente bem, Millie.

Quatro polegadas.

Ele aumentou suas carícias em seu clitóris. Seus olhos rolaram para a parte de trás de sua cabeça. O consolo agora poderia contribuir para o prazer. Os dedos dos pés dela enrolaram.

Seis polegadas.

Ele podia sentir sua boceta apertando o pau. Algumas mulheres passaram a gostar de paus grandes, e ele suspeitou que Millie pudesse ser uma delas. Mais cinco centímetros e o pênis estaria completamente dentro dela.

— Millie, você é uma maravilha — ele encorajou.

Ela choramingou em resposta. Ele esfregou seu clitóris vigorosamente. Ele podia sentir a tensão de seu orgasmo iminente crescendo em seu corpo.

Estava feito.

Sua boceta engoliu todo o grande dildo.

— Muito bem! — ele elogiou.

Para completar sua punição, ele pegou duas das velas e as pairou sobre seu corpo. Ela se contorceu com a proximidade delas. Erguendo as velas, ele as inclinou para permitir que a cera líquida caísse sobre ela. Ela lutou contra as cordas que a seguravam enquanto cera quente respingava sobre suas costelas, sua barriga e seu monte. O corpo dela se tornou uma tela para ele decorar, e quando pouco restou das velas, ele deu um passo para trás para admirar sua obra de arte.

Meu Deus, ela era linda.

Seu próprio pênis havia esperado o suficiente. Tirando sua banyan e camisola, ele montou seu corpo em cima da mesa. Ele olhou para seus seios exuberantes e posicionou seu eixo entre eles. Ele pressionou as esferas juntas sobre seu pênis. Sua boca e boceta eram divinas, mas ele gostaria de foder suas tetas. Não havia uma parte de Millie que ele não apreciasse.

Ele bombeou os quadris algumas vezes antes de estender a mão e desamarrar as cordas de seus pulsos. Ela sabia o que fazer e juntou os seios. Não ter que segurar seus seios no lugar permitiu a ele mais liberdade de movimento. Ele acelerou o passo, deslizando sua rigidez entre as esferas. O desejo, fervendo em seus testículos, buscava sua tão esperada liberação. Ele olhou para trás para ver se o vibrador ainda estava no lugar, e o pensamento daquela massa enchendo e esticando sua boceta o levou ao limite. Seus quadris resistiram descontroladamente quando sua semente disparou, espalhando em sua garganta e coleira

Quando ele se retirou de seus seios, seu pênis pulsou ainda mais enquanto mais de seu esperma pulsava de sua ponta. Seu corpo estremeceu violentamente. Ele acariciou a si mesmo enquanto o êxtase dentro dele mudava de um motim para um fogo brando. E ele não pensava que o arrebatamento da noite anterior poderia ser superado. Quando as correntes que percorriam seus membros se dissiparam, ele puxou a gravata e tirou a coleira e a bola de sua boca.

— Obrigada, meu senhor — ela murmurou — embora sua boca estivesse sem dúvida dolorida.

— Você foi maravilhosa — disse ele, e então desceu da mesa. — Você recebeu bem o seu castigo e, por isso, será recompensada. Como você gostaria de gozar?

Ele examinou o corpo dela, adornado com a cera da vela e sua semente seca. Ele alcançou seu monte.

— Posso pedir uma recompensa diferente, meu senhor?

Surpreso, ele se perguntou o que ela poderia querer mais. Retribuição, talvez?

— Tal como?

— Eu tenho um desejo maior. Eu prefiro que você não dê seu apoio imediato a Farnsworth até que você tenha examinado completamente os argumentos contra seu projeto.

Ele olhou para ela, atordoado. Isso era realmente o que ela preferia? Era altamente irregular. Estranho, até.

— Millie, nossas buscas carnais não envolvem política.

— Por que não? Você me proibiu de falar em teares de meia como parte do nosso acordo. Parece que não há nada que *você* não possa envolver.

Ele teve que reconhecer seu raciocínio, mas ainda não conseguia acreditar completamente no que ela estava pedindo. Depois de tudo que seu corpo suportou, certamente precisava de alívio. Ela merecia gozar.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — ele perguntou.

Ela assentiu.

Uma estranha emoção o dominou. De admiração e até de vergonha. Ela era diferente de qualquer mulher que ele já conheceu.

— Vou considerar isso — ele disse finalmente. — Não devo meu apoio a Farnsworth. No entanto, prometo apenas atrasar minha decisão.

— Isso é tudo que eu peço.

A mão dele estava entre as pernas dela, uma área muito tentadora, apesar de seu pedido. Ele acariciou sua protuberância com o dedo médio. Ela gemeu baixinho.

— Por favor, não me provoque mais, meu senhor.

— Shhhh.

Ele continuou a acariciá-la. Ela mordeu o lábio inferior, mas eventualmente soltou um gemido quando os dedos dele encontraram o ponto de maior sensibilidade.

— Alastair, meu senhor, você vai me fazer gozar. Oh, D... não. — Ela agarrou a borda da mesa com as duas mãos. — *Por favor.*

Ele estava acostumado a ouvir submissas implorando para gozar, mas Millie implorava para *não* gozar. Talvez porque ele não tivesse concedido explicitamente sua permissão, mas ele pretendia que ela fizesse.

— Meu senhor... ah... ah!

Depois de enjaular seu desejo por dois dias, seu corpo não resistiu à tentação.

— Goze, Millie — ele comandou.

Seu corpo caiu em convulsões, sacudindo a mesa abaixo. Seus quadris resistiram algumas vezes antes de se estabelecer novamente quando ele aliviou seus golpes. Ela ofegava por um propósito diferente agora.

— Fui sincera em meu pedido por uma recompensa diferente — ela lamentou quando o tremor acalmou.

— E você a terá.

Ele caminhou até o pé da mesa e jogou as velas no chão antes de se colocar entre as pernas dela. Ele olhou para a alça do vibrador projetando-se dela.

— Como sua boceta gostou do pau? — ele perguntou.

— Eu não tenho certeza — ela murmurou.

Ele puxou o vibrador um centímetro, depois dois, antes de empurrá-lo de volta. Ela grunhiu. Abaixando-se, ele lambeu seu clitóris. Ele aplicou sua língua nela com seriedade.

— Oh Deus. O que você deseja meu senhor? Você não pode… — Envolvendo seu botão de desejo, ele chupou, gostando de seu sabor. O cheiro de sua excitação fez com que sua luxúria aumentasse. — Posso meu senhor? — ela administrou com os dentes cerrados.

Ele moveu o vibrador dentro e fora dela enquanto continuava a assaltá-la com a boca.

— Ah! Eu imploro a você. Deixe-me gozar.

Seu corpo estremeceu. Ele a soltou por tempo suficiente para dar seu consentimento. Sua resposta foi imediata. Seu corpo curvou-se para fora da mesa. Suas pernas chutaram contra as amarras, uma coxa batendo na lateral de sua cabeça. Seu grito o fez considerar que havia removido prematuramente sua mordaça. Mas foi emocionante ver, ouvir e sentir seu corpo sucumbir à euforia.

Ele a manteve no alto, no ápice, até que ela gritou para que ele parasse. Ela soluçou para respirar. Seu pênis se esticou, ansiando por acasalar-se com ela, mas não podia se comparar ao consolo que atualmente ocupava o lugar invejado. Embora houvesse outro orifício que ele gostaria de penetrar, ele não a incumbiria de mais esta noite.

Capítulo Vinte e Três

O teto estava desfocado diante de seus olhos. Mildred ficou maravilhada por seu corpo ter sobrevivido ao segundo orgasmo. Alastair havia aplicado sua boca *ali* e permitido que ela gozasse, apesar de sua disposição de não o fazer. Tudo tinha sido um teste? Ela tinha falhado? Mas isso não importava. Esta era a última noite deles juntos. Nunca. Ela fechou os olhos e bebeu do esplendor que ainda ondulava em seu corpo.

— Obrigada, meu senhor. Obrigada.

Gentilmente, ele aliviou o pau falso dela. Ela ficou aliviada por ter sumido. A coisa infernal a havia esticado de forma mais desconfortável, entretanto, quando Alastair a acariciou, sua presença ajudou em sua excitação.

— No Château Follet, existem dildos com o dobro deste tamanho — disse ele.

— Querido Deus. Tal grandeza deve dividir uma mulher em duas.

— A boceta pode acomodar muito mais do que você esperaria. Punhos inteiros...

— Punhos inteiros!

Sua mente girou. Havia muito do Château Follet para explorar. Mas ela não deveria ir lá. Ela havia prometido que não o faria.

Deixando de lado o vibrador, ele acariciou os músculos de suas pernas. Eles nunca haviam trabalhado tão duro. Agora que o desejo havia diminuído, as consequências menos agradáveis de seu tormento voltaram a várias partes de seu corpo. Depois de desamarrar as cordas de seus tornozelos, ele limpou seu corpo, removendo a cera seca e limpando sua semente dela. Quando ela se sentou em cima da mesa em seu traseiro macio, ele passou o lenço molhado sobre seus seios. Ela saboreou a maneira como ele olhou para seus seios, com o toque em seu corpo. Às vezes, ela esquecia que tinha um corpo de beleza mediana.

Ele foi servir-lhe um copo de ratafia[11], e ela percebeu que estava com muita sede. Depois que ela terminou a bebida, ele a ajudou a descer, mas suas pernas, cansadas de seus esforços anteriores, cederam sob seu peso. Ele a pegou. Sentindo seus seios roçarem contra ele, seus braços a envolveram e enviaram uma onda de calor por ela. Ele parecia sentir isso, pois seu pau se animou. Ela olhou para ele. Ela não queria que a noite acabasse.

Seus lábios esmagaram os dela, e foi como se ela já não tivesse gozado duas vezes. Sua excitação nunca se cansava em sua presença. Apesar de suas pernas trêmulas, ela tentou se apertar contra ele enquanto colocava as mãos em seu pescoço para ajudar a se manter em pé. Pegando-a nos braços, ele a carregou para um

[11] Ratafia é um termo usado para dois tipos de bebida alcoólica doce, quer um vinho fortificado ou uma bebida base de fruta.

colchão no canto. Comparado com a mesa, o colchão recheado com palha era tão macio quanto penugem.

Deitando-se sobre ela, ele voltou a beijá-la, tomando sua boca com um fervor feroz. Ela agarrou seu cabelo com uma mão e seu ombro com a outra. Seus quadris encontraram seu corpo, buscando sua ereção. Ela foi tomada pela impaciência e queria que seu corpo se fundisse ao dela. Ele se apertou contra ela enquanto sua boca devastava a dela.

— Eu deveria procurar por palavras francesas — ele proferiu contra seus lábios.

Não suportando se separar dele, ela envolveu uma perna sobre a dele e apertou seu abraço.

— Foda-me, meu senhor. Foda-me.

Foi um convite que ele não poderia recusar. Ele posicionou seu pênis em sua abertura e mergulhou. Embora ela tivesse sido esticada pelo vibrador, seu pênis não parecia menos grande. O ângulo e a forma de seu eixo provocaram muito mais prazer. Ela se empurrou para baixo sobre ele, desejando cada centímetro.

— Meu Deus, Millie — ele respirou, apalpando um de seus seios.

Gradualmente, eles chegaram a um ritmo com seus corpos. Segurando a parte inferior de uma coxa, ele levantou a perna para obter uma penetração mais profunda. A luxúria superou a dor em suas pernas, a sensibilidade de seu traseiro, e ela se empurrou para cima nele. Ele encontrou seu fervor e rolou seus quadris

dentro dela, enviando ondas de deleite que se espalharam por entre suas pernas. Ela grunhiu e balbuciou meias palavras, tentando resistir à maré de prazer que ameaçava afogá-la.

— Goze. Como desejar, meu senhor — ela conseguiu dizer, cavando os dedos em seus braços musculosos.

— Primeiro as damas — respondeu ele.

Com isso, seu corpo se despedaçou. Ele colocou a mão sobre sua boca para abafar seus gritos. Seu corpo resistiu por conta própria. Ele acelerou o passo, martelando-se nela até que sua própria libertação se tornasse eminente. Ele se afastou dela quando sua semente atingiu o colchão abaixo. Para sua consternação e ligeira apreensão, ela preferia que ele tivesse gozado dentro dela. Vários arrepios percorreram seu corpo.

— Oh meu Deus! Eu sinto muitíssimo, ela engasgou quando viu que seus dedos, e unhas, Tinham se cravado nele mais forte do que ela percebeu.

Ele olhou para os arranhões em seu braço.

— Não é nada. Uma vez, uma mulher tirou sangue com os dentes.

Ela desejou que ele permanecesse onde estava, o peso de seu corpo descansando parcialmente sobre ela, mas ele se levantou e estendeu a mão para ela. A noite deles havia chegado ao fim.

— Obrigada, Alastair. Obrigada pelas últimas três noites.

— Eu rezo para que elas tenham atendido às suas expectativas?

— Mmmmm. Excedeu as expectativas.

— Ótimo. — Ele a virou para inspecionar seu traseiro. — Você terá hematomas. Madame Follet tinha um cataplasma que aceleraria a cura. Talvez Katherine...

— Ah não! Ela não deve saber.

— Ela sabe o que houve entre nós antes.

— Sim, mas, na casa dela, eu não poderia. Ela me acharia uma glutona e, como já cometi um erro, eu ficarei bem. Posso ajudá-lo a arrumar o quarto?

— As roupas de cama sobre o colchão precisarão ser lavadas.

Ela assentiu.

— Vou cuidar disso de alguma forma.

Em silêncio, eles colocaram todos os implementos e velas em ordem. Vestidos, eles examinaram o quarto, a cena de três noites que ela nunca esqueceria.

— Alastair, não posso agradecer o suficiente.

— O prazer foi meu.

Ela esperava que ele falasse com sinceridade e não apenas por cortesia. Ela lembrou a si mesma que ele não era um homem compelido pelas obrigações desta última.

— Boa noite, Millie.

— Boa noite.

Enquanto caminhava pelo corredor em direção às escadas, uma mistura de sentimentos a assolou. Sentia-se euforia e culpada, envergonhada pelo que fizera, pelo que pedira ao primo, mas gratidão por ele ter consentido em levá-la a tão sublimes alturas carnais que todas as tentativas futuras certamente decepcionariam.

Assim, ela se perguntou sobre a sabedoria de suas ações. No entanto, se ela tivesse que fazer tudo de novo, ela não teria perguntado de forma diferente. Ela não esperava nada além de punição esta noite e ficou maravilhada quando Alastair a levou a gozar por três vezes.

E, além disso, ele concordou em reservar seu apoio ao projeto de lei Farnsworth. Era perfeitamente possível que o atraso de seu apoio fosse de duração mínima, até mesmo um dia no máximo, pois ela não havia exigido um tempo específico para seu pedido. Mas, embora Alastair muitas vezes nutrisse com desprezo as expectativas da sociedade educada, ela nunca o vira voltar atrás em sua palavra. Ele não brincava com truques, artifícios ou mesmo insinceridade.

Ele era um homem diferente do que ela conhecia antes. Não havia ninguém como ele para ela, e ela se sentia privilegiada por conhecer um lado dele que poucos outros viam.

Capítulo Vinte e Quatro

Mildred estremeceu ao se sentar diante do toucador na manhã seguinte.

— Você está bem, senhorita? — perguntou a arrumadeira.

— Sim — Mildred respondeu enquanto posicionava o traseiro para evitar os pontos mais sensíveis e não agravar a dor entre as coxas. Suas bochechas se aqueceram quando as memórias da noite anterior a inundaram. Ela observou seu reflexo no espelho e notou que suas tranças haviam se desfeito. Ela havia dormido profundamente na noite anterior, mas havia meio-círculos fracos sob seus olhos. No entanto, ela se sentiu animada por tudo o que havia acontecido. Ela se lembrou de providenciar para que as roupas de cama do colchão fossem lavadas. Alastair as havia levado para a lavanderia que aguardava os criados.

A vermelhidão de onde as cordas prendiam seus seios havia desaparecido. Na noite anterior, a vermelhidão aparecia logo acima do decote de sua camisola e, ao voltar para seus aposentos, ela passou pela porta aberta do quarto do Sr. e da Sra. Wilmington. Ela tinha ouvido um movimento e visto a luz de uma vela se aproximando, e correu para seu quarto. Quem quer que fosse, ela não achava que a tinham visto.

Quando ela estava vestida e desceu as escadas, ela descobriu que todos os outros já tinham terminado o café da manhã, exceto

os meninos de Edward. Alastair e Kittredge já estavam em suas roupas de montaria.

— Senhorita Abbott — disse Kittredge, aproximando-se dela — eu esperava ter a chance de me despedir. Gostei muito de conhecê-la e sua família. Talvez nossos caminhos se cruzem em Londres.

Ela sorriu e expressou um sentimento semelhante. Alastair não se aproximou dela e ela ficou parcialmente feliz por isso. Ela tinha protestado contra o constrangimento que poderia resultar do caso deles no Château Follet. Mas desta vez parecia diferente. Ela desejou não ter dormido tão tarde para poder ter mais de sua companhia antes que ele e Kittredge partissem.

Enquanto Alastair aceitava os votos de boa sorte de sua família, Millie sentia seu olhar sobre ela com frequência.

— Eu pretendo hospedar o jantar de Natal — disse Lady Katherine. — Você vai vir, não vai, Andre?

Ele franziu a testa.

— Claro que não vou esperar você — disse ela — mas você é bem-vindo, mesmo assim.

Todos se moveram para fora para observar os dois homens em seus cavalos. Mildred assumiu a aparência de indiferença, mas se viu lutando contra a tristeza ao observá-los partir. E quando todos voltaram para dentro, ela foi a última a segui-los.

Durante o que pareceu um café da manhã sombrio, ela tentou se livrar dos estranhos sentimentos que se instalaram sobre ela.

Disse a si mesma que poderia não ver Alastair novamente, não por algum tempo. E isso não deveria importar para ela. Ele tinha dado a ela três noites de êxtase; ela não deveria esperar mais dele. Ele provavelmente estava aliviado por ter terminado com ela.

Depois do café da manhã, ela declarou que sairia e aproveitaria o clima antes que o inverno tornasse essas saídas difíceis.

— Vou acompanhá-la para um passeio pelos jardins, Srta. Abbott.

Mildred se virou surpresa, pois foi a Sra. Wilmington quem falou. Embora ela tivesse preferido a chance de ficar sozinha com seus pensamentos e sentimentos, ela fez uma breve reverência e esperou até que a Sra. Wilmington colocasse seu casaco, gorro e luvas.

Elas caminharam em silêncio até estarem longe o suficiente da casa para não serem assediadas por ninguém. Pelo comportamento da Sra. Wilmington, Mildred suspeitou que ela não se juntou a ela para uma conversa amigável.

— Embora sua posição na sociedade seja muito diferente da nossa — começou a Sra. Wilmington — você está, no entanto, ligada ao nome d'Aubigne, que tem gerações de criação.

— É um nome ilustre — reconheceu Mildred.

— Você deve saber a importância, portanto, de agir de acordo com a posição elevada de sua família. Agora você deve aderir a padrões mais elevados.

— Devo me esforçar, senhora, e lamento muito que meu comportamento recente não tenha correspondido às expectativas.

Sra. Wilmington estreitou os olhos.

— Você tomou grande liberdade em seu discurso.

— E eu sinto muito por isso.

— Andre deveria ter colocado você em seu lugar com as palavras mais duras.

— Sim, eu gostaria que ele tivesse.

— O Andre que eu conheço não teria poupado nada, independentemente do seu sexo. Que ele não fez é curioso. Mas quando você associa isso ao dote excessivo que ele lhe concedeu, só posso concluir que você o influenciou como só uma jezabel poderia fazer.

Mildred parou no meio do caminho.

Sra. Wilmington olhou para ela diretamente.

— Eu sei o que você quer Srta. Abbott.

Mildred sentiu sua cor aumentar. Sua voz tremeu quando ela falou.

— Senhora?

— Eu quero te avisar que você só vai se arruinar se continuar como uma vagabunda. Imagine a vergonha que sua mãe e seu pai teriam. Não importaria então que seu tio tivesse se casado com nossa tia. Um d'Aubigne pode resistir ao escândalo, mas o mesmo

não pode ser dito de um Abbott. Quaisquer que sejam seus planos para meu irmão...

— Devo protestar senhora! Não tenho planos para o seu irmão.

— Não? Foi mera coincidência você ter retornado aos seus aposentos um pouco antes de Alastair? É mais do que curioso que vocês dois estivessem acordados em uma hora tão ímpia.

Atordoada, Mildred não conseguiu responder. Suas pernas tremiam sob as saias. Quando ela finalmente encontrou sua voz, ela disse: — Parece que *três* de nós estavam acordados, e talvez não seja tão curioso.

— Sua criação mostra sua impudência, Srta. Abbott. Eu sei que sofro de insônia. Podes dizer o mesmo?

— Foi uma coincidência.

— O fato de você tentar negar isso só afunda você ainda mais em minha avaliação.

Mildred desviou o olhar. O que ela deveria fazer? O que ela poderia dizer?

— Mas vou guardar o seu segredo sujo se você puder me assegurar que vai encerrar esse negócio de jezabel. Há muito que deploro a devassidão de Andre, mas com Lady Sophia, há esperança de que seus modos indulgentes finalmente cheguem ao fim.

— Senhora, posso assegurar-lhe que não precisa se preocupar. Você está enganada em suas presunções. Não há nada entre Alastair e eu.

A Sra. Wilmington levantou uma única sobrancelha.

— Presumo que você seja uma saia leve e que André, sendo o homem que é não hesita em fazer uso de tal virtude fácil. Se você não estivesse nas boas graças de Katherine, não seria diferente de uma prostituta que ele levaria para a cama antes de jogar de volta nas ruas.

A constrição em seu peito tornou difícil responder.

— Se eu fosse você — continuou a Sra. Wilmington — faria uso de seu dote enquanto você o tem, e me casaria com o primeiro homem que o oferecesse. Talvez ele nunca descubra a prostituta que você é. Andre vai sucumbir às suas obrigações. Ele tem orgulho suficiente do nome d'Aubigne para não se esquivar de seus deveres. Ele pode continuar seus flertes mesmo depois de se casar com Lady Sophia, como muitos homens costumam fazer, mas se você tem alguma ideia fantasiosa de que ele vai favorecê-la, basta observar seu padrão de comportamento. Eu poderia deixá-la cair em desgraça, é um destino que você certamente merece, mas você tem a chance de salvar a si mesma e sua família da ruína total. Se você tiver alguma decência em você, seguirá meu conselho.

Sem outra palavra, ela se virou e voltou para a casa.

Ainda em choque, Mildred ficou imóvel. Quando a Sra. Wilmington não estava mais à vista, Mildred estendeu a mão para a árvore mais próxima e caiu no chão ao lado dela. Seu peito doía,

a dor excedendo qualquer outra que sentira na noite anterior nas mãos de Alastair.

Não deveria importar o que a Sra. Wilmington pensava dela, mas ela se importava. Porque ela era irmã de Alastair e sobrinha de Lady Katherine. Mas Mildred sabia que pouco poderia fazer para ganhar as boas graças da Sra. Wilmington. Ela não tinha dúvidas de que a mulher poderia cumprir sua ameaça, embora não precisasse se preocupar. Mildred não teria querido prejudicar a família d'Aubigne de forma alguma. Ela respeitava muito Lady Katherine.

E ela amava Alastair.

Capítulo Vinte e Cinco

— Enquanto a escravidão estiver segura nas colônias, as economias não precisam entrar em colapso — explicou o Sr. Carleton à mesa de jantar. — Era mais econômico importar escravos do que incentivá-los a procriar. Os primeiros cinco anos de um escravo são inúteis e um custo oneroso para o proprietário de escravos, mas agora que o comércio de escravos foi abolido, não temos escolha. É por isso que você viu o preço do açúcar subir, Sra. Abbott.

Mildred mordeu a língua para não falar, dizendo a si mesma que isso apenas prolongaria a conversa. Ela mantinha sua atenção na perdiz em seu prato.

— E você tem certeza de que deve viajar para as Índias Ocidentais em dezembro? — Sua mãe perguntou. — Ora, você provavelmente terá que passar o Natal a bordo de um navio!

— Infelizmente, nosso gerente de plantação está gravemente doente e possivelmente morto neste momento. Eu, é claro, prefiro passar o Natal aqui na Inglaterra.

Mildred sentiu seu olhar sobre ela.

— Bem, quando você retornar, certamente teremos que recebê-lo mais uma vez para um jantar de boas-vindas adequado.

— Espero que você passe o Natal de maneira mais agradável do que eu?

— Teremos o jantar de Natal com Lady Katherine, a tia do Marquês de Alastair. Passamos o Michaelmas com ela em sua propriedade no campo.

— Eu lembro. Que bela família são os d'Aubignes. Eles têm uma história ilustre.

— Sim, e eles logo se juntarão à família igualmente exaltada, os Strathingtons, pois esperamos um noivado entre o Marquês de Alastair e Lady Sophia.

— De fato? Felicitações por uma união tão grandiosa para suas famílias.

Esta não foi a primeira vez que Mildred ouviu falar de Alastair e Lady Sophia recentemente, e ela estava determinada a não se abalar.

Desde Michaelmas, sua mãe redobrou seus esforços para obter uma oferta de casamento para Mildred, e Mildred considerou escolher um deles simplesmente para que não tivesse mais que entreter o Sr. Carleton e o Sr. Porter. O único cavalheiro cuja companhia ela recebeu bem foi a de George Winston. Se não fosse por ele, ela se pegaria pensando muito em Alastair nos meses desde Michaelmas. Ela se manteve ocupada e passou muito mais tempo com os amigos do que costumava fazer. Embora por várias semanas depois, ela não pudesse passar o dia sem pensar nele, e à noite, seu corpo ardia por seu toque, eventualmente ela poderia enfrentar a memória dele sem a dor da tristeza. Ela até recusou

dois convites de Lady Katherine, pois sua tia a faria lembrar muito dele.



— Tem certeza de que não quer ir ao clube para jogar cartas? — Kittredge perguntou enquanto ele e Alastair guiavam seus cavalos passando pelas árvores nos campos fora de Londres. — O gerente me fez provar algumas bebidas destiladas russas. Sei que não são exatamente uma bebida cavalheiresca, mas gostei de sua potência.

Alastair observou as nuvens cinzentas no céu. Provavelmente choveria e, se cavalgassem por muito mais tempo, poderiam pegar o aguaceiro, mas parte dele não se importaria. Desde que voltou de Edenmoor, ele queria estar ao ar livre com a maior frequência possível. O ar fresco do outono ajudava a acalmar seu ardor sempre que seus pensamentos se voltavam para Millie.

Ele errou ao concordar com sua proposta mais uma vez. Só que desta vez seria mais difícil livrar-se do feitiço que ela lançara sobre ele. Ele apreciou que ela não fizesse nenhum esforço para contatá-lo nas quinzenas após Michaelmas. Muitas mulheres nutriam esperanças de que ele renovaria seu relacionamento, apesar de seu conselho em contrário. Millie era prática demais para essas fantasias. Ela sabia que se ele quisesse sua companhia, ele iria procurá-la, e não esperava receber uma carta ou visita dela.

No entanto, quando seu mordomo trazia a correspondência diária, Alastair se pegava procurando uma carta de Millie. Principalmente à noite, e mesmo durante o dia, quando havia muito mais distrações disponíveis, sua mente vagava de volta para Edenmoor. Para o carmesim brilhante de sua bunda após o remo. Para o triunfo brilhando em seus olhos quando ela o fez gozar em sua boca. Para o brilho de êxtase em seu semblante depois que seu corpo sucumbiu aos cuidados dele. Não havia melhor triunfo ou realização do que fazer uma mulher gozar. Especialmente Millie. Ele frequentemente considerava o que mais poderia fazer com ela. As possibilidades eram infinitas.

— Então talvez você se junte a mim no clube amanhã à noite — ofereceu Kittredge.

— Infelizmente, devo escoltar a Duquesa e Lady Sophia para uma pantomima amanhã — Alastair respondeu.

— Ah, eu queria perguntar sobre Lady Sophia. Você tem sido visto na companhia dela com mais frequência, e meu amigo Sir Carrie me perguntou como ele deve apostar na Brooks's. Quando é que se espera um anúncio?

Alastair pensara que passar mais tempo com Lady Sophia ajudaria a aliviar as memórias de Millie, mas só se viu comparando as duas mulheres. Sem dúvida, Lady Sophia, com seus cachos dourados, cílios longos e grossos e pele de alabastro, era uma beleza que ninguém poderia competir. E ela estava perfeitamente ciente disso; assim, ela se portava com uma confiança régia que Millie nunca teria. Suas condições de vida não poderiam ser mais diferentes. A filha de um duque, Lady Sophia tinha todos os

SUBMITTING FOR Christmas

contatos que alguém poderia desejar na sociedade. Millie claramente não tinha, mas ela ainda tinha muita compaixão em seu coração.

Ele ainda estava pasmo de que, quando teve a chance de desfrutar de sua tão merecida euforia, ela preferiu pedir sua consideração em nome dos tecelões. Que mulher proporia tal absurdo? Estava claro que seu corpo precisava e desejava gozar. Seu pedido foi tangencial, embora admiravelmente altruísta. Não era o tipo de proposta que ele faria, o que explicava sua surpresa e respeito.

Percebendo que havia ficado em silêncio e que seu silêncio merecia o estudo cuidadoso de seu amigo, Alastair disse: — E você aconselhou Sir Carrie como ele deveria fazer sua aposta?

— Eu disse a Carrie que não estou a par de seus pensamentos mais íntimos. Compartilhamos vinho e cartas, mas não mulheres. Eu disse, no entanto, que você teve mais do que tempo para pedir a mão de Lady Sophia, e apesar de sua reputação, Sua Graça é responsável perante você como genro. O fato de um anúncio não ter sido feito marca alguma hesitação de sua parte, eu acho. Mas Carrie respondeu que você reluta em fazer o que os outros esperam de você, e eu tive que concordar que há muita verdade nisso. Você consideraria minha avaliação justa?

— É como diz Carrie: minhas ações não são guiadas pelo que os outros desejam ver de mim. Quando estiver pronto para pedir Lady Sophia em casamento, você pode ter certeza de que será o primeiro a saber.

Enquanto falava, ele se perguntou se algum dia estaria pronto para pedir a mão dela em casamento.

— Vou saber com antecedência suficiente para fazer uma aposta? — Kittredge perguntou.

Enquanto Kittredge falava de brincadeira, Alastair não respondeu, embora não colocasse isso acima de Kittredge para usar sua posição de amizade para obter vantagem monetária.

Eles cavalgaram em silêncio por um período antes de Kittredge dizer: — Devo ter o prazer de encontrar sua prima novamente?

Alastair enrijeceu.

— Minha prima?

— Senhorita Abbott. Ela é uma criatura bastante interessante. Ela parece tão respeitosa com gente como sua tia, suas irmãs e seus pais. Eu quase diria que ela é uma jovem tímida, mas ela fala com você com uma ousadia que poucas mulheres teriam.

Millie se dirigia a ele com muito mais facilidade do que aos outros, o que era estranho, porque ela deveria considerá-lo muito mais intimidador do que as pessoas que Kittredge havia mencionado. Alastair achava sua audácia irritante e impressionante.

— Talvez ela não tenha muita estima por você — Kittredge meditou — e é por isso que ela tem tanta coragem de se dirigir a você dessa maneira.

Alastair teria de concordar que provavelmente foi assim que tudo começou para Millie, mas esperava que ela tivesse encontrado mais motivos para valorizar seus pensamentos e opiniões, apesar de suas divergências.

— Minha tia sem dúvida incentiva sua ousadia — Alastair respondeu secamente.

— Eu posso imaginar por que sua tia pode ser parcial para ela. Ela não é muito para olhar à primeira vista e não é a mais inteligente na conversa, mas há definitivamente uma qualidade nela que obriga, quanto mais alguém a conhece.

— E qual é o seu propósito em falar da Srta. Abbott?

— Nenhum propósito. Ela simplesmente apareceu em minha mente por acaso.

Alastair deixou que esse fosse o fim do diálogo e pôs seu cavalo a galope.

Capítulo Vinte e Seis

A Sra. Abbott olhou pela janela da sala de estar e franziu a testa. Ela fungou: — É aquele tal George Winston de novo.

Mildred amarrou o chapéu no lugar e sorriu para si mesma. Foi o único nome que sua mãe pronunciou recentemente que não a fez estremecer.

— Por que ele está tão frequentemente com os Grenvilles? E eles têm Harold Wiggins com eles — a Sra. Abbott continuou. — Eu me pergunto se Wiggins tem um tostão em seu nome? Sua família está praticamente sem um tostão se você levar em conta todas as dívidas que seu pai tem. Sem dúvida, quatro mil libras significariam muito para ele.

— Sem dúvida — concordou Mildred — mas, apesar disso, ele está mais interessado em Jane. Eu poderia ter um dote de dez mil libras e ele não olharia na minha direção.

A Sra. Abbot fungou novamente.

— Bem, isso simplesmente mostra que ele também não tem bom senso! E o que dizer de Winston? O que sabemos sobre sua situação?

— Imagino que ele esteja bem situado, mas isso pouco importa. Não acho que ele seja excessivamente parcial comigo. Não quando tem as atenções da Srta. Hannah Rose.

Essa informação pareceu apaziguar um pouco a Sra. Abbott. Ela sabia que o Sr. e a Sra. Rose nunca permitiriam que sua filha favorecesse um homem sem posição.

— Mesmo assim, valeria mais a pena ficar na companhia de outras pessoas. O Sr. Carleton, por exemplo, pediu para falar com seu pai quando ele voltar. Espero que o tema da conversa seja uma *proposta.*

— Sr. Carleton cheira a tabaco e tem tendência a palitar os dentes quando acha que ninguém está olhando.

— O que importa? Ele é uma perspectiva muito melhor do que alguém como Winston.

— Não é apenas a renda que contribui para um bom marido.

— Somos de uma família com os d'Aubignes. É sua obrigação casar bem ou seu dote será desperdiçado.

A Sra. Abbott estava particularmente bem-humorada desde Michaelmas. Um convite para jantar com Lady Katherine no Natal só aumentou sua alegria.

— Tome cuidado para não encorajar Winston — aconselhou sua mãe depois que Mildred se despediu.

Embora a modéstia tivesse levado Mildred a dizer à mãe que o Sr. Winston tinha apenas um interesse superficial por ela, ela suspeitava que não era o caso. E se ele demonstrasse maior interesse, ela não achava que o desencorajaria como sua mãe queria.



— Eu vi essa pantomima ano passado — disse Jane depois que eles entraram no Theatre Royal — e achei muito divertida, especialmente o Palhaço.

— E quanto a você, Srta. Abbott? — Perguntou o Sr. Winston. — Você gosta de pantomimas?

— Sim — respondeu Mildred.

— Olhe aqui — sussurrou Jane para Mildred. — Lá está Miss Rose. Ela nos vê e não fica nada feliz em ver que o Sr. Winston está em nossa companhia. Você deveria irritá-la ainda mais flertando com o Sr. Winston.

Mildred abriu a boca para protestar, mas as palavras nunca saíram, pois ela viu Alastair do outro lado da sala. Ele tinha no braço uma mulher muito bonita, com mechas douradas emoldurando um rosto doce que incluía um nariz encantador e lábios delicados e rosados.

— Veja ali — disse o Sr. Grenville — esse é o seu primo, Srta. Abbott?

— E eu acho que a mulher é Lady Sophia, filha de um duque, acrescentou a Sra. Grenville.

— Como ela é adorável! — disse Jane.

— Eles já estão noivos? — perguntou a Sra. Grenville.

— Não sei — respondeu Millie depois de engolir com dificuldade. — Mas acho que se fala muito sobre isso.

— Que grande casamento eles devem ter! Que sorte você tem, Millie, pois certamente receberá um convite.

Alastair e a mulher estavam indo para os camarotes e não pareciam vê-la. Mildred tentou não olhar para as sacadas onde estariam sentados, mas durante toda a apresentação, sua mente viajou para onde seu olhar evitava. Ela fingiu desfrutar da pantomima muito mais do que o fazia. Em um ponto, ela engasgou de surpresa quando o Palhaço surpreendeu Arlequim de um alçapão. Ela inadvertidamente agarrou o braço de sua cadeira, apenas para pousar sua mão sobre a do Sr. Winston. Ela corou. Ele devolveu um sorriso caloroso.

— Certa vez, vi um ator, no papel de Palhaço, pular de uma plataforma acima do palco, girar no ar e cair de pé — disse Winston.

Eles falaram sobre algumas das acrobacias mais ousadas e cômicas que viram, mas Mildred admitiu que, por mais que gostasse da pantomima, ela gostava muito mais dos dramas.

— Tragédias ou comédias? — ele perguntou.

Ela considerou a resposta.

— O que você acha?

— Tragédias.

— Você me conhece bem, Sr. Winston.

— Considerando que eu tinha apenas duas opções, as chances eram muito boas para mim.

Eles compartilharam uma risada.

Durante o intervalo, o Sr. Winston e o Sr. Wiggins se ofereceram para comprar limonada e confeitos para as mulheres. Pouco depois de voltarem, Jane pediu-lhes que trouxessem algumas frutas, pois queria falar com Mildred enquanto caminhavam pelo saguão.

— Eu acho que meu pai aprovaria o Sr. Wiggins — Jane confidenciou. — Ele é um bom tipo de homem, embora não seja tão rico quanto minha família gostaria, mas eles desejam minha felicidade.

— Que sorte para você, Jane! Concordo que o Sr. Wiggins é um bom homem, e gostaria que mais pais pensassem tão liberalmente quanto seu pai — respondeu Mildred.

— O que pensa seu pai do Sr. Winston?

— Minha mãe não o considera...

— Senhorita Abbott.

Mildred sentiu o coração parar no meio de uma batida. Ela se virou para encarar o marquês. Ele curvou-se friamente para Jane antes de dizer: — Posso ter uma palavra, Srta. Abbott?

Vendo que o marquês parecia infeliz, Jane fez uma rápida reverência e saiu apressada como se estivesse fugindo para salvar sua vida. Mildred procurou Lady Sophia, mas não a viu.

— Meu senhor — disse Mildred — você está gostando de...

Ele interrompeu: — O que você está fazendo na companhia daquele homem?

Surpresa com seu tom brusco, ela perguntou: — Que homem?

— Aquele tal Winston. Eu o conheci em Oxford.

— Ele é amigo da família Grenville.

— Você deve evitar a companhia dele.

— Por quê? Ele é um cavalheiro amável e atencioso.

— Você pensou o mesmo do Visconde Devon.

— E eu ainda não tenho nenhuma evidência para pensar o contrário.

— Você tem meu conselho.

— E por que você desaconselha o Sr. Winston?

— Não me lembro dos detalhes, mas houve algum tipo de caso envolvendo ele e uma jovem de pouca posição.

— Eu não pensei que você fosse facilmente persuadido por rumores.

— Isso não era um boato.

— Parece uma acusação comum de jovens em Oxford terem namoros e, o que quer que tenha acontecido, isso foi há muitos anos.

— Eu duvido que ele tenha mudado significativamente para melhor. O que aconteceu foi uma falha séria de caráter.

— E o que foi que aconteceu?

— Ele não era do meu ano e não dei muita importância a isso, mas, por mais miserável que seja, não o considerei bem depois do que ouvi.

— Quando você se lembrar do que aconteceu ou do que ouviu, ouvirei o que você tem a dizer. Até então...

— Até então, você não vai aceitar a companhia dele.

Ela se irritou.

— Você não é meu pai.

— Sou eu quem concede o seu dote.

— Que você pode dispensar a qualquer momento.

Ela viu um músculo em sua mandíbula se contrair.

— Você costuma estar na companhia dele?

— Você é impertinente, Alastair.

— Ele deve se sentir atraído pelo seu dote se está procurando sua companhia.

Ela se irritou com o fato de ele sugerir que não valia a pena procurar sua companhia se não fosse por seu dote.

— Então ele não seria diferente de todo homem que me procura! E é sua culpa por me conceder tal dote.

Ele apertou os lábios em uma linha sombria antes de dizer: — Você me convidou a se envolver com aquele sujeito de Haversham. Vou aprovar quem você deseja se casar.

— E se eu quiser me casar com o Sr. Winston?

— Eu preferiria que você se casasse com Kittredge, e ele não é bom para nenhuma mulher.

Naquele momento, a orquestra começou, indicando que a apresentação estava para recomeçar.

— Aí está você, Srta. Abbott. — O Sr. Winston se aproximou. Ao ver Alastair, ele fez uma reverência rígida. — Lorde Alastair, você pode não se lembrar, mas estivemos juntos em Oxford.

— Eu me lembro, Sr. Winston — Alastair respondeu, seu rosto escurecendo.

Um breve e constrangedor silêncio se seguiu.

— Acho que devemos sentar-nos — disse Mildred a Winston. Ela fez uma reverência a Alastair.

Quando ela e o Sr. Winston voltaram aos seus lugares com os Grenvilles e Wiggins, ele observou: — Não acho que seu primo tenha gostado de me ver.

— Ele está zangado com todos — respondeu Mildred, sua mente meio voltada para o que Alastair havia dito.

— Talvez ele se lembre dos momentos menos encorajadores de meu tempo em Oxford. Eu era mais tolo na época, frequentava muitas tavernas e me apaixonava com muita frequência. Havia

uma jovem em particular. Ela e eu gostávamos muito um do outro, mas, infelizmente, ela não tinha ligações e minha família não aprovaria nosso casamento. Quebrou meu coração dizer a ela que não poderíamos nos casar, e considerei tudo minha culpa. Ela era mais jovem e mais ingênua. A tragédia é que ela tirou a própria vida pouco depois, e eu carregarei o peso de minhas ações para o túmulo.

Ele abaixou a cabeça.

— Lamento ouvir isso — disse Mildred, comovida com sua tristeza.

— Eu deveria ter sabido melhor e ser a parte de maior responsabilidade, mas aprendi com meus erros. Tenho muito mais cuidado para não me apaixonar agora.

— O fato de você colocar a culpa em si mesmo mostra um caráter tremendo — elogiou ela, e colocou a mão em seu braço.

Ele olhou para ela com gratidão.

— Eu não mereço seus elogios, Srta. Abbott. Não neste assunto.

Seu coração doeu por sua dor. Alastair tinha apenas assumido o pior do Sr. Winston, e, dadas as suas próprias falhas, ele não deveria atirar pedras tão facilmente em outros.

As tentativas de Alastair de interferir em sua vida de repente, quando ele não havia feito nenhuma tentativa de vê-la depois de Michaelmas, irritou-a por motivos que ela não sabia por quê. Ela certamente não gostou de sua maneira autoritária em proibir que

ela continuasse conhecendo o Sr. Winston. Embora ela tivesse interpretado uma submissa a Alastair no Château Follet e Edenmoor, ela *não* era sua submissa constante para receber ordens.

No final da apresentação, já que ele estava com Lady Sophia, Millie foi, para seu alívio, poupada de ter que falar com o marquês novamente. Enquanto seu grupo estava do lado de fora esperando a carruagem, Mildred e o Sr. Winston por acaso se afastaram um pouco de Wiggins, Jane e seus pais.

— Sr. Winston — Srta. Abbott cumprimentou Hannah Rose, que se aventurou a alguns passos de sua família para cumprimentá-los. — Senhorita Abbott, raramente a vejo no teatro. O que o traz aqui esta noite?

— Os Grenvilles tornaram uma tradição ver a pantomima no Natal todos os anos — respondeu Mildred. — Eu sou uma convidada deles.

Miss Rose não demonstrou interesse em sua resposta e já havia começado a se dirigir ao Sr. Winston.

— Você gostou da pantomima?

— Sim — respondeu o Sr. Winston educadamente.

— A vista dos camarotes é muito melhor. Minha família tem uma assinatura anual. Talvez eu possa persuadir meu pai a lhe fazer um convite.

O Sr. Winston não respondeu. Miss Rose foi chamada por sua família, pois a carruagem havia chegado.

— Serei ingrato se me sentir aliviado por sua família não ter feito tal convite? — O Sr. Winston perguntou baixinho.

— Pode haver homens que o chamariam assim, pois as atenções de Miss Rose são bastante cobiçadas — disse Mildred.

— Suponho, mas procuro mais em uma mulher do que riqueza ou beleza. Minha família gostaria que eu não fosse tão exigente. Eles estão muito ansiosos para que eu me case.

— Assim como os meus — Mildred suspirou.

— Acho que não posso mais suportá-los. Às vezes, fico tentado a simplesmente me casar com a primeira mulher que encontrar, mas não posso me contentar com uma mulher para não ter consideração por ela. Ela deve ser fácil de conversar, como você, e de disposição fácil.

Mildred foi atingida por uma inspiração.

— Ouso dizer, e você pode achar isso presunçoso, até mesmo ridículo, e não vou me ofender se você pensar exatamente assim. Mas, como você e eu estamos em situações semelhantes, talvez possamos encontrar uma solução que elimine as pressões que ambos enfrentamos.

Seu semblante iluminou-se.

— Estou intrigado, Srta. Abbott.

— Como parecemos achar a companhia um do outro prazerosa, não temos escassez de tópicos para conversar, compartilhamos sensibilidades semelhantes, talvez não fosse uma ideia tão rebuscada se nos casássemos.

— Você realmente acha isso, Srta. Abbott? — ele resmungou.

— Eu acho.

— E eu acho que devemos lidar um com o outro de maneira maravilhosa! Devo cair de joelhos aqui?

— Ah não! Isso não funcionaria. Você deveria falar com meu pai primeiro.

— Ele dará o seu consentimento?

— Ele poderia, se ele não estivesse demasiado persuadido por minha mãe. Ela deseja que eu me case com um homem de grande renda.

— Como ela deveria. Ela quer segurança para sua filha. Mas farei com que minha família escreva para ela explicando que sou mais do que capaz de fornecer tudo que você precisa e muito mais.

Mildred se sentia tonta. Ela não esperava encontrar um homem tão bonito e charmoso como o Sr. Winston, que também pudesse ser parcial para ela. Alastair, se ele mantivesse sua opinião sobre o Sr. Winston, não aprovaria o casamento, mas o pior que poderia fazer era revogar o dote dela, que ela nunca havia desejado verdadeiramente dele em primeiro lugar.

— Passarei por lá para falar com seu pai na quinta-feira, certo?

— Sim Sim.

Jane os chamou então. Enquanto voltavam na carruagem para casa, o Sr. Winston sentou-se em frente a Mildred. Eles

trocaram vários sorrisos. A carruagem parou primeiro na casa de Mildred, e o Sr. Winston insistiu em acompanhá-la até a porta.

— Até quinta-feira — disse ele, beijando a mão dela enquanto um servo abria a porta.

— Sim, quinta-feira — disse Mildred, um pouco sem fôlego. — Boa noite, Sr. Winston.

— Como foi a pantomima? — O Sr. Abbott perguntou quando a carruagem de Grenville partiu.

— Divertida.

— Isso é tudo?

— Os trajes eram brilhantemente coloridos, e a atriz que interpretava a Colombina era muito talentosa em seu papel.

Ela falava com calma, mas por dentro dificilmente estava serena. Alastair pode não aprovar o Sr. Winston, mas o Sr. Winston era sua melhor chance de felicidade matrimonial. O Sr. Winston poderia ter cortejado a disposta Srta. Rose, mas ele sempre escolheu uma companhia diferente, e Mildred acreditava que o homem tinha um interesse genuíno para ela. Ela mal podia esperar pela quinta-feira.

Capítulo Vinte e Sete

— Eu conhecia George Winston durante nosso tempo em Oxford — disse o cavalheiro, Henry Stanton. Ele e Alastair estavam à mesa de bilhar em um dos clubes de cavalheiros da Strand. — Mas não tenho contato com ele desde então.

— Se você não acha isso muito curioso, gostaria de ouvir tudo o que você sabe sobre ele — disse Alastair.

Stanton apontou seu taco para uma das bolas de bilhar.

— Eu o considerava um bom amigo na época, mas nos separamos depois de um caso infeliz.

— Eu me lembro de um assunto com uma jovem, Srta. Jones. Eu diria que ele levou sua virgindade, mas acho que seu envolvimento foi muito pior.

— Sim. A cena era incrível, pois ela viera ao campus em busca dele e, encontrando-o em um dos gramados, passou a falar com ele diante de um grande número de pessoas. Ela não era uma pessoa importante, mas muito bonita. George tinha se deitado com ela algumas vezes, e isso a levou a ficar grávida. Ela veio implorar por sua ajuda, pois sua família a tinha expulsado.

Alastair observou a bola bater em um pino.

— Tinha certeza de que a criança era dele?

— A moça era virgem. George reclamou da abundante quantidade de sangue que ela derramou quando ele tomou sua virgindade. Ela se imaginava apaixonada por ele e ele por ela. Duvido que ela tenha se deitado com outro.

— Eu entendo que Winston a recebeu com bastante frieza.

Stanton acenou com a cabeça e se afastou quando Alastair teve sua vez.

— Ele era, na minha humilde opinião, surpreendentemente insensível. Ele respondeu que ela estava enganada. E como ela ousava contestar o caráter dele. Parecia que ele não conseguia se livrar da presença dela rápido o suficiente. Ele falava com tanto azedume, e a pobrezinha parecia tão arrasada que eu teria intervindo se não fosse leal a George na época. Eu a abordei depois e ofereci todo o dinheiro que tinha comigo. Implorei a George que tivesse pena da criatura. Ele não precisava se casar com ela, mas talvez pudesse fornecer algum financiamento para ela. Ele não faria isso e alegou que ela o havia enganado. Sua miséria não evocou nenhuma simpatia por parte dele. Poucos dias depois, ela saltou da beira de um penhasco para a morte.

— Ele mostrou algum remorso pelo que aconteceu?—

— Não posso dizer com certeza. Depois que expressei meu desapontamento com suas ações, ele não desejava mais minha companhia. Lamento não ter advertido a jovem contra George. Ele sempre falou em se casar com uma herdeira, e eu sabia que seu namoro com a jovem não era nada mais do que uma brincadeira para ele.

— Espero que ele seja um homem mudado e que os anos tenham proporcionado a ele mais sabedoria e caridade.

— O que ouvi me dá pouca esperança. Um conhecido comum havia mencionado suas tentativas de cortejar a filha de um nababo, mas o pai o considerou indigno, pois ele não tinha renda e vivia de uma herança de seu tio. George então tentou seduzir a menina para uma situação comprometedora, forçando a mão do pai, mas quando a família soube disso, eles a mandaram para um convento. George é encantador, com certeza, e uma companhia amável para ambos os sexos. Mas, ao examinar nosso tempo juntos, sempre houve evidências de um egoísmo que eu não consegui ver. Mesmo que ele tenha melhorado nos anos desde que eu soube, se eu tivesse uma filha, não a permitiria a vários metros dele.

Quando terminaram a rodada de bilhar, Alastair agradeceu ao homem pelo jogo e por seu tempo. Ele deixou o clube e mandou seu cocheiro para Cheapside, onde os Abbotts moravam. Se eles não estivessem em casa, ele esperaria por eles. O que ele observara entre Millie e Winston na noite anterior no teatro não era um bom presságio. E mais uma vez ela pareceu desdenhar de suas advertências.

Alastair encontrou os Abbotts em casa, e a mais surpresa e perturbada Sra. Abbott foi a primeira a cumprimentá-lo. Ela disse que o Sr. Abbott desceria em breve, já que estava acordando de sua soneca. Quando Mildred apareceu, tão surpresa quanto a mãe ao vê-lo, a Sra. Abbott gritou com a filha para que trouxesse chá o mais rápido que pudesse.

— Por favor, sente-se, senhoria — disse a Sra. Abbott. — Ah não! Este sofá é muito mais confortável. Eu pretendo descartar aquele ali e substituí-lo.

Mildred lançou-lhe um olhar curioso ao voltar com o chá.

— Oh, certamente temos biscoitos melhores do que estes! — A Sra. Abbott exclamou.

— Infelizmente não temos — respondeu Mildred.

A Sra. Abbott corou.

— Bem, devemos nos certificar de adicionar biscoitos à nossa lista. Talvez tenhamos algumas frutas que possamos oferecer a sua senhoria?

— Eu não preciso de refrescos. O chá é suficiente — disse ele.

O Sr. Abbott apareceu quando Mildred terminou de servir o chá. Quando ela entregou a Alastair sua xícara, seus dedos se roçaram. Um rubor pareceu subir em suas bochechas e ela rapidamente recuou.

— Vossa senhoria — saudou o Sr. Abbott — você é muito bem-vindo em nossa casa, sempre, mas há algo em que eu possa ajudá-lo?

Alastair olhou para Mildred enquanto ela se ocupava em adicionar açúcar e leite ao chá. O açúcar o surpreendeu, pois ele havia notado em Edenmoor, ela não tomava açúcar, possivelmente em protesto contra a escravidão usada para fornecê-lo.

— De fato, sua presença nos honra — acrescentou a Sra. Abbott. — Você estava na vizinhança, então?

Mildred olhou para a mãe como se dissesse que nenhum negócio levaria o marquês a Cheapside.

— Perdoe minha aparição inesperada — disse Alastair — mas pensei em perguntar se o dote que estou legando a sua filha será necessário este ano?

— Oh, esperávamos que sim! — A Sra. Abbott respondeu. — Mas o Sr. Carleton pode não retornar até a primavera do próximo ano.

Alastair notou que Mildred teve sucesso apenas pela metade em suprimir uma careta.

— Sr. Carleton?

— Ele é um cavalheiro que se dedica muito ao comércio nas Índias Ocidentais e, infelizmente, foi obrigado a supervisionar alguns problemas. — Ela olhou para o marido. — Mas esperamos que uma proposta chegue quando ele voltar.

Mildred não parecia compartilhar da empolgação da mãe.

— Terei de investigar este Sr. Carleton — disse ele. — Como fornecedor do dote da Srta. Abbott, é do meu interesse ver os fundos concedidos a um homem digno.

— Sim, claro, e não podemos agradecer o suficiente por sua generosidade. Na verdade, é além de generoso. Devo dizer que foi um santo...

Mildred tossiu e até o Sr. Abbott, ciente de que Alastair achava a verbosidade cansativa, tentou fazer um gesto para que sua esposa parasse.

— Eu arriscaria, no entanto, que a Srta. Abbott tem muitos pretendentes? — Alastair perguntou.

Mildred encontrou seu olhar.

— É o Sr. Winston que o preocupa?

Ele apreciou sua franqueza.

— Ele me preocupa senhorita Abbott. O Sr. Winston tem um passado suspeito e acho sensato manter distância dele.

— Eu sabia! — A Sra. Abbott exclamou. — Eu sabia que ele não era digno de Millie.

— Ele é amigo dos Grenvilles, mamãe, e não acho que eles se associariam a alguém de caráter questionável.

— Ele está hospedado com o Sr. Harris, que é amigo dos Grenvilles. Isso é diferente.

Mildred se voltou para Alastair.

— O que você tem para apoiar o seu julgamento?

— Existem detalhes suficientes para justificar minha desaprovação. A morte de uma jovem pode ser colocada em sua consciência.

A Sra. Abbott engasgou.

— Já sei disso — declarou Mildred.

Alastair olhou para ela sem acreditar enquanto a Sra. Abbott soltou outro suspiro.

— E você não está preocupada com isso? — ele perguntou.

— Ele admitiu total responsabilidade para mim, e talvez se você tivesse concedido a ele a oportunidade de falar o seu lado do assunto...

— Isso não alteraria minha opinião sobre ele.

— Mas você tem certeza de que não forma suas opiniões muito rapidamente?

— Millie! — A Sra. Abbott exclamou. — Duvido que sua senhoria fale mal de alguém em que não tenha razão. Tenho certeza de que você é um grande juiz de caráter, meu senhor.

— Senhorita Abbott, sobre o assunto do Sr. Winston, não vou apoiar nenhum pedido dele.

— E se ele convencesse você de que pode ser um bom marido?

— Como ele faria isso?

Ela franziu a testa.

— Ele poderia ter se casado com qualquer mulher elegível de famílias abastadas.

— Talvez, mas você tem certeza de que elas o aceitariam?

— Millie, por que estamos discutindo sobre o Sr. Winston? — A Sra. Abbott perguntou. — Sua senhoria deu a conhecer sua opinião.

— A opinião dele pode estar errada — respondeu Mildred. — Talvez se ele tivesse tempo para se familiarizar melhor com o Sr. Winston...

— Você pode economizar seu fôlego, Srta. Abbott. Não desejo me familiarizar melhor com o Sr. Winston.

— Mas então como ele vai se provar para você?

— Essa não é uma de minhas preocupações. Mas existe uma maneira de provar suas intenções. Vamos retirar o dote e ver se seus interesses permanecem verdadeiros.

Mildred endireitou-se de indignação.

— Tenho certeza que sim! Apesar do que você possa pensar dele, a avareza não é uma característica predominante.

Sua pronta defesa de Winston o irritou, e ele não respondeu.

— Essa é a sabedoria de Salomão — elogiou a Sra. Abbott.

— Sr. Carleton começou a se interessar apenas depois que meu dote foi mencionado — disse Millie, — mas você não o condena.

— Vou investigar o caráter do Sr. Carleton — disse Alastair — mas o Sr. Winston não terá um centavo do seu dote.

— Não vai importar para ele!

Alastair apertou ainda mais a xícara de chá. Isso era uma loucura. Por que ela era tão obstinada em sua defesa do homem, especialmente se conhecia seu passado?

— Você se casaria sem um dote?

— Eu casaria.

A Sra. Abbott parecia horrorizada.

— Millie! Pare com esse absurdo! Sr. Abbott, você ouviu sua senhoria. Você não aprovará uma proposta do Sr. Winston.

— Não, claro que não — respondeu o Sr. Abbott. — Tenho a maior consideração por Lorde Alastair. E como ele é o benfeitor, sua opinião prevalece.

Alastair voltou a olhar para Mildred. Ele viu uma expressão teimosa em sua mandíbula, mas ela não fez mais objeções. Tendo se tornado claro, ele indicou que iria se despedir. A Sra. Abbott tentou persuadi-lo a ficar, até que o Sr. Abbott disse a ela que certamente sua senhoria tinha assuntos mais importantes do que passar o tempo com eles, ao que a Sra. Abbott então concordou de coração e disse que eles não o deteriam mais.

Mildred despediu-se dele com uma reverência silenciosa, mas ele percebeu que a carranca em seu semblante não a abandonou. Enquanto a carruagem o levava de volta para Mayfair, Alastair considerou se deveria ter divulgado mais detalhes sobre o passado de Winston. Ele não deveria ter feito isso. Os pais de Millie não fizeram objeções. Mas Millie permaneceu firme em suas próprias opiniões sobre Winston. Talvez a razão de ela estar cega para os possíveis defeitos do homem era porque ela se apaixonou por ele. O pensamento fez Alastair cerrar os dentes.

Suas reações o preocuparam muito. Mais precisava ser feito para resolver a situação.

Capítulo Vinte e Oito

— Isto é muito infeliz — declarou a Sra. Abbott. — O que sua senhoria vai pensar?

— Millie parece pálida — disse Abbott. — Venha, é melhor partirmos logo ou vamos nos atrasar.

— Dê meus cumprimentos e, claro, minhas desculpas a Lady Katherine — disse Mildred com voz fraca, de sua cama.

— Como é que você foi ficar doente no Natal! — A Sra. Abbott lamentou pela quarta vez, mas, com muitos suspiros, ela seguiu o marido.

Quando Mildred ouviu o barulho da carruagem se afastando, ela saltou da cama e se vestiu com roupas de viagem melhores. Ela puxou a valise que havia embalado antes. Era pequena e só cabia algumas de suas roupas, mas uma maior seria muito pesada. Ela tinha algumas horas para se dirigir à estalagem designada fora de Londres. De lá, ela e o Sr. Winston seguiriam para Gretna Green.

— Fugir? — O Sr. Winston ecoou com grande surpresa quando ela o interceptou a alguns quarteirões da casa de Abbott naquele dia. — Não devo pedir a seu pai sua mão em casamento?

— É a única maneira — ela explicou. — O pai não dará o seu consentimento. Não depois que Alastair ameaçou retirar o dote.

— Retirar o dote? Você tem certeza?

— Ele veio tomar chá ontem e falou com muita convicção. Ele afirma que ouviu reclamações sobre você em seu tempo em Oxford, mas quando eu o pressionei para obter detalhes, ele não forneceu nenhum e admitiu que não o conhece diretamente.

— É doloroso ouvir isso — disse Winston, parecendo perdido em pensamentos. — Admito que dificilmente fui perfeito na minha juventude, mas o que ele ouviu deve ter sido muito sério para ele fazer tal declaração.

— Bem, não importa. Afirmei que você não era do tipo que se casa por dinheiro. Alastair merece uma repreensão adequada, mas é inútil, ele dá pouca atenção a alguém.

— Deve haver alguma maneira de convencê-lo de que tenho apenas boas intenções para com você.

— Ele acredita que retirar o dote é a única maneira de provar que você realmente se importa comigo.

Perturbado, ele franziu a testa.

— Mas fugir não vai melhorar as coisas. É melhor tentarmos argumentar com seu primo.

— Na verdade, eu não tenho nenhum desejo. Eu tinha pedido a ele para retirar o dote há muito tempo. Não desejo o dinheiro dele. Isso apenas dá a ele a oportunidade de interferir em meus negócios. Você diz que tem renda suficiente para uma vida modesta e eu não desejo mais. Estou bastante acostumada e contente com uma vida humilde, e fazer economia não me assusta.

— Millie, fugir não é pouca coisa e vai perturbar muito sua família.

— O tipo de homem com quem eles desejam que eu me case certamente me deixaria infeliz. Eu não poderia fazer. É minha esperança que, com o tempo, minha mãe e meu pai me amem o suficiente para me perdoar.

George continuou a apresentar outros argumentos contra a fuga, mas ela estava determinada e acabou vencendo-o. Ela apreciou que ele se preocupasse com seu bem-estar e sua honra, mas quanto mais cedo ela iniciasse seu novo caminho na vida, melhor.

— Poderíamos nos casar em um dia no Hyde Park Corner... — sugeriu ela.

— Não, não, se quisermos fugir, devemos, talvez, bem, vamos fazer disso uma grande aventura e ir para Gretna Green.

— Gretna Green? Isso é necessário?

— Devemos ir aonde não possamos ser encontrados até depois de nos casarmos.

Mildred assentiu.

— Muito bem. Eu não preciso de muita bagagem.

— E devemos nos encontrar fora de Londres para não sermos vistos por ninguém que conheçamos. Há uma pousada na estrada para a Escócia, a Boar's Head.

Eles concordaram em se encontrar no Natal, quando sua família estaria com Lady Katherine e não notaria sua ausência por muitas horas. Naquela noite, ao jantar, Mildred mal conseguiu comer enquanto considerava o quanto sentiria falta da mãe e do pai e quais seriam as reações deles quando descobrissem o que ela havia feito. Ela confiava que seu pai não a renegaria, mas poderia demorar algum tempo antes que ela fosse admitida em sua casa.

Lady Katherine também ficaria magoada por não ter recebido a confiança de Mildred, mas Mildred temia o desânimo de sua senhoria. Embora Lady Katherine pudesse formar uma opinião favorável sobre o Sr. Winston, e Mildred suspeitava que sim, sua senhoria sem dúvida pediria paciência, talvez até oferecendo-se para falar com Alastair.

Mas Mildred queria acabar com os sentimentos atormentadores que se apoderavam dela sempre que pensava no primo. Na verdade, ela havia se apaixonado por ele no Château Follet. Ela não queria reconhecer isso, e o tempo que passaram em Edenmoor apenas aprofundou seus sentimentos por ele.

Mildred teve um sono agitado naquela noite. A manhã de Natal não poderia chegar logo.



— É dia de Natal, meu senhor... — disse a governanta de Alastair.

— Comida e dinheiro, então — Alastair respondeu à sua pergunta sobre o que deveria ser dado aos criados antes de dispensá-la. Ele permaneceu sentado atrás de sua escrivaninha, mas manteve a visão do cavalheiro que estava sentado em frente no sofá. — Você a ama?

— Tenho um grande carinho pela Srta. Abbott — Winston respondeu após uma pausa.

Alastair olhou para o homem como se pudesse ver além da fachada e dentro de seu coração.

— Eu me importo muito com ela e me esforçarei para fazê-la feliz com o melhor de meus esforços — acrescentou Winston. — Isso parece suficiente para se qualificar para o amor.

Alastair sentiu seu corpo se retesar. Sua próxima pergunta era a mais difícil.

— E ela te ama?

Winston foi mais rápido em responder a esta.

— Sim, e estou grato e honrado em receber seu carinho.

Se a pena que ele segurava fosse feita de um material mais resistente, teria se quebrado sob as mãos de Alastair.

— Um homem com seus encantos poderia ter uma mulher de qualidades superiores.

— Você me lisonjeia, milorde, mas estou mais do que contente com a senhorita Abbott. Ela é uma criatura inteligente e sua companhia é bastante agradável.

— Ela é de uma beleza mediana, sua figura é imperfeita.

— Não creio que seja esse o caso, meu senhor. Ela pode não ter o mais adorável dos semblantes e sua forma talvez não seja tão delgada, mas eu não diria que ela não é bonita.

— A família dela é de posição inferior.

— Minha família não é tão superior a ponto de eu criticar sua origem. Ela tem a sorte, no entanto, de estar ligada à sua família.

— Os benefícios não são tão grandes quanto podem parecer. Eu errei em minha generosidade com ela e, portanto, reconsiderei o dote que deveria fornecer a ela.

— Posso perguntar o que motivou esta decisão?

— Chegou ao meu conhecimento que o dote dela atraiu pretendentes desagradáveis. Se o dote for retirado, então podemos estar certos de que o homem que ainda deseja se casar com ela é sincero em seus afetos.

— E a felicidade dela?

Um músculo ondulou ao longo da mandíbula de Alastair. De todos os homens, por que ela escolheu Winston?

— Estou disposto a cuidar dela tão bem quanto qualquer homem pode cuidar de sua esposa. E se ela fosse feliz comigo, não consigo ver o mal nisso.

— Então você se casaria com ela sem um dote?

Winston não disse nada e não o olhou nos olhos.

— Não acho sensato que nos casemos nesse caso.

— Sem um dote, ela não mantém mais seu interesse. Acho que vejo a extensão de suas afeições, senhor.

Winston ergueu os olhos para ele.

— Você puniria um membro de sua própria família de uma maneira tão dura?

— Ela é prima apenas por casamento, e casar com você, senhor, seria o maior castigo.

Winston respirou fundo.

— A felicidade dela significa tão pouco para você?

— Tem certeza de que ela ficará feliz com você?

— Ela me ama.

— Você tem certeza disso?

— Ela não se importa com o seu dote. Ela me terá sem ele. Na verdade, planejamos fugir. Hoje, na verdade.

Alastair se levantou de um salto. — Fugir? No Natal? Acho difícil acreditar que a Srta. Abbott desrespeitaria sua família dessa maneira.

— Talvez você subestime o afeto dela por mim.

Alastair teve vontade de torcer o pescoço do homem.

— Foi ideia dela. Eu tentei dissuadi-la disso. Eu pensei que seria mais razoável tentar persuadi-lo das virtudes de nosso casamento, mas ela foi inflexível.

— E você pretende levar essa fuga até o fim?

Winston se endireitou.

— Eu ainda posso convencê-la a abandonar sua sugestão impulsiva.

Alastair estreitou os olhos.

— Você não tem desejo de se casar com a Srta. Abbott sem o dote dela.

Winston ergueu o queixo.

— Talvez eu fuja com ela.

— Acho que não, pois se é o dinheiro que você busca, farei com que valha a pena ficar longe dela: uma anuidade de cem libras por ano. Case-se com ela e você não terá nada.

— Essa é uma soma irrisória, especialmente para um homem com seus meios.

— É mais do que você vale, mas case-se com Millie e você não receberá nada. Ou você prefere que eu use todos os meus recursos contra você? Se eu quiser, posso ver você saindo de todas as portas da sociedade educada.

O lábio inferior de Winston estremeceu.

— Aceito sua proposta, Lorde Alastair, e vou deixar a felicidade da Srta. Abbott cair sobre *sua* consciência.

Alastair puxou o bilhete que havia preparado e o colocou nas mãos de Winston.

— Esta é a sua primeira parcela. Você pode se comunicar com meu advogado a partir de agora. Agora saia antes que eu o expulse.

Winston não precisava ouvir duas vezes e saiu com toda a dignidade que um homem de seu caráter poderia suportar.

Alastair cerrou os punhos, lamentando não ter recebido uma provocação para bater na cara do homem. Ele foi se sentar à mesa, mas estava inquieto demais para permanecer sentado.

Maldição.

Embora estivesse feliz por ter livrado Millie de Winston, ele duvidava que ela ficaria satisfeita com sua intrusão. Ela não entenderia que ele agiu em seu benefício.

Seu compromisso com Winston ainda o surpreendia. Mildred não era o tipo de jovem tola que se apaixonava por um rosto bonito e modos charmosos. Restava apenas uma explicação para ela desconsiderar o que ele fizera em seu tempo em Oxford: ela estava profundamente apaixonada por aquele homem.

Seu peito apertou com o pensamento, e ele sentiu uma pontada de dor na virilha. Winston era o último homem com quem veria Millie. Embora duvidasse que o Sr. Carleton fosse mais digno, se tivesse merecido seu desprezo. Ele não conseguia pensar em nenhum homem com quem se contentaria em vê-la se casar, mas, por ela, faria um esforço para ver as melhores qualidades em seus outros pretendentes. Ele não queria vê-la infeliz. Se ela soubesse a sinceridade de suas intenções, ela poderia ser mais capaz de perdoá-lo.

Ele tocou pedindo seu chapéu e luvas. Os Abbotts estariam com Katherine no jantar de Natal.

Capítulo Vinte e Nove

Katherine havia decorado sua casa com azevinho, alecrim e hera. Ao notar a vegetação, Alastair se perguntou por que Katherine havia optado por celebrar o Natal com mais alarde este ano, em vez de limitar o feriado aos atos habituais de caridade.

— Que surpresa agradável — observou Katherine. — Tenho esperanças de que talvez você queira emendar suas frageis relações com sua família.

— Esses esforços são melhor auxiliados pela minha ausência do que pela minha presença — respondeu ele.

Ele cumprimentou os familiares já presentes: Edward, sua esposa e filhos; Harriet, seu marido e bebê recém-nascido; suas irmãs e seus maridos.

Quando ele foi até os Abbotts, perguntou:

— Onde está a Srta. Abbott?

— Infelizmente, ela adoeceu depois do serviço religioso de Natal — respondeu a Sra. Abbott.

A culpa se torceu em seu peito. Ela ficara doente com o coração partido depois de saber que não se casaria com o Sr. Winston?

— Ela parecia fraca durante o serviço religioso — Sr. Abbott disse para sua esposa. — Espero que não seja nada sério.

Alastair franziu a testa.

— Quando seu serviço foi concluído?

— Eu diria onze horas.

— E ela já estava doente?

— Ela andava devagar e colocava a mão frequentemente na testa.

— Ela teria feito todo o esforço para vir — disse a Sra. Abbott — se não estivesse se sentindo tão mal.

Alastair lembrou que se encontrou com o Sr. Winston por volta da uma hora. Sua doença, então, não foi devido às notícias que o Sr. Winston tinha de dar a ela.

Isso não serviu de consolo para Alastair, pois algo parecia errado. Millie e Winston planejaram fugir hoje. Winston ainda pretendia fazer isso, apesar da oferta que ele havia aceitado?

Alastair puxou sua tia de lado.

— Você teve notícias de Millie?

— Não há algum tempo, embora eu a tenha convidado para o chá várias vezes.

— Ela não escreveu para você? Ou falou de um homem chamado George Winston?

— Não ouvi nada dela. Na verdade, estou bastante surpresa que não, mas entendo pela mãe que ela tem estado ocupada

entretendo vários pretendentes. Quem é esse cavalheiro de quem você fala?

— Um homem que não é digno de ser chamado de cavalheiro. — Uma sensação de urgência o assombrava. — Eles planejaram fugir hoje.

Katherine piscou surpresa.

— Fugir? Millie? Isso não é típico dela. E não ter dito uma palavra para mim. Estou surpresa.

— E você? Mas não ficou surpresa que ela fosse ao Château Debauchery com você?

— Isso é diferente. Uma fuga irá alterar a vida dela. Como você sabe sobre esse sujeito Winston e sua fuga?

— Porque eu tinha proibido expressamente que ela continuasse a recebê-lo e ameacei revogar o dote se eles se casassem.

— Você disse isso a ela?

— E para os pais dela. Winston é um sujeito perigoso.

Katherine franziu a testa.

— De que maneira?

— Na mais severa das maneiras.

— Millie não está ciente disso?

— Ela não está, mas o teria assim mesmo. — Seu corpo inteiro ficou tenso. — Ela deve estar muito apaixonada por ele.

Sua tia o encarou intensamente.

— E isso aborrece você?

— Que ela ignoraria meu conselho e fugiria com um homem que certamente causaria sua ruína ou tristeza? Que ela deixaria de apreciar minha generosidade em prover seu dote fugindo com Winston?

— E é isso que te incomoda?

— O que você quer dizer, senhora?

— Você acha que eu não sei o que aconteceu durante Michaelmas?

Ele começou. Ele não conseguia acreditar até que ela sorriu.

— Eu esperava falar com Millie sobre o que aconteceu. Ela parecia desanimada depois que você deixou Edenmoor. Pensei que talvez ela tivesse se apaixonado por você.

— Millie? Por mim?

— E você por ela.

Ele se endireitou.

— Senhora, você é uma romântica.

— Você nega isso?

— Mesmo que seja verdade, não tem importância. Millie está apaixonada por Winston e temo que eles possam realizar esta fuga.

— Se ele é tão ruim quanto você diz, você deve detê-los.

Ele assentiu.

— Mas não fale sobre isso com o Sr. e a Sra. Abbott. Não quero alarmá-los desnecessariamente. Vou me despedir sem dizer adeus aos outros.

— Claro. Boa sorte, Alastair.

Ele não conseguiu receber seu casaco, chapéu e luvas rápido o suficiente. Quando sua carruagem parou diante da residência Abbott, ele saiu do veículo antes que parasse completamente.

— Onde está a Srta. Abbott? — perguntou ele à empregada que atendeu a porta.

— Em seu quarto, descansando — respondeu a mulher surpresa.

Ele passou rapidamente pela serva.

— Vou vê-la, em seu quarto, se ela estiver muito doente para sair.

— Devo levar seu chapéu e luvas, senhor?

— Não, mas, por favor, informe a ela que o primo dela está aqui.

A empregada acenou com a cabeça e subiu. Ele caminhou pelo vestíbulo enquanto esperava. Se Millie estivesse dormindo, ele esperaria até que ela acordasse.

Mas o que ele temia era verdade.

— Ela não está no quarto — disse a empregada ao voltar.

O alarme se apoderou dele.

— Onde estão os outros servos? Eles a viram?

— Eu sou a única. Tem uma lavanderia que vem uma vez por semana, mas como é Natal, ela vem amanhã.

Querendo confirmar por si mesmo, ele subiu as escadas três degraus de cada vez e entrou na sala com a porta aberta.

Estava vazio. Ela havia partido. Com Winston.

Alastair estava pasmo. Winston o havia feito de idiota e apenas fingiu aceitar a oferta da anuidade? Ele havia subestimado a parcialidade que o homem pode ter por Millie? Ou talvez Millie o tivesse convencido de que o melhor caminho ainda estava na fuga. Millie era surpreendentemente persuasiva. Ele não deveria tê-*la* subestimado.

— Você procurou no resto da casa? — ele perguntou à empregada quando ela veio por trás dele.

— Eu não procurei. Eu devo? Não entendo. Miss Abbott estava muito doente para sair da cama.

— Onde ela guarda o casaco?

— O casaco dela, senhor?

Alastair abriu as portas de um armário.

— Oh! — A empregada engasgou de surpresa. — Não está aí.

— Todos os seus gorros e sapatos são contabilizados?

A criada examinou o resto do conteúdo do armário. — — Que estranho! Talvez a lavanderia tenha chegado no início desta semana?

Alastair não precisava de mais evidências. Millie se foi.

À medida que a descrença desaparecia, uma sensação de perda tomava seu lugar. Se ela conseguisse se casar com Winston, ela iria atrás *dele.*

Era o que ele queria, Alastair lembrou a si mesmo. Ele havia dobrado seu dote para que ela pudesse facilmente encontrar um marido e ele estaria feito com ela, mas ela estava certa. Seu dote havia atraído muitos pretendentes, inclusive indesejáveis.

Ele não podia deixá-la se casar com Winston. Se ele a encontrasse antes de se casarem, ele jurou que faria de encontrar o melhor homem que pudesse para Millie sua maior prioridade. Ou ele poderia...

Um objeto no chão chamou sua atenção. A criada não percebeu o bilhete que talvez tivesse caído da cama. Abaixando-se, ele pegou a nota e a desdobrou.

Meus queridos pais,

Por favor, saibam, antes de mais nada, que tenho muito respeito e amor por vocês. Minhas ações atuais podem parecer contradizer essa afirmação, e talvez seja meu egoísmo, e não uma falta de estima ou amor por vocês, que ganha o dia. Eu gostaria de ser uma filha melhor. Eu gostaria de poder me imaginar casada com o Sr. Carleton ou qualquer outro homem que você considere do meu interesse em me casar. Infelizmente, não posso. Espero que

minha maior chance de felicidade matrimonial esteja com o Sr. Winston. Ele é um bom homem cuja disposição corresponde à minha. Espero que um dia vocês venham a perdoar as ações que me sinto compelida a tomar. Eu faço isso com o coração pesado com a dor que isso deve causar a vocês.

Mandarei recado quando o Sr. Winston e eu nos casarmos. Ele me garante que sua situação é mais do que capaz de sustentar uma vida modesta. Nunca quis muito mais. Assim, vocês não precisam se preocupar em me prover. Espero que considerem a possibilidade de nos receber em sua casa como Sr. e Sra. Winston.

Com amor,

Mildred

Embolsando a nota, ele perguntou: — O Sr. Harris. Ele é amigo dos Grenvilles. Você sabe onde ele pode morar?

— Eu não sei, mas os Grenvilles moram em Cavendish Square.

Ele praguejou, pois teria preferido ir direto para a casa do Sr. Harris. Depois de dizer à criada que não havia nada com que se preocupar e que ele sabia onde Millie estava, era apenas uma mentira temporária, já que ele pretendia encontrar Millie, ele voltou correndo para sua carruagem e rumou para Cavendish Square.

Ele encontrou a residência de Grenville e, para sua fortuna e imenso alívio, o Sr. Harris e o Sr. Winston. Ao pôr os olhos no último, ele achou difícil não se aproximar e derrubar o homem.

— Lorde Alastair... — o Sr. Grenville começou.

— Eu vou ter uma conversa particular com o Sr. Winston, ele rosnou.

O Sr. Grenville os conduziu à biblioteca. Assim que as portas foram fechadas, Alastair empurrou Winston contra a parede, fechando a mão sobre a garganta do homem.

— Onde ela está? — Ele demandou.

Winston agarrou seu braço, tentando evitar que esmagasse seu pescoço contra a parede.

— O que você quer dizer, senhor?

— Millie. Para onde ela foi depois que você falou com ela?

— Eu não falei.

Alastair sentiu as veias da têmpora latejarem.

— O que? Você não falou com ela?

— Eu não queria fazer uma cena.

— Se você não falou com ela, então ela ainda pensa que vocês vão fugir?

— Eu mandei uma nota para ela.

Millie não deve ter recebido.

— Onde? Quando?

— No Boar's Head Inn, fora da estrada principal para Gretna Green.

— Gretna Green! Por que diabos vocês viajariam tão longe? Vocês dois são maiores de idade. Por que não se casar no Hyde Park Corner ou mesmo no Fleet?

— Foi ideia dela! O seu sexo prospera no romantismo!

Alastair aumentou seu aperto antes de jogar Winston no chão em desgosto. Se ele pudesse se dar ao luxo de tempo, estrangularia o homem. Mas ele queria chegar até Millie.

— Você não vai falar sobre isso com ninguém, exceto que você e eu tínhamos um desacordo a resolver. Se você deseja exigir satisfação, diga o nome de seus segundos — disse ele a Winston, que permaneceu ajoelhado.

Quando Winston apenas olhou para ele como se ele estivesse louco, Alastair abriu as portas e espreitou o anfitrião surpreso. Quando em sua carruagem, Alastair soltou uma praga que até assustou seu cocheiro. Ele não podia acreditar que Winston não tinha falado ou, pelo menos, escrito uma carta para Millie em sua casa. Em vez disso, ele permitiu que ela viajasse para uma pousada de postagem sozinha.

O maldito fodido.

A carruagem não conseguiu chegar à estalagem com rapidez suficiente. Como poucas pessoas viajavam no Natal, o estalajadeiro ficou devidamente surpreso ao ver Alastair.

— Eu procuro uma jovem — ele informou o velho guardião quando ele não viu Millie.

— Eu tinha uma jovem aqui antes. Ela ficou sozinha e sentou-se por várias horas, até que uma carta chegou por mensageiro para ela.

— Você está com a carta?—

— Está com ela. Eu a vi colocá-la em sua bolsa.

— O que aconteceu então?

— Depois de ler o conteúdo, ela perguntou se haveria uma carruagem hoje. Eu disse que era improvável, pois era Natal. Meu filho estava de visita e tinha uma carroça. Eu ofereci que ele poderia levá-la onde ela quisesse pelo preço certo.

— E para onde ela queria ir?

O homem franziu a testa.

— Não me lembro, porque não ouvi o nome antes.

Alastair respirou fundo para acalmar a paciência. Ele estava pronto para torcer o estalajadeiro se isso fosse adiantar.

— Eles pegaram a estrada que leva a Surrey.

Surrey. Por que Millie seguiria nessa direção? Alastair entendeu que ela não precisava mais seguir para o norte, para Gretna Green, se a carta que o estalajadeiro fazia referência fosse a que Winston escrevera, mas o que havia a sudeste?

Ele enrijeceu quando a resposta veio a ele.

Château Follet.

Capítulo Trinta

— Você não é uma imposição, *ma cherí.* É claro que você deve ficar — disse Madame Follet, cumprimentando Mildred no salão. Como sempre, a anfitriã parecia radiante em sua musselina drapeada branca, um xale turco em tons vibrantes e joias de ouro. Ela se portava com a vivacidade de uma jovem de vinte anos, apesar de ter o dobro disso em anos.

— Eu não conseguia pensar em nenhum outro lugar para ir — disse Mildred, envergonhada.

— Fico lisonjeada por você ter escolhido passar o Natal no Château Follet. Tenho aqui vários convidados, e eles receberiam de bom grado um acréscimo.

— Um lugar para passar a noite é mais do que suficiente.

— Absurdo! Você não pode vir aqui e não participar da folia. Eu até preparei um banquete especial da meia-noite, um *Le Reveillon* se você quiser, mas de uma natureza muito mais perversa.

A gratidão encheu Mildred. Madame Follet nem mesmo indagou por que Mildred tinha viajado para cá sozinha.

— Não tenho como agradecer o suficiente, Madame Follet.

— Eu terei um quarto preparado para você, e cuidado com os ramos do beijo.

— Ramos do beijo?

Madame Follet apontou para a hera com bagas brancas penduradas acima da soleira.

— É uma prática estranha, do campesinato, eu acredito. Se deseja mais do que beijos, não hesite em me informar se deseja um parceiro. Eu ficaria feliz em lhe fornecer um.

Mildred enrubesceu. Ela não havia considerado participar e duvidava que pudesse estar no bom humor. Uma vez acomodada em seu próprio quarto, o mesmo em que ficara em sua primeira vez no Château Follet, ela retirou a carta do Sr. Winston.

Cara Srta. Abbott,

Lamento que esteja lendo isto, mas não poderia me perdoar se nosso casamento lhe rendesse o desdém de sua família e, em particular, de seu primo, o marquês de Alastair. Eu gostaria que Lorde Alastair não tivesse ameaçado tirar seu dote, mas você merece um homem que pode tanto fazer você feliz quanto manter seu dote.

GW

Ela suspirou com a brevidade da carta e como ele não mencionou o afeto dele. Mesmo assim, a carta não a pegou completamente de surpresa. O olhar em seus olhos quando ela o informou que Alastair pretendia revogar seu dote, e sua recepção hesitante de sua ideia de se casar, independentemente da aprovação de Alastair, foram uma evidência de suas verdadeiras intenções, mas ela falhou em lhes dar a devida atenção. Ele

SUBMITTING FOR Christmas

realmente decidiu não se casar porque pensou que ela seria melhor sem ele? Ou ela havia julgado mal sua parcialidade por ela?

Rasgando a carta ao meio, ela a jogou na lareira.

Desde o culto de Natal esta manhã, ela tinha vacilado entre a dor no coração e a ansiedade. Talvez ela pudesse ter voltado para Londres antes que seus pais voltassem do jantar de Natal com Lady Katherine, mas, na época, ela não tinha nenhum desejo de voltar para casa derrotada. Ela percebeu agora que fora impulsiva e talvez, ao aceitar a proposta de Haversham, tivesse sido precipitada. Ela queria ser a boa filha, mas no final, ela não teve coragem de ir até o fim. A desgraça e a vergonha certamente a aguardavam agora.

E ela pensara que não poderia cometer um erro pior do que aceitar a proposta de Haversham.

Olhando em volta, ela encontrou conforto na familiaridade de seus arredores. Ela tinha gostado deste quarto durante sua primeira visita, embora não tivesse passado muito tempo nele. As mesmas pinturas pastorais, mas com traços de lascívia, enfeitavam suas paredes de seda cor de rosa. Ela se lembrou de como o sol da tarde brilhava alegremente no quarto, iluminando os móveis de mogno.

Bhadra, a formosa criada indiana que a servira da última vez, apareceu para ajudá-la com suas roupas de viagem. Ao escolher um vestido para a noite, Mildred hesitou diante da musselina de marfim que pensara que usaria ao se casar com o Sr. Winston.

— Você vai ficar linda com este vestido — Bhadra disse, passando a mão pela delicada camada superior com bordados bordô na bainha. — Você deve usá-lo, senhorita.

— Suponho que tenha uma aparência festiva — ponderou Mildred.

Ao vestido, Bhadra acrescentou as pérolas que havia retirado da mala e arrumou o cabelo de Mildred com um penteado solto.

— Oh, senhorita, você está linda.

Mildred deu a seu reflexo no espelho da penteadeira um meio sorriso. Ela não poderia estar muito melhor do que parecia.

— Você vai se juntar a Madame lá embaixo? Ela disse que reservaria um lugar para você ao lado dela.

Endireitando-se, Mildred respondeu: — Acho que vou.

Ela não desejava cuidar de sua tristeza sozinha em seus aposentos. Já que ela estava aqui no Château Debauchery, por que não se beneficiar de alguns de seus aspectos?

Madame Follet estava em uma sala de estar no andar de baixo, sentada em um sofá encostado na parede. Com tapeçarias de ouro, vermelho e turquesa, e travesseiros e tapetes de cores igualmente vivas, Mildred se lembrou de uma pintura que vira aqui no château de um harém turco. No centro da sala, recostadas nas almofadas, estavam duas mulheres. Um usava apenas pantalonas do mais fino tecido. A outra vestia um robe de seda desamarrado, sob o qual era claro que ela não usava nada. Ela acariciava

languidamente os seios fartos da primeira mulher enquanto meia dúzia de outros ocupantes observavam.

— Que bom que você pôde se juntar a nós — Madame cumprimentou Mildred. — E como você está deslumbrante!

Mildred enrubesceu um pouco.

— É Natal.

— Sente-se comigo um pouco. Você gostaria de uma ratafia ou negus?

Mildred optou por este último, que tinha um forte sabor de canela e noz-moscada. Ela sentou-se e observou uma mulher começar a responder ao toque da outra.

— Você já fez o emparelhamento? — Mildred perguntou sobre o ritual em que os convidados que viessem sozinhos buscariam seus parceiros.

— Você está interessada?

— Não, não — respondeu Mildred rapidamente.

— Porque François, um de meus lacaios, ficaria mais do que feliz em ter a companhia de uma senhora esta noite. Ou Laroutte, meu irmão, disse que se colocaria à disposição.

— Monsieur Laroutte?

— Você parece surpresa.

— Eu pensei que ele era parcial... bem, quero dizer, eu...

— Achava que ele era parcial para os homens? Ele é. Mas às vezes ele gosta do belo sexo. Ele se lembra de você.

Mildred enrubesceu ainda mais.

— Você é uma anfitriã gentil, mas estou contente em sentar um pouco.

Ela observou enquanto a segunda mulher deslizava a mão para baixo nas calças da primeira, procurando seu monte. A primeira mulher ronronou e reclinou as costas contra a outra. Por vários minutos, a segunda mulher acariciou a primeira. Mildred sentiu a área sob sua cintura se mexer com a sensação. Ela nunca tinha visto duas mulheres juntas antes. Como ambas as mulheres tinham corpos bem formados, elas pareciam bastante atraentes.

A mulher de pantalona virou a cabeça e seus lábios macios se juntaram. Em transe com a curiosidade, Mildred se esqueceu de sua taça de vinho. Ela se perguntou como duas mulheres se envolveriam na união. Elas usariam um consolo ou apenas acariciariam uma a outra com as mãos ou a boca?

Um jovem com uma mulher no braço se aproximou.

— Madame Follet, minha esposa e eu desejamos lhe agradecer por sua hospitalidade. O Natal não é um feriado que celebramos com grande festa, mas graças ao Château Follet, agora é o nosso feriado favorito.

— Fico feliz em ouvir isso, Sr. Cornell. Gostaria de saber se estaria presente este ano, dado o quão ocupado tem estado com o Parlamento. Posso felicitá-lo por sua eleição.

Ele se curvou.

— Ele é um deputado recém-eleito de Middlesex — explicou Madame depois que o casal saiu — e um orgulhoso... como você os chama de Foxite[12]?

— Ele não se preocupa em ser descoberto aqui?

— Ele não poderia ser mais famoso do que o próprio Fox.—

Mildred não conseguia imaginar que nenhum homem com uma carreira na esfera pública ousasse considerar a devassidão do Château Follet. Mesmo assim, ela ficou intrigada, mas quando o Sr. e a Sra. Cornell saíram da sala, Mildred voltou a observar as duas mulheres. A primeira agora se dirigia à segunda, que estava deitada de costas, com o robemanto totalmente aberto para expor os seios de um branco cremoso, que a primeira passou a beijar e sugar. Não havia como negar o calor que se espalhou por Mildred. Embora duvidasse que algum dia pudesse tocar ou desejar ser tocada por alguém do mesmo sexo, havia uma qualidade tanto bela quanto devassa em uma mulher cuidando de outra. E isso despertou.

Madame Follet se inclinou em sua direção.

— Tem certeza de que não gostaria de passar a noite na companhia de François ou de Monsieur Laroutte? Ou talvez você queira tentar sua sorte com alguém do belo sexo?

Mildred sentiu sua pulsação acelerar.

[12] Foxite foi um selo político britânico do final do século XVIII para os seguidores de Whig de Charles James Fox.

— Suponho que... se Monsieur Laroutte for receptivo...

Enquanto esperava por Laroutte, Mildred examinou os aposentos, aquele em que ela e Alastair haviam jogado. Localizados na Ala Leste, reservados para hóspedes mais *experientes,* os aposentos poderiam passar por um covil de tortura medieval com suas muitas jaulas, a cruz de Andrew, pônei de madeira e mesa com remos, açoites e chicotes. Depois de passar mais de meia hora observando as duas mulheres se acariciando e brincando, sem deixar nenhum centímetro intocado, a luxúria aqueceu seu próprio corpo. Ela ficou satisfeita com a decisão de participar das atividades do Château. Isso aliviaria sua mente de Winston.

Ouvindo alguém entrar, ela se virou, e quase morreu. Ela teria preferido morrer. Pois na soleira, fechando a porta atrás de si, estava não Laroutte, mas Alastair.

Sua mente girou. Como essa coincidência podia ocorrer *duas vezes?* Ela não deveria se surpreender que ele fosse passar o Natal no Château Follet, era um destino mais provável do que qualquer outro, mas ela ainda não conseguia conter a descrença.

Eles se olharam em silêncio pelo que pareceu uma eternidade antes que ela conseguisse engolir sua ansiedade e perguntar a ele:
— O que você faz aqui?

Ele cruzou os braços diante do peito, seu olhar implacável.

— Eu poderia perguntar o mesmo pra você?

— Por que... Você não está no jantar de Natal com Lady Katherine? — ela parou. Sua mente procurou uma resposta plausível, pois ela sabia que ele não permitiria que sua pergunta ficasse sem resposta por muito tempo, mas acabou desejando.

— Por que *você* não está?

Claro que ele pediria o mesmo dela. Não havia mais nada além de confessar.

— Você pode ficar satisfeito em saber que não precisamos mais nos preocupar com o Sr. Winston. Você estava certo. Acho que ele queria apenas o meu dote.

Temendo que sua voz falhasse, ela não disse mais nada.

Sua expressão se suavizou.

— Eu preferia estar errado.

Ela acenou com a cabeça, um pouco reconfortada com o comentário dele, embora não pudesse se lembrar de um momento mais terrível do que este: enfrentar o primo depois de uma fuga fracassada com um homem contra o qual ele havia aconselhado. Se ele lhe desse uma nota por sua tolice, ou triunfasse por ter sido o mais sábio dos dois, ela não o culparia. Ela supôs que deveria saber que Alastair estaria certo, que ele teria uma intuição para esse tipo de coisa, especialmente porque ele próprio afirmava ser um canalha.

— Não vou perturbar sua visita aqui — ela o assegurou, esperando que ele partisse logo para cuidar de suas próprias

SUBMITTING FOR Christmas

ocupações durante a noite. Quando ele não se mexeu, ela acrescentou: — Como não sou mais uma novata aqui, você não precisa se preocupar comigo e pode esquecer totalmente a minha presença para desfrutar da festa.

— Não vim ao Château Follet para a festa.

Ela piscou várias vezes. Sua família, ao descobrir seu bilhete, o enviou para buscá-la?

— Eu vim por *você* — ele confirmou.

Ele parecia descontente. Isso não funcionaria. Ela não tinha vontade de voltar. Agora não. Não antes de cuidar de suas feridas, entregando-se a uma noite de devassidão.

— Como você soube que me encontraria aqui?

— Uma suposição educada com base nas informações que obtive na pousada de postagem.

— A pousada de postagem? Como você sabia...?

— Winston me contou sobre sua ideia ridícula de ir para Gretna Green.

— Você... você falou com ele?

— Ele veio me ver na esperança de me persuadir a restabelecer seu dote.

Seu coração afundou ainda mais. Claro que sim. Ela se perguntou se ele já tinha realmente alimentado a ideia de se casar com ela sem um dote ou se tudo tinha sido uma farsa?

— Eu deveria saber que meu dote era minha melhor qualidade — ela murmurou.

— Millie, você vale muito mais do que Winston.

A seriedade em seu tom a surpreendeu, e ela foi capaz de recuperar o ânimo um pouco e proclamar: — Acho que depois disso, estou determinada a permanecer uma solteirona.

Ela esperava que ele risse, e sua irritação pareceu derreter um pouco. Ela se perguntou para onde Monsieur Laroutte tinha ido.

— Suponho que minha família deve estar desanimada? — ela perguntou depois de outro período de silêncio.

— Talvez, já que eles provavelmente já terão descoberto sua ausência.

— Você não...? Você não atendeu as ordens deles?

— Quando descobri que você não estava no jantar de Natal com minha tia, suspeitei do que estava acontecendo, mas não tive vontade de alarmar seus pais. Se eu tivesse chegado à pousada antes de você partir, poderíamos ter voltado para Londres antes que sua família soubesse. Mas você decidiu fugir para o Château Follet.

Seu tom a fez corar.

— Por quê? — Ele demandou.

— Por que não? — ela voltou.

— Você prometeu não voltar.

— Foi uma promessa um tanto fútil de fazer.

— Mesmo assim, você a fez. — Ela achou difícil engolir. Suas pupilas se contraíram. — E agora vai pagar as consequências de quebrar sua promessa — concluiu.

Capítulo Trinta e Um

Alastair podia ver seu tremor. Ela estava excepcionalmente linda esta noite. O vestido combinava com ela. O decote não caia muito; ainda assim, seus seios inchavam bem acima dele. Ele sentiu uma onda de ciúme ao considerar que poderia ter sido Winston quem a inspirou a parecer tão atraente.

Ele continuou a buscar em seu semblante evidências da extensão de sua dor, mas ela parecia, no momento, resistir ao golpe devastador que Winston lhe dera com equilíbrio.

— Ela parecia um pouco oprimida — disse Madame Follet, quando ele pressionou a anfitriã por quaisquer insights que Millie pudesse ter confidenciado a ela, mas longe de estar desanimada.

— Millie é prática demais para a melancolia — respondeu Alastair, sentindo-se seguro. Embora soubesse que havia poupado Millie de uma vida de sofrimento com Winston, ele não podia suportar a tristeza que deve ter causado a ela.

— Se ela tivesse gostado desse Sr. Winston, eu teria esperado que ela ficasse muito mais desconsolada.

— Talvez o choque não tenha se dissipado.

— Ou talvez ela não ame este homem tanto quanto você pensa.

Ele gostaria que fosse esse o caso, mas por que mais Millie teria arriscado sua reputação e desapontado sua família?

Enquanto olhava para Millie, ele estava determinado a expulsar todos os pensamentos sobre Winston.

— Não vou concordar com tal coisa — declarou Millie.

— Você quebrou uma promessa.

— Você pode exigir outra consequência, como a revogação do meu dote.

— Isso já foi feito — disse ele com mais aspereza do que pretendia, mas estava zangado com ela, apesar de sua tristeza pelas feridas que ela sofrera em seu orgulho e em seu coração. No entanto, ele preferia que ela não tivesse procurado consolar sua dor indo a Follet para foder outro homem. Puta merda. Para quem esta mulher não levantaria as saias?

E, no entanto, ele tinha que admirar essa semelhança entre eles. Ele não teria feito menos se estivesse na situação dela.

— Você concordou em não retornar ao Château Follet dentro do contexto de certas circunstâncias — lembrou ele. — Portanto, você manterá o acordo sob o qual fez a promessa.

— Estou esperando o Monsieur Follet

— Ele está ocupado com outro agora.

A angústia brilhou em seus olhos. Tremendo, ela se afastou dele enquanto ele avançava em sua direção. Ele tinha um propósito duplo no que fazia. Ele queria que ela não quebrasse uma

promessa com ele novamente, e sua apreensão afastaria sua mente de seu coração partido. Tirando o casaco, ele o jogou de lado. Ele desabotoou as mangas e enrolou-as até os cotovelos.

Encontrando uma poltrona, ela se colocou atrás dela, embora isso lhe oferecesse pouca proteção. Quando ele a alcançou, ela deslizou de trás da cadeira em direção às portas, mas ele a segurou com bastante facilidade. Tropeçando, ela teria caído no chão se não fosse pelo aperto dele em seu braço. Ela lutou para se libertar e agarrou-o com o braço livre. Ele a arrastou para o aparador, onde várias restrições eram mantidas. Quando ela recuperou o equilíbrio, ela puxou com mais força. Agarrando o conjunto de algemas de ferro unidas por uma corrente curta, ele abriu uma algema e a algemou em torno de seu pulso, deixando-a em pânico. Ela o chutou enquanto ele prendia um pequeno cadeado na algema.

— Alastair! — Ela exclamou.

— Comporte-se, e posso ter misericórdia de você.

Ela considerou suas opções brevemente, então optou por tentar escapar.

Ele a chicoteou contra o aparador, prendendo-a no lugar com seu corpo; puxou o outro braço para a frente dela e prendeu a algema restante em seu pulso. Adicionando um segundo cadeado, ele agora tinha os dois pulsos travados nas algemas. Ela continuou a lutar, seus movimentos fazendo sua bunda esfregar contra sua pélvis. O calor queimou por ele, latejando em sua cabeça.

— Alastair! — ela protestou novamente.

O som de seu nome apenas alimentou seu ardor. Agarrando a corrente entre as algemas, ele a puxou em direção ao sistema de corda e polia no centro da sala. Ela resistiu cravando-se nos calcanhares, mas só conseguiu tropeçar e cair sobre o traseiro. Ele a puxou mais alguns passos e, prendendo o cabo na corrente, conseguiu colocá-la de pé puxando uma corda.

— Pare! — ela implorou com indignação e desespero em partes iguais.

Quando ele a colocou na ponta dos pés, ele amarrou a ponta da corda a uma algema no chão.

— Alastair!

Ele agarrou seu queixo.

— Não é isso que você procurou ao vir aqui?

— Não com você — ela conseguiu pronunciar apesar de seu aperto sobre ela.

O sangue foi drenado dele. Não. Ela esperava Laroutte, ou teria algum outro filho da puta. Devon se ele estivesse aqui.

Mas ele não permitiria que nenhum outro homem a tivesse. Ela pertencia a ele.

— Você vai me ter do mesmo jeito — ele disse a ela, não mais tentando conter sua raiva.

— Você é o homem mais abominável de todos! — ela clamou quando ele soltou sua mandíbula. — Se você revogou meu dote, não tem posição para interferir em meus assuntos.

— *Você* pediu minha interferência primeiro.

— Que se tornou o maior arrependimento da minha vida!

— Mesmo? — Ele se levantou para que seus corpos se tocassem. Ele segurou um seio através de seu vestido e espartilho. Inclinando a boca em direção ao ouvido dela, ele sussurrou: — Seu corpo pode discordar.

Sua respiração ficou irregular, e parecia que um gemido passaria por seus lábios. Em vez disso, ela o chutou, mas ao fazer isso colocou o peso dela em seus braços. Fazendo uma careta quando os ossos de suas mãos pressionaram as algemas, ela rapidamente voltou para a ponta dos pés. Ele voltou para o aparador.

— Eu direi a Lady Katherine — ela ameaçou.

— E você acha que estou assustado com isso?

— Madame Follet então. Ela pode expulsar você.

Cansado de seus protestos, ele escolheu uma mordaça, uma que tinha a aparência de uma aranha de metal.

— Ela pode, mas estou disposto a arriscar.

Quando ele voltou para ela, ele viu o brilho de medo em seus olhos.

— Al... Alastair, isso é uma loucura!

— Eu não dei permissão a você para usar meu nome. — Ela empalideceu. — Você precisa de sua palavra de segurança? — ele perguntou.

— O qu...?

Quando ela não deu mais nenhuma resposta, ele puxou sua mandíbula e deslizou a parte circular da mordaça em sua boca. Ele deu a ela a oportunidade de usar sua palavra de segurança, e ela não escolheu usá-la.

Depois de fixar a mordaça nela, ele deu um passo para trás para admirar como o bocal esticou seus lábios, forçando o orifício a se abrir de uma forma mais devassa e convidativa.

— Quando eu terminar com você, você não pensará em quebrar uma promessa para mim nunca mais.

Capítulo Trinta e Dois

Com a boca aberta à força, Mildred não conseguia engolir – pelo menos, não sem dificuldade. Ela deveria ter falado sua palavra de segurança quando teve a chance, mas alguma maldade dentro dela não permitiu que fosse falada. Mas *não* era *isso* que ela queria, porque sabia que seu corpo a trairia, se renderia ao toque dele. E então ela ficaria com saudades de corpo e coração.

Mas com os braços algemados e esticados acima da cabeça, como ela poderia escapar? O que ela poderia fazer? Embora ela concordasse que teria que expiar por quebrar sua promessa, sua imposição a enfureceu. Ele não tinha a menor pena de sua situação? Ou só importava para ele que estava certo? Como ela chegou a amar este homem?

Apoiar-se em sua indignação ajudou a aliviar seus temores. Ela suportou três noites com Alastair durante Michaelmas. Assim, ela poderia suportar uma única noite no Château Follet.

Ela esperava.

Mas, devido à turbulência dentro dela, seu corpo estava no limite de uma maneira que ela nunca tinha conhecido antes. Quando ele roçou as costas dos dedos ao longo de seu braço, ela estremeceu. Sua mão segurou um seio, e ela teve que fechar os olhos para evitar ser dominada pela sensação, de desejar que ele pudesse acariciá-la nua. De pé atrás dela, ele cobriu seu seio com

as mãos e apertou a carne através de seu espartilho. Ela grunhiu e tentou não deixar seu toque a excitar. Para lhe ensinar uma lição, ele sem dúvida tiraria sua excitação, abandonaria seu desejo de satisfação enquanto negava sua conclusão.

No entanto, sem excitação, a dor seria mais difícil de suportar.

Suas mãos percorreram seu corpo, acariciando sua barriga, agarrando seus quadris, pressionando sua barriga e, eventualmente, acariciando-a entre as coxas. Ela usava apenas duas camadas de anáguas por baixo e podia sentir facilmente os dedos dele pressionando-a através do tecido. Ela se contorceu para afrouxar o acesso, mas ele a imobilizou com o outro braço. Uma das mãos apertou um seio; a outra esfregou suas dobras.

Não importa o quão firmemente ela mantivesse suas coxas juntas, ela não poderia conter sua penetração. O tempo todo, os músculos da panturrilha se esforçavam para mantê-la na ponta dos pés, de modo que seu peso não puxasse seus braços. A resistência, ela suspeitava, era inútil. A firmeza de seu aperto, sua capacidade de alternar entre carícias leves e pesadas, chamou seu desejo de uma maneira que ela só tinha experimentado com ele.

Ele puxou a saia dela e roçou sua coxa nua, fazendo com que o sangue pulsasse em suas extremidades. Ela saboreava e queria evitar seu toque. Era uma loucura querer tais contradições, como se sua mente estivesse em guerra com seu corpo.

Gradualmente, ele a soltou e começou a remover os alfinetes de seu vestido. Ela fechou os olhos. *Querido Deus.* Ela deveria estar nua diante dele. A saia de seu vestido se agrupou abaixo dela. Ele

então começou a desamarrar suas anáguas. O corpete de seu vestido, entretanto, era um desafio, pois, com os braços amarrados acima, não podia ser retirado dela. Ele deu um passo à frente dela, e ver o fogo em seus olhos a fez derreter. Não havia nada mais excitante do que ver o desejo ali.

Seu olhar caiu do corpete dela. Destemido, ele agarrou o decote com as duas mãos e começou a rasgar o vestido ao meio.

Ela gritou através de sua mordaça. Ele estava louco? Ela não podia acreditar que ele destruiria sua melhor musselina. Ela tentou se afastar dele, mas não era fácil mover-se na ponta dos pés. O tecido se rasgou facilmente sob seus esforços e pendurou em farrapos em seus ombros. O espartilho dela, felizmente, estava amarrado na frente, então ele só teve que desfazer a fita. Ele a deixou sozinha e foi pegar um chicote.

As tiras caíram em seu traseiro primeiro, e ela imediatamente se lembrou de como havia sofrido com o remo que recebeu em Michaelmas. Sua bunda formigou com a memória, e ela se viu ansiando por uma represália. Depois de algumas chicotadas suaves em suas nádegas, o açoite viajou ao redor de suas coxas, então de volta para sua bunda, e subiu pelas costas. Seu corpo, aquecido por suas carícias anteriores e os beijos do chicote, agora estava pronto para golpes mais duros. Ela gritou quando ele pousou o açoite com mais força contra ela, mas ela se viu querendo a punição. Ela queria o que ele faria com ela.

Colocando o açoite embaixo do braço, ele parou diante dela. A mudança foi para o seu vestido. Rasgando-o, ele expôs seus

seios, barriga e pélvis. Sua respiração se acelerou pelo nariz, pois respirar pela boca a fazia secar.

Tomando o chicote, ele encaixou a alça entre suas coxas. Ela estremeceu quando as saliências da alça esfregaram contra suas dobras. Por vários minutos, ele passou o cabo entre as pernas dela, usando-o para cutucar seu clitóris. O olhar dele não deixou seu rosto, e ela sucumbiu ao olhar em seu semblante, o ardor em seus olhos, a firmeza de sua mandíbula. A umidade de seu desejo começou a cobrir o cabo do chicote.

— Lembre-se de que você não deve gzar sem permissão — disse ele enquanto puxava o chicote de volta.

Ela gemeu. O açoite a distraiu da rigidez de suas panturrilhas. Ela começou a alternar o peso entre os dedos dos pés e os braços. Ela pegou o reflexo de si mesma, seu corpo esticado em direção às vigas, suas roupas esfarrapadas penduradas nela. Apenas suas ligas, meias, chinelos e pérolas permaneciam intactos.

Ele agarrou um seio, seus dedos cavando lentamente na carne ampla. Abaixando a cabeça, ele capturou o mamilo em sua boca, enviando correntes para disparar daquele botão para o calor que se acumulava entre suas coxas. Sua boceta doeu enquanto ele lambia e chupava. Ele deu a mesma atenção ao outro mamilo. Logo, ela estava prestes a explodir. Ela queria a volta do chicote entre suas pernas... não, ela queria *ele* entre as suas pernas.

Liberando o mamilo, ele foi até um conjunto de gavetas e puxou uma corrente com grampos em cada extremidade. Voltando,

ele fixou isso em seus mamilos. Ela teria cerrado os dentes com a dor aguda em seus pequenos botões. Ele puxou a corrente levemente antes de retornar às gavetas da cômoda. Ele voltou com um pequeno peso preso a um gancho. Ele colocou o peso na corrente. Ela gritou quando o peso puxou seus mamilos para baixo.

— Você precisa de sua palavra de segurança?

Ela não conseguiria pronunciar, mesmo que não tivesse a mordaça. Ela respirou através da forte pressão em seus mamilos até que a explosão inicial de dor diminuiu para uma dor tolerável, mas persistente.

Ele repetiu sua pergunta. Ela ficou tentada a acenar com a cabeça, mas temeu mais o que aconteceria se encerrasse o encontro. Ela balançou a cabeça. Ela acreditava que poderia sobreviver a isso.

Até que ele acrescentou o segundo peso.

Ela soluçou, não, ela não poderia soluçar adequadamente com a maldita mordaça, porque parecia que seus mamilos poderiam ser arrancados. Como é que os grampos não escorregavam? Seu corpo se curvava e arqueava em busca de liberação, mas o efeito dos pesos não podia ser evitado. Era melhor que ela não se mexesse, pois o balanço dos pesos puxava seus mamilos.

Lágrimas pressionaram contra seus olhos. Talvez ela estivesse errada. Talvez desta vez fosse demais para ela.

Capítulo Trinta e Três

Mantendo uma observação próxima dela para ver se ela poderia exigir sua palavra de segurança se pudesse falá-la, Alastair viu o orvalho em seus olhos, a brancura de seus nós dos dedos quando ela agarrou a corrente entre as algemas. Ele removeu a mordaça e esperou que ela pronunciasse a palavra de segurança. Ela não falou.

Segurando o lado de seu rosto com uma mão, ele enxugou uma lágrima que escapou de seus olhos. Ela o impressionou e, apesar de seus erros, ele duvidava que pudesse encontrar uma submissa mais agradável.

Alcançando entre suas coxas, ele a acariciou. Sua excitação endureceu seu pênis já rígido. Ele gostaria de saber que ele era a única causa de seu desejo, que ela não seria tão excitada por ninguém. Sua respiração, errática pela dor, ficou ainda mais abatida. Ele acariciou seu clitóris até ela se contorcer, embora ela tentasse permanecer imóvel para não perturbar os pesos. Ele moveu sua mão, revestida com seu néctar, para sua boca. Ela lambeu e chupou seus dedos limpos.

Seu pênis latejava. Ele a queria mais do que jamais desejou uma mulher antes. Mas ele queria que ela sentisse a mesma intensidade. Como ela poderia considerar se casar com um homem como Winston? Winston poderia levar seu corpo a tais alturas, catapultá-la, através da dor, para uma euforia ainda maior?

Retirando a mão, ele perguntou: — Você está pronta para se comportar?

— Sim, meu senhor — ela disse fracamente.

Ela engasgou quando ele removeu os grampos e pesos de seus mamilos. Ele guardou os acessórios em seu colete e serviu um copo d'água para ela, que colocou em seus lábios. Ela bebeu prontamente.

— Obrigado, meu senhor.

Olhando em seus olhos, ele se perdeu momentaneamente em seu brilho, e desta vez ele sentiu seu peito inchar.

Recordando a si mesmo, ele colocou o copo na mesa. Ela parecia deslumbrante em sua posição atual, e ele estava tentado a envolver suas pernas sobre ele e fodê-la enquanto ela estava pendurada no ar. Mas ele queria ouvi-la implorar por seu pênis. Ouvir sua necessidade, seu desejo por ele, o excitou até as profundezas de sua virilha.

Erguendo-a, ele a soltou e a colocou de pé. Suas pernas tremeram e, antes que ela desabasse no chão, ele a tomou nos braços e a carregou para a cama baixa de quatro colunas, onde haviam feito amor antes. Depois de deitá-la, ele abriu as travas de suas algemas e as removeu. Quando ela terminou de esfregar os pulsos, ele puxou seus braços por entre as roupas rasgadas. Ele não tinha a intenção de rasgar sua roupa, embora seu ardor tivesse apreciado a saída alternativa. Ele silenciosamente prometeu a ela que compraria um vestido ainda mais fino, uma muda e um espartilho. Na verdade, ele lhe daria tudo o que ela desejasse.

Para sua satisfação, ele a encontrou olhando para sua virilha e a protuberância ali. Ele se lembrava muito vividamente de como ela havia engolido um pau em Edenmoor. Mas ele ainda não havia terminado com sua punição.

— Acaricie-se — ele instruiu e depois foi guardar as algemas.

Ele trouxe de volta quatro cordas e a observou. Ela brincava com o clitóris com uma das mãos e revirava o seio com a outra. Ela engasgou quando seu polegar acidentalmente deslizou sobre seus mamilos. Ele sorriu para si mesmo. Eles ainda estavam doloridos.

Pegando uma perna, ele desamarrou sua liga e tirou o chinelo e a meia. Ele enrolou a corda na parte inferior da coxa dela, então amarrou a corda na cabeceira da cama mais próxima. Quando ele fixou a outra perna de maneira semelhante à outra cabeceira da cama, ela se deitou com as pernas abertas e a boceta totalmente exposta. Amarrando suas pernas aos postes da cama atrás dela, ele não apenas separou suas pernas, ele as puxou para trás em direção a sua cabeça, fazendo com que seu traseiro se arredondasse para fora da cama e lhe desse uma visão de seu ânus.

Com as duas cordas restantes, ele amarrou os tornozelos dela no topo das colunas da cama. Suas carícias diminuíram enquanto olhava para as amarras, sem dúvida se perguntando por que estava sendo amarrada à cama daquela maneira.

Ele subiu na cama e se ajoelhou diante dela. Em vez de procurar outro cabo de corda, ele desfez a gravata. Pegando ambos os pulsos dela, ele os amarrou na cabeceira rococó. Seu corpo

pairava sobre ela, e seus mamilos gentilmente cutucavam seu colete sempre que ela respirava. Ele olhou para ela.

— Você fica linda em pérolas — disse ele sobre os fios enfeitando seu pescoço.

Ela devolveu um sorriso irônico.

— Obrigado, meu senhor.

Ele espalmou um seio antes de puxar levemente seu mamilo. Ela fez uma leve careta.

— Os seus mamilos gostaram dos pesos? — ele perguntou.

— Nem um pouco, meu senhor.

Ele se levantou e saiu da cama e foi até a mesa dos açoites e dos chicotes. Ele selecionou uma vara leve de bambu.

— O corpo tem inúmeras partes sensíveis — ele disse a ela enquanto ia ficar ao lado da cama. — Os mamilos, como você sabe, são um. Os pés são outra.

Ela levantou uma sobrancelha curiosa, então deu uma risadinha quando ele passou a junta do dedo ao longo do arco de seu pé. Mas ele não pretendia fazer cócegas nela. Ele bateu na planta do pé com a vara antes de acertar uma forte pancada.

Ela gritou e se encolheu com o impacto.

Ele bateu nela novamente. Ela exclamou surpresa.

Ao contrário de outras partes do corpo, os pés não se aclimataram à repetição do impacto. Não era necessária muita

força para produzir o efeito desejado, embora fosse necessário tomar cuidado para evitar as partes mais delicadas do pé.

Ela gritou uma praga quando a vara atingiu a abóbada de um pé. A cama rangeu enquanto ela lutava contra suas amarras. Depois de vários minutos, ele parou para dar uma olhada em sua boceta. Sua umidade escorria de sua bunda para a cama. Abaixando a vara, ele se acomodou na cama para aplicar sua boca nela. Seus olhos rolaram para a parte de trás de sua cabeça enquanto ele passava a língua em seu clitóris. O cheiro de sua excitação encheu suas narinas. Ele teria que tomá-la logo, pois seu pênis estava pronto para explodir de necessidade.

— Senhor, meu senhor — ela engasgou quando ele intensificou seu banquete, você deve me fazer gastar. Por favor. Oh Deus.

Ele podia senti-la resistindo à maré de prazer que sua boca e língua estavam persuadindo sobre ela.

— *Por favor,* meu senhor — ela choramingou.

Ele interrompeu a aplicação e, pegando a vara, saiu da cama e cuidou do outro pé dela. Uma vez que ela estava mais excitada, ela foi capaz de receber mais punições desta vez. No entanto, depois de um golpe, ela começou a implorar.

— Chega meu senhor. Por favor.

Ele bateu nela novamente.

— Meu Senhor! É o suficiente!

Ele queria lembrá-la de sua palavra de segurança, mas seria melhor se ela se lembrasse por conta própria. Ela precisava praticar as regras de compromisso se esperava se dar bem no Château Follet, se queria jogar com outro homem.

Não. Ela havia prometido não retornar ao Château Follet. Quanto à perspectiva de outro homem... ele pensou no visconde Devon. E se os dois caminhos se cruzarem?

Alastair apertou cabo da vara. Ele não queria pensar em Millie com outro homem, com qualquer homem, muito menos o bastardo de Devon.

— Ahhh! — ela gritou quando a vara a picou mais uma vez.

Millie pertencia a *ele*. Ela era sua. Para atormentar, para dar prazer, para atormentar com prazer.

— Pérolas! — ela gritou depois que ele acertou outro golpe.

E a única maneira de garantir que ela seria dele e só dele seria casando-se com ela.

Capítulo Trinca e Quatro

Mildred o amaldiçoou silenciosamente. Ela não queria empregar sua palavra de segurança, mas não esperava que tais golpes leves na planta dos pés pudessem doer com tal sofrimento. A dor, entretanto, não diminuiu o desejo que ainda ardia em seu corpo.

Consciente de quão desenfreadamente ela estava espalhada na cama, ela olhou para o teto em vez de encontrar seus olhos. O que ela deveria fazer agora? O que *ele* faria?

Ela engasgou quando sentiu seu toque em seu monte. Olhando para baixo, ela viu que era seu pênis. A antecipação cresceu dentro dela. Ele havia desabotoado a braguilha e agora acariciava a cabeça de seu membro contra ela. Seu gemido oscilou quando deliciosas sensações ondularam entre suas pernas. Ele a provocou com leves pinceladas de seu comprimento ao longo dela, tocando a ponta de seu clitóris, empurrando a coroa de seu pênis em suas dobras, mas não o suficiente para entrar.

— Oh, Deus, Alastair — ela sussurrou quando ela pensou que não aguentaria mais. — Por favor, me foda.

— Olhe para mim, Millie.

Ela olhou para ele. Ele tinha uma rigidez na mandíbula, e ela não sabia se era de descontentamento com ela ou apenas a tensão da luxúria.

— Você tem minha permissão para gozar — disse ele — mas se você quebrar uma promessa para mim novamente, nenhuma palavra de segurança vai salvá-la.

Empolgada por poder gozar, ela assentiu com entusiasmo.

— Eu prometo nunca mais quebrar uma promessa feita a você.

Seu eixo estava em sua fenda, e ela tentou se contorcer para ele.

— E espero que você nunca mais volte aqui sem o meu consentimento.

— Sim, sim — respondeu ela, esforçando-se para a penetração. Ela ficaria louca se tivesse que aguentar a vaga em sua boceta por muito mais tempo. — Eu irei cumprir minha promessa desta vez. Verdadeiramente. — Desanimada, ela o observou se afastar. — Ai, meu senhor? Eu te desagradei? Você duvida de mim? Como posso convencê-lo da minha seriedade?

Ele se levantou e puxou a corrente e as presilhas de mamilo do bolso do colete.

Ela empalideceu. Seus mamilos ainda estavam doloridos, e ela se perguntou se eles estariam eretos para sempre depois do que sofreram.

Ele largou os grampos e a corrente ao lado dela na cama, então desabotoou o colete. Muito devagar para ela, ele tirou suas roupas uma por uma. Sua boceta apertou com cada remoção de roupa. Quando ele finalmente estava nu e glorioso, uma forma

muito visível com suas pernas musculosas e abdômen enrugado, ela teria se jogado sobre ele se não estivesse ainda amarrada aos pés da cama.

Ele subiu na cama e se ajoelhou perto o suficiente para que suas coxas quase roçassem suas nádegas. Ele apontou seu pênis para ela.

— Obrigado, meu senhor, obrigado. Eu não vou falhar com você novamente. Eu prometo, e é uma promessa que cumprirei desta vez. Apenas não me deixe esperando mais pelo seu pau.

Olhando para os grampos e a corrente, ele parecia ter uma inspiração. Ele prendeu uma ponta em sua língua e a outra em suas dobras logo acima de seu clitóris. O aperto da braçadeira em suas dobras chamou sua atenção para suas regiões inferiores, para a fome lá embaixo, o desejo por seu toque.

Então, finalmente, ele afundou seu pênis nela.

Naquele momento, não havia nada mais requintado do que ser empalado sobre seu membro. Sua boceta agarrou-se a seu eixo, arrancando um gemido dele. Ele se pressionou mais contra ela. O ângulo de seus quadris permitiu que ele penetrasse profundamente, e ele se enterrou ao máximo, até que ela pudesse sentir os pelos de sua pélvis contra sua carne. Ele desamarrou as cordas de seus tornozelos, permitindo que ela soltasse as pernas. Quando ele começou um impulso gradual, ele puxou levemente a corrente com um dedo.

— Quão duro você deseja ser fodida? — ele perguntou.

— Fort..., — ela respondeu.

— Extremamente duro?

— Sim.

Soltando a corrente, ele circulou seu clitóris com o polegar até que ela se perdeu em um mar de calor e prazer. Então ele empurrou seus quadris para ela. A cabeça dela bateu na cabeceira da cama, e ele ajustou os travesseiros atrás dela antes de se acomodar.

— Duro — ele disse, e bateu seu pênis nela várias vezes. Com o polegar, ele dedilhou seu clitóris enquanto empurrava seus quadris. Era mais do que ela podia suportar. Todas as sensações, desde o beliscão de sua língua até o puxão das cordas em suas pernas e a dor em seus mamilos, a arremessou em direção a esse propósito carnal. Seu orgasmo estourou com a violência de tiros de canhão. Uma glória branca e ofuscante passou por ela, seguida por muitos tremores e tremores, cuja intensidade a deixou em um estado de quase delírio.

Apoiando-se sobre ela, ele se enfiou rápido e furioso nela para atingir seu próprio fim. A cama balançou sob a força de seus movimentos e bateu contra a parede. Sua testa franziu e logo ele atingiu seu ápice. Ela o teria alertado para se retirar antes que ele derramasse sua semente, mas ela não seria compreendida com o grampo em sua língua, e, na verdade, uma parte dela queria tomá-lo dessa maneira, para ter sua essência dentro dela.

Ela podia sentir o calor de sua ejaculação, misturando-se com seus próprios fluidos. Ele soltou as braçadeiras antes de permitir que seu peso desabasse sobre ela.

— Meu Deus, Millie — ele respirou antes de um arrepio final percorrer seus membros.

A satisfação dele a gratificou, e ela o teria abraçado com os braços e as pernas se pudesse. Ela desejou poder permanecer unida a ele para sempre, e por enquanto, ela iria se abster de considerar a dura verdade que a esperava e saborear o peso de seu corpo contra ela e fingir que ele era dela.

Capítulo Trinta e Cinco

Ele teria saído dela, mas a tentação de marcá-la como sua, de deixar uma parte dele na parte mais profunda dela, prevaleceu. Ele já havia decidido se casar com ela; portanto, se houvesse consequências da união deles , ela estaria segura.

Segura. Ele gostou da certeza que o casamento com Millie proporcionou. Gostaria de ter muito mais oportunidades de transar com ela como acabara de fazer. Foi o paroxismo mais brilhante que ele já teve. A visão dela amarrada à cama, sua intimidade exposta a ele, as pérolas em volta de seu pescoço e a corrente das pinças ricocheteando em seu corpo, o havia excitado a novas alturas. Ele esperava que ela tivesse gozado com a mesma glória e jurou levá-la ao êxtase quantas vezes ela desejasse. E mais.

Ele desamarrou a gravata de seus pulsos e as cordas de suas pernas. Se acomodando de volta na cama, ele a envolveu em seus braços enquanto eles se deitavam de lado. Ele percebeu que ela estava cansada. Ela afastou os pedaços de suas roupas rasgadas

— Vou substituir o vestido — ele a assegurou.

Ela se aninhou em seu abraço.

— Obrigada, mas não importa.

— Você terá um vestido mais fino, e anáguas e ceroulas, tudo o que desejar gastar com o seu dinheiro.

— Dinheiro extra?

Ele respirou o cheiro de seu cabelo.

— Embora eu suspeite que você provavelmente vai doar seu dinheiro para luditas e semelhantes.

Ela se sentou, deixando seus braços, para seu pesar.

— Sério, não é necessário substituir meu dote por alfinetes. Estou muito satisfeita por você ter revogado meu dote. Garanto que, apesar do que meus pais possam dizer, estou melhor sem um.

Ele a puxou de volta.

— Um dote é desnecessário, mas como a marquesa de Alastair, você vai querer dinheiro com alfinetes.

Ela se sentou de volta.

— O quê?

— A marquesa de Alastair.

Ela parecia horrorizada.

— Meu Senhor? Quero dizer, Alastair, meu senhor, certamente você está brincando.

— Você já me viu brincando?

Seu horror cresceu e ela se levantou da cama.

— Por que eu me casaria com você? Quero dizer, por que você se casaria *comigo?*

Ele não pôde deixar de se sentir um pouco insultado com a intensidade da reação dela. Ele admitiu que ela estava apaixonada por Winston, mas o marquês de Alastair dificilmente era uma porcaria.

— Você não precisa salvar minha honra, Alastair.

— Então quem vai? Sua viagem ao Château Follet impossibilitou o retorno para casa em um horário razoável. Você terá que passar a noite aqui. Você já considerou que explicação pode oferecer à sua família?

— Eu não pensei, mas isso não é da sua conta.

Ele não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Ela não aceitaria seu dote. Agora ela não aceitaria sua mão em casamento. Não podia ser porque ela o achava repulsivo, seu corpo lhe dera muitas evidências do contrário.

— Millie, posso estar longe de ser um santo — disse ele — mas sou mais digno de você do que Winston. Ele nem mesmo merece as cem libras que dei a ele.

— Quantas libras?

— Eu ofereci a ele uma anuidade para manter distância de você.

Sua boca se abriu.

— Você o *subornou*?

— Eu deveria simplesmente tê-lo ameaçado, mas sabia que o dinheiro o moveria.

— Você é a razão pela qual ele não veio!

— Não se iluda. Ele nunca teve a intenção de se casar com você sem um dote.

Ela engasgou, fez uma careta, então começou a recolher suas roupas com raiva.

— Millie — ele aceitou a anuidade sem hesitar um segundo. — Por que você não está aborrecida com ele?

Ele a agarrou pelo braço enquanto ela se virava em direção às anáguas no chão.

— Você me lisonjeia mais uma vez, Alastair. Tenho o prazer de saber que poderia ser abandonada por apenas cem libras por ano.

— Eu teria oferecido mais se eu achasse que o desgraçado merecia. Diabo, aceite, eu teria oferecido mil libras por ano, mas acho bastante revelador que ele aceitou minha oferta como estava.

Seus ombros caíram, mas ele ainda ouviu irritação em sua voz.

— Você está certo, Alastair. Espero que goste de saber que você está certo.

Ela arrancou o braço dele e, pegando as anáguas, amarrou-as ao redor do corpo.

— Eu não me importo com isso — ele protestou. — Eu queria ver você a salvo dele. Embora você tenha uma constituição mais

forte, eu não gostaria que o que aconteceu com a Srta. Jones acontecesse com você.

— Quem é a Srta. Jones?

Ele começou.

— Pensei que você soubesse? Ela é a jovem que ele deixou de lado depois de engravidá-la. Ela tirou a vida dela depois.

Millie fez uma pausa.

— Não foi assim que ele disse.

— Isso me surpreende um pouco, mas ele perdeu um bom amigo, o Sr. Stanton, por causa do caso.

— Suponho que devo a você um pedido de desculpas, então, e minha gratidão por me resgatar.

Ela olhou para suas roupas e percebeu que estavam rasgadas demais para usar. Ele deu a ela sua camisa e começou a se vestir também.

— Não exijo suas desculpas ou gratidão — disse ele, aliviado por ela parecer menos zangada. — No entanto, gostaria que minha generosidade não fosse desperdiçada com você.

— Devo parecer uma miserável ingrata, e talvez eu seja. Você tem sido bom para mim, Alastair, embora eu nem sempre tenha merecido isso.

Ele gostou da aparência de sua camisa sobre ela. Seu penteado tinha se desfeito, mas o rubor em suas bochechas permanecia.

— Você merece muito mais do que se permite, Millie. — Um sorriso agradecido apareceu nos cantos de seus lábios. — E embora você mereça mais do que um malandro como eu — ele continuou enquanto escorregava da cama e pegava o colete — espero que você encontre algum conforto em ser casada comigo. Atrevo-me a dizer que seus pais e Katherine ficariam felizes.

Seus olhos se arregalaram e o pavor voltou. Ela balançou a cabeça.

— Alastair, você é muito mais gentil e generoso do que qualquer um poderia ter imaginado, mas sua oferta é desnecessária.

Para sua surpresa, ela girou nos calcanhares e, carregando as roupas nos braços, dirigiu-se para as portas.

— Pode ser, mas... — Ele deu vários passos longos e rápidos para alcançá-la. — Millie!

— Você não precisa se preocupar com meu bem-estar. Tenho certeza de que posso encontrar uma situação para me apoiar até que minha família me perdoe.

Ela abriu as portas e correu pelo corredor. Em sua pressa, ao dobrar a esquina, ela esbarrou em um casal. Suas peças de roupa caíram no chão.

— Me perdoe! Todos disseram.

Alastair se abaixou para ajudar Millie

— Lorde Alastair, não é? — o homem perguntou. Como Alastair não respondeu, o homem ofereceu sua mão. — Sr. Cornell,

SUBMITTING FOR Christmas

ao seu serviço. Represento a Middlesex e devo dizer que fiquei muito satisfeito em saber que você rejeitou a proposta Farnsworth sobre teares de meia. Acho que ele pode apresentar um projeto de lei no ano que vem, mas pelo menos fomos poupados de sua consideração neste ano.

Suas roupas voltaram para seus braços, Millie se levantou e olhou para ele.

— Estou ansioso para servir no Parlamento com você, sua senhoria — acrescentou Cornell antes que ele e sua companheira continuassem seu caminho.

Alastair se virou para Millie. Seus olhos nadaram de emoção.

— Você não apoiou Farnsworth?

— Tínhamos um acordo, você e eu, não é?

— Sim, mas eu tinha pedido a você apenas para considerar o assunto mais do que você tinha considerado.

— E eu fiz. Fui a Nottinghamshire e observei as condições dos lavradores e tecelões. Seu número em casas pobres aumentou. Você me inspirou a considerar a causa deles com mais compaixão. A proposta Farnsworth não oferece solução para seu sofrimento. Ainda considero a quebra de máquinas um erro, mas não poderia enviar um homem à morte por isso. — Seu semblante iluminou-se com o que ele pensou ser afeto. Encorajado, ele pegou a mão dela. — Millie, você poderia me tornar um homem melhor.

— Você é muito melhor do que acredita.

— Se você acredita nisso, então há esperança em nosso casamento. Se você acha que sempre assumirei o papel de dominante como seu marido e senhor sobre você, garanto que não será o caso. — Mesmo se o fizesse, ele duvidava que ela se submetesse a isso. Ela tentou se afastar, mas ele manteve seu controle sobre ela. — Você tem minha permissão para me dar uma declaração apropriada quando eu for considerado autoritário.

— Alastair, pare com essa conversa. Eu não entendo...

— Você pode amar Winston hoje, mas vou conquistar seu afeto.

— Alastair, seu... Winston é...

Seu rosto escureceu.

— Você ainda nutre esperanças de que ele terá você?

— De modo nenhum. Eu não amo ele. Nunca o amei de verdade porque amava... — Perturbada, ela continuou a puxar a mão dele. — *Não* podemos casar!

— Por que não?

— Porque você é o marquês de Alastair.

— Não temo as consequências.

— Mas...

Ele a puxou para seus braços.

— Se você não ama Winston, por que não me quer?

Presa em seu olhar, ela parecia não ser capaz de falar. Quando ela o fez, sua voz era baixa e trêmula.

— Porque eu amo você.

O alívio o inundou. Ele queria sacudi-la um pouco pela angústia desnecessária que ela havia incitado.

— E eu pensei que você tinha um motivo adequado para me recusar.

— Esta *é* uma razão adequada! Não vou permitir que você faça tal sacrifício em meu nome.

— Não é nenhum sacrifício.

— Como não é um sacrifício? — ela persistiu em discutir.

— Porque eu *te* amo.

Ela se assustou, mas devolveu um olhar duvidoso.

— E eu falo sério — ele disse, segurando seu queixo. Então, desafiando-a a refutá-lo, acrescentou: — Tão sinceramente quanto você quis dizer quando afirmou que nunca quebraria uma promessa para mim novamente.

Seu lábio inferior tremeu.

— Alastair…

— Diga que você me quer Millie, e então podemos aproveitar o que resta do dia de Natal.

Ela seguiu seu olhar em direção ao teto, onde estava um galho do beijo.

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, ele reivindicou sua boca, demonstrando seu amor com seu beijo. Seus lábios se separaram de boa vontade para ele, e naquele momento, ele sentiu que o resto de sua resistência havia cedido, assim como o seu corpo havia se submetido a ele antes. Ele a beijou com ternura, com vigor e paixão.

Ele nunca teria pensado, quando Katherine orquestrou seu encontro pela primeira vez no Château Follet, que seu caminho juntos terminaria em casamento. Talvez Katherine tivesse suspeitado dessa possibilidade e, embora ele não apreciasse sua intromissão, ele a perdoaria dessa vez. Pois ele tinha em seus braços uma mulher digna de adoração e cujo corpo ele teria grande prazer em exaltar em todas as formas de devassidão perversa.

Quando ele se separou para dar a ela uma chance de recuperar o fôlego, ele sentiu um puxão familiar em sua virilha. Ele viu a mesma luxúria em seus olhos, bem como afeto.

— Feliz Natal, Alastair.

Ele sorriu e a apertou contra ele em outro beijo forte antes de lhe desejar um Feliz Natal também.

Continua

Sobre a Autora

Em Brown é uma autora premiada com várias publicações de romance erótico contemporâneo e histórico. Ela descobriu o lado pervertido de sua escrita depois de ler histórias em Literotica.com.

Ela gosta de encontrar inspiração em qualquer lugar e em todo lugar, seja em filmes clássicos, pornografia, fotos embaraçosas do ensino médio, suas sobremesas favoritas da Sara Lee e às vezes em que ela acidentalmente exibiu sua calcinha para o público.

SUBMITTING FOR Christmas

AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro

em redes sociais ou qualquer outro meio!

Quer baixar livros do PL? Entre no nosso grupo ou em grupos parceiros do Telegram, lá você encontrará todos os livros que disponibilizamos e acompanhará nossos lançamentos!

Postagens dos livros em outros meios podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são feitos e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, pirataria!

Seja esperta (o).